

Jill  
Mansell

Encontro  
Inesperado

*Tradução de Isabel C. Penteado*

*A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.*

**Outros títulos da autora:**

A Felicidade Mora ao Lado

A Pensar em Ti

Doce Vingança

Irresistível Tentação

Uma Oferta Irrecusável

Resistir ao Amor

Romance Atribulado

Encontro Inesperado

*Para a Lydia e para o Cory, com amor.  
Um agradecimento especial ao Carteiro Paulo e ao Sooty,  
pois sem as suas histórias este livro teria demorado  
o dobro do tempo a escrever.  
Agradeço também à Abby, minha enteada favorita, toda a sua ajuda.*



## Capítulo 1

O problema de uma pessoa ir à própria festa de despedida de solteira era que ninguém — mas mesmo ninguém — se dava ao trabalho de se fazer a ela, reparou Poppy Dunbar.

Possivelmente teria algo a ver com os três preservativos cheios de ar amarrados no topo do chapéu e com a placa de carro de instrução que ela tinha pendurada ao pescoço e que transmitia a mensagem: «Não se incomodem, rapazes». Ela estava o mais interdita possível. De repente — no que aos homens dizia respeito — tinha-se tornado invisível. Era uma sensação estranha, depois de anos a ser engatada em discotecas. Ela nunca tinha sido infiel a Rob, naturalmente, mas, ainda assim, era agradável ser-se notada.

— A quem o dizes — compadecera-se Dina quando Poppy lhe transmitira esta ideia umas horas antes. — Estou no mesmo barco, não estou? — Fez um ar triste. — Ninguém se faz a nós quando se está grávida de nove meses. É como se fôssemos freiras.

Não que, naquele momento, Dina corresse muito perigo de ser confundida com uma freira; não quando estava no meio da pista de dança a dar o seu melhor. A seu pedido, o DJ tinha colocado a velha música de Madonna, «Like a Virgin». A saia branca de licra de Dina tinha já trepado até meio das coxas e os sapatos de salto alto de verniz preto refletiam as luzes fluorescentes que se cruzavam rapidamente acima da sua cabeça.

Para freira grávida ela estava a sair-se bastante bem, pensou Poppy. Se o marido, Ben, a pudesse ver naquele momento, teria um ataque. O estilo de dança de Dina raiava o frenético; mais um pouco e ela decerto entraria em trabalho de parto. Se tal acontecesse, ela perderia o casamento e a oportunidade de usar o novo chapéu de palha cor-de-rosa. Oh, céus, pensou Poppy divertida, que desperdício de vinte e duas libras e noventa e cinco seria. Ben ficaria furioso.

Poppy deixou as três amigas a divertirem-se e dirigiu-se à casa de banho. Decidida a não estar de ressaca no dia do seu casamento, passara a noite a 7-Up, que estava a atravessá-la como as Cataratas do Niágara.

— Não faças isso, querida — disse uma rapariga, fitando o chapéu e a placa e revirando os olhos numa expressão trocista de horror ao passar por Poppy.

— Casar-se sem sequer estar grávida, — zombou outra, — isso é que é chique.

Examinando a imagem refletida no espelho enquanto lavava as mãos, Poppy pensou: *Raios, pareço uma imbecil com este chapéu!*

Todavia, tirá-lo seria ditar a sua sentença de morte. Aquele era o ritual, o modo como as coisas eram feitas. Numa festa de despedida de solteira, uma pessoa devia supostamente parecer imbecil, e quem não o fazia era uma autêntica desmancha-prazeres. As amigas nunca lhe perdoariam.

De chapéu ridículo intacto, Poppy saiu da casa de banho e começou a deslocar-se por entre a multidão agitada. À esquerda, a pista de dança estava naquela altura tão apinhada como aqueles comboios suburbanos japoneses onde as pessoas são enfiadas à força por guardas implacáveis.

O ar estava sufocante, fumarento e repleto de aromas. Poppy resolveu virar à direita e passou por entre as mesas. Um portas duplas ao fundo da discoteca davam para um lance de degraus em pedra que conduziam a um jardim murado.

Estava uma celestial noite de verão. O céu iluminado de estrelas. Poppy decidiu que estava a precisar de cinco minutos lá fora antes que Dina e as outras amigas se apercebessem de que não estava a divertir-se.

Quando descia a larga escada de pedra, passou por um casal que regressava de braço dado. Com a mão livre, o rapaz acendia um Silk Cut. Apenas por diversão, quando o cigarro já estava aceso, roçou-o pelo chapéu de Poppy. Um atrás do outro, como um tiroteio, dois dos preservativos explodiram. Apanhada de surpresa, Poppy perdeu instantaneamente o equilíbrio e caiu aos trambolhões sobre os últimos degraus, aterrando com um guincho sobre a relva.

Foi extremamente humilhante. A saia subiu com a deslocação do ar e a placa fez ricochete no queixo. O dedo grande do pé esquerdo doía como tudo. Só o ridículo chapéu permaneceu intacto.

As pessoas olhavam-na fixamente. No cimo das escadas, o rapaz do cigarro estava com um ar aflito. — A culpa não foi minha — disse ele à namorada. — Eu não a *empurrei*.

— Seu tolinho — respondeu a namorada num tom amoroso. — Anda, é a tua rodada. Eu quero um rum com groselha.

— Está tudo bem — disse uma voz masculina. Poppy, que estava ocupada a praguejar por entre dentes e a baixar a saia, sentiu um braço envolver-lhe a cintura. A voz continuou: — Acho que não há nada partido. Consegues ir até àquele banco?

Poppy deu por si a ser levantada e conduzida pelo relvado por alguém cujos caracóis escuros desgrenhados lhe davam um ar de anjo caprichoso. Um anjo com maçãs do rosto. Os olhos, tão escuros que pareciam pretos, contrastavam intensamente com a camisa branca. Ele era alto, magro e extremamente moreno, reparou Poppy. Quando ele a ajudou a sentar-se no banco de madeira, Poppy também reparou em dentes muito brancos, dois deles atraentemente tortos, e num sorriso estranhamente contagiante.

— Obrigada. — Grata por ter a dignidade pelo menos semi-recuperada, Poppy endireitou a placa no pescoço. — Como se eu não estivesse já a sentir-me suficientemente ridícula.

— Acho que os teus acessórios já deram o que tinham a dar. — Ele apontou para os preservativos rebentados que pendiam agora da aba do chapéu. — Espero que não estivesse a guardá-los para uma ocasião especial. — Calou-se por um momento, os olhos escuros perscrutando o rosto de Poppy. — Quando é o casamento?

Foi a sensação mais estranha que alguma vez teve. De repente, Poppy sentiu como se o conhecesse desde sempre. Ficou sem fôlego.

— Amanhã. — Aquilo era ridículo; dentro do peito, o coração dela dançava uma espécie de canção. Num esforço para se distrair da estranheza do que parecia estar a acontecer, Poppy dobrou-se e descalçou um dos sapatos. — Parece que vou ter de percorrer a nave da igreja ao pé-coxinho. Devo ter caído sobre o dedo grande. Se inchar, estou tramada.

— Já agora, chamo-me Tom.

— Certo. Tom. Eu sou...

— Poppy. Eu sei. Escutei a tua amiga grávida dizê-lo há bocado.

Poppy, que raramente ficava sem palavras, não conseguiu mais do que ficar quieta quando ele se dobrou, pousou o pé dela na palma da sua mão e começou a examinar cuidadosamente o pobre dedo magoado.

— Vais sobreviver — anunciou ele por fim.

— Ah, mas vou coxear?

Ele sorriu e o estômago de Poppy virou-se do avesso. *Céus*, pensou ela, *o que é que se está a passar comigo?*

— Não está suficientemente inchado para estar partido. Podíamos aplicar-lhe uma compressa fria, se quiseres. Ou isso, ou cancelar o casamento.

— E provocar um esgotamento nervoso à minha futura sogra — disse Poppy, tentando brincar e indagando-se quando iria começar de novo a sentir-se normal. — Por favor. Neste preciso momento estão quinhentos folhados de salsicha no forno.

A alguns metros de onde se encontravam havia um lago artificial com lírios e uma pequena fonte. Tom retirou um lenço azul-escuro do bolso

e colocou-o sob a corrente de água que caía de uma estátua de pedra em forma de sapo. Regressando ao banco, pousou o pé descalço de Poppy sobre o seu joelho e enrolou o lenço em volta do dedo magoado. Sem sequer pensar, Poppy tirou o chapéu e a placa do pescoço.

Ele olhou-a de soslaio. — As tuas amigas não vão estranhar a tua ausência?

— Provavelmente. — Poppy já não queria saber. — E os teus amigos, não?

— Os meus já se foram embora. Vim de Londres passar o fim de semana com o meu irmão e a namorada — explicou Tom. — Há cerca de uma hora, os dois envolveram-se numa tremenda discussão. E o pior com as brigas deles é que costumam atirar pratos um ao outro. Por isso, quando eles saíram apressadamente para casa, eu pensei que era melhor ficar mais um pouco. Deixá-los à vontade — concluiu ele, divertido.

*Ele é de Londres e, decididamente, eu nunca o tinha visto, pensou Poppy, aturdida. Então como é que é possível que eu, que não sei absolutamente nada acerca deste homem, sinta que o conheço há anos?*

— Claro está que agora estou satisfeito por ter ficado — disse Tom enquanto lhe massajava o peito do pé.

— Ai sim? Queres dizer que tens um fetiche por pés?

Ele riu-se. — Talvez isso também. Raios! Haverá pior timing que este?

O coração de Poppy falhou mais um batimento. Se ele estava a querer dizer o que ela achava que ele estava a querer dizer, era exatamente o mesmo que estava a passar pela cabeça dela. Um pouco de atração mútua instantânea era uma coisa, mas apaixonar-se realmente — apaixonar-se de verdade — por um completo estranho não era possível. Ou era?

*É uma reação nervosa, pensou ela, num pânico subconsciente de última hora. Estou apenas contente por, finalmente, alguém estar a dar-me um pouco de atenção, mesmo que, para isso, eu tenha tido de magoar o dedo do pé.*

— Quem me dera que não te casasses amanhã — disse Tom.

— Aqui estás tu!

Gritando acima da cabeça da cerca de uma dúzia de pessoas que as separava, Dina desceu ruidosamente o lance de degraus nos seus ridículos saltos altos. Poppy retirou imediatamente o pé do colo de Tom.

— A esconderes-te — disse Dina com uma voz esganiçada, inspecionando Tom com interesse. — Que raios estás a fazer aqui fora? E quem és tu?

— A tua amiga caiu das escadas e pensou que podia ter partido o tornozelo — disse Tom. — Eu sou médico.

Poppy fitou-o. — És?

Ele sorriu.

— Poppy, tu não tens emenda. — Dina tornou a virar-se para Tom. — Bem, e *está* partido?

— Não.

— Ainda bem. Então já posso arrastá-la para a pista de dança.

Consternada, Poppy disse: — Oh, mas...

— Ora, nada de desculpas. — Dina segurou-a pelo braço e sorriu afetadamente. — Eu ajudo-te.

— Mas o dedo dói-me — queixou-se Poppy que, mais do que qualquer outra coisa, queria ficar ali fora.

Dina revirou os olhos. — Se achas que isso dói, experimenta ter um filho.

— Talvez devesse — disse Tom em voz baixa. Já não estava a sorrir. — Regressar para dentro, quero dizer. Desculpa... tu sabes, o que se passou ainda agora. Eu não devia ter dito aquilo.

— Dito o quê? — exigiu Dina saber.

— Ele disse-me que eu parecia uma idiota de chapéu — mentiu Poppy, levantando-se finalmente e apercebendo-se de que ele tinha razão. Ela tinha de voltar para a festa e fingir que aquele encontro nunca tinha acontecido. Tinha de fingir que estava a divertir-se em grande. E no dia seguinte tinha de casar-se com Rob McBride.

— Vai. — Os olhos negros como carvão de Tom não tinham deixado o rosto dela. O sorriso dele foi fraco. — Feliz casamento e felicidades.

— Adeus. — Poppy mordeu o lábio.

— Rápido! — guinchou Dina, quase desencaixando o braço de Poppy quando ouviu a mudança de ritmo da música atravessando as portas duplas. — Gary Glitter, o meu favorito!

O dedo grande do pé ainda doía como tudo mas Poppy já não se importava. Tinha dançado como louca durante a última hora, obrigando-se a não pensar em Tom. De qualquer forma, ele tinha-se ido embora. Ela vira-o partir. Tinha apenas sido um daqueles momentos insólitos e agora tinha acabado. Ela ia concentrar-se antes na vida real.

Às dez para as duas, o DJ preparava-se para dar a noite por encerrada. As últimas três ou quatro músicas tinham sido sempre lentas. Susie e Jen estavam a dançar com dois irmãos que afirmavam, de modo algo arrojado, ser pilotos de aviação. Dina estava a massajar os tornozelos doridos debaixo da mesa. Deu um encontrão em Poppy. Esta, que estava a vasculhar o fundo da mala em busca de dinheiro para o táxi, não ergueu os olhos.

— Oh, doutor, estou com problemas — cantou Dina. Ela não parecia nem um pouco a Sophia Loren.

— O quê?

— Aquele tipo que não conseguia tirar as mãos do teu pé. — Com ar triunfante, viu a cabeça de Poppy levantar-se de repente. — Hum. Parece que também não consegue manter-se afastado.

— Não gozes!

— Se queres dançar, dança. — Dina fez um ar presunçoso. — Não te rales comigo.

A última música da noite foi «Lady in Red».

— Ainda bem que não tinhas nada vermelho vestido — disse Tom. — Teria sido demasiado kitsch.

Poppy, que tinha o coração aos saltos, não lhe disse que tinha cuecas vermelhas.

— Pensei que te tinhas ido embora — disse ela.

— E fui. Mas depois voltei. Tinha de ser. — Inclinando a cabeça, murmurou-lhe ao ouvido: — Quero que saibas que não costumo fazer isto. Não é nenhum tipo de hobby bizarro, caso estejas a indagar-te.

Por cima do ombro dele, Poppy viu Jen e um dos pilotos de avião a correr na sua direção. Jen piscou o olho.

— Cuidado com o que fazes com a minha futura priminha — disse a Tom. — Amanhã, por esta hora, ela já será uma mulher casada. Temos ordens para a manter debaixo de olho esta noite.

*Isto é horrível*, pensou Poppy, começando a entrar em pânico à medida que a música se aproximava do fim. *A noite vai acabar a qualquer instante e vamos ter de ir embora. Como é que isto pode estar a acontecer-me? Preciso de mais tempo...*

Em voz baixa, Tom disse: — As tuas amigas vão dar pela tua falta se nos escapulirmos agora?

— Claro que sim! — Perto do desespero, Poppy sentiu os seus dedos enterrarem-se nos braços dele. — A Dina já chamou um táxi para nos levar a casa.

— Ok, a decisão é tua. — Tom sacudiu uma madeixa de cabelo escuro encaracolado, examinando intencionalmente a cara dela por um momento. — No Delgado's, aquele café na Milton Street que está aberto a noite toda. Sabes qual é, o que fica mesmo em frente da universidade?

Poppy anuiu com a cabeça, incapaz de falar.

— Espero lá por ti. Até às três. Se quiseres ver-me, é lá que eu vou estar. Se não quiseres... bem, não vais aparecer.

— Isto não tem piada. — Poppy constatou que estava a tremer. — Não estou a gostar nada disto. Estou a detestar.

— Estás a querer dizer que preferias não me ter conhecido? — Por um segundo, Tom passou levemente um dedo pela face trémula. — Muito bem,

se é isso que sentes. Se é isso que sentes *realmente*. Vai para casa. Tem uma boa noite de sono. Continua como se esta noite nunca tivesse acontecido. Casa-te...

— O táxi está à nossa espera — informou Susie com um floreado melodramático. Passou a mala a Poppy e começou a empurrá-la em direção à porta. Olhando de Poppy para Tom e de novo para Poppy, entoou: — Senhoras e senhores, o vosso tempo acabou. Chega de namorisco, chega de danças românticas com estranhos atraentes, nada de escrever o número de telefone a esferográfica nas costas da mão dele e rezar para que não chova a caminho de casa. A miúda já não está disponível. Amanhã vai dar o nó.

## Capítulo 2

A viagem do centro de Bristol até Henbury às duas da manhã demorava normalmente dez minutos. Daquela vez foi interrompida por uma série de paragens e arranques.

*É pior do que a maldita dança das cadeiras*, pensou Poppy, esforçando-se por não gritar quando, ao avistar uma casa de hambúrgueres ainda aberta, Jen pediu ao motorista para parar. Susie já o tinha feito correr todos os terminais de caixa automática multibanco em busca de algum que estivesse a funcionar. Se Dina dissesse outra vez que precisava de ir a uma casa de banho, Poppy tinha a certeza de que teria um esgotamento nervoso. Por aquele andar, nem às quatro chegariam a casa.

Mas lá chegaram, finalmente. Dina, com a bexiga quase a rebentar, foi a primeira a ser deixada à porta de casa. Depois Susie e, por último, Jen. Quando se despedia de cada uma delas com um beijo, Poppy indagou-se como reagiriam se soubessem o que estava a passar-lhe pela cabeça. Jen era prima de Rob, Dina era cunhada. Cerca de uma hora antes, Susie tinha confidenciado alegremente: — Se eu encontrasse e me casasse com alguém com metade da simpatia do Rob, ficava tão feliz!

— Edgerton Close, não é, menina? — perguntou o taxista por cima do ombro quando já só restava Poppy no carro.

Poppy olhou pela quinquagésima vez para o relógio de pulso. Um quarto para as três. Inalou profundamente.

— Para o Delgado's, Milton Street. Em frente da universidade. Rápido, por favor.

O Delgado's era um café muito utilizado pelos estudantes e habituais frequentadores de discotecas. Poppy, que o visitara algumas vezes no passado, sabia que este valia mais pelo ambiente do que pela comida.

Mas com o exterior pintado de branco e as persianas azuis-escuras, tinha de facto muito bom aspeto. Numa noite como aquela, Poppy sabia que o estabelecimento estaria ainda mais movimentado do que de costume, cheio de pessoas a exibirem o bronzado, a aproveitarem ao máximo

o tempo perfeito, enquanto este durava, e a fingirem que não estavam em Bristol mas no Sul de França.

Enquanto o táxi parava mesmo em frente, Poppy interrogou-se o quão estúpida se sentiria se entrasse e ele não estivesse lá. Olhou de novo para o relógio. Um minuto para as três.

Então viu-o, sentado sozinho numa das tão procuradas mesas à janela. Estava recostado na cadeira a mexer lentamente o açúcar do café e a fumar um cigarro.

A pulsação de Poppy começou a acelerar. Daí a doze horas ela devia estar a percorrer a nave da igreja de St. Mary de braço dado com o pai. Daí a pouco mais de doze horas, tornar-se-ia Poppy McBride, mulher de Robert e mãe — em devido tempo — de três, talvez quatro, pequenos McBride. Estava tudo planeado, incluindo os nomes próprios e a cor do papel de parede do quarto das crianças. Rob era exímio a fazer planos.

— Aqui, menina? — O taxista denotava sinais de inquietação. Como Poppy continuava sem se mexer, o homem acendeu um cigarro e exalou com força, fazendo o fumo ricochetear do para-brisas para a parte de trás do táxi. Aquele truque costumava funcionar.

Poppy nem sequer reparou. Viu Tom olhar para o próprio relógio e olhar pela janela. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que se saísse do táxi naquele instante, a sua vida mudaria drasticamente e para sempre.

O taxista ajeitou-se no banco e olhou para ela. — Não me diga que adormeceu aí atrás.

Dificilmente. Inundada de adrenalina, Poppy indagou-se se algum dia conseguiria voltar a adormecer. Os dedos deslizaram até ao manípulo da porta.

— Olhe, menina, — começou o taxista, — nós não podemos...

— Edgerton Close — disse Poppy abruptamente, cerrando os punhos e obrigando-se a não sair do carro. — Por favor.

— Quer voltar para Henbury? — O taxista fitou-a boquiaberto. — Tem a certeza?

— Não, mas vamos à mesma. — Desviou o olhar do café e susteve a respiração até o táxi chegar ao fim da Milton Street. Não havia nada a fazer, ela não conseguia ir para a frente com aquilo.

A má notícia era que ela também achava que não ia conseguir ir para a frente com o casamento.

Como dormir estava fora de questão, Poppy nem sequer se deu ao trabalho de se deitar. Em vez disso, enquanto bebia um chá atrás do outro e deambulava pelo quintal das traseiras, recapitulou na sua mente o que tinha

acontecido até então. E, com os nervos em franja, o que tinha de ser feito em seguida.

Às seis o Sol já brilhava num imaculado céu azul e, no piso superior, Poppy ouviu o pai começar a mexer-se. Tomou um duche, passou um pente pelo cabelo emaranhado, lavou os dentes e vestiu uma t-shirt branca e umas calças de ganga. Depois bateu à porta do quarto dele.

— Pai? Fiz-te chá.

Desde a morte de Laura Dunbar, dez anos antes, o pai não tivera mais nenhuma mulher. Poppy sentira desesperadamente a falta da mãe após o terrível acidente em que um camião descontrolado descera desenfreadamente Henbury Hill, atingindo Laura e provocando-lhe a morte imediata. A mãe fora uma pessoa divertida e carinhosa, vivaz e abertamente afetuosa. E adorara Poppy, sua tão amada, e única, filha.

Nos primeiros meses que se seguiram ao acidente, Poppy perguntara-se a si mesma porque é que o camião não podia antes ter ficado sem travões em frente do seu pai. Era vergonhoso sequer pensar, mas uma menina de doze anos nem sempre conseguia controlar os pensamentos. E teria sido tão mais fácil perder o pai reservado, sisudo e silencioso que nem sequer parecia gostar assim tanto dela.

Mas não fora assim que acontecera. Tinha sido Laura a morrer e Mervyn Dunbar nunca tinha tentado substituí-la. Gradualmente, Poppy tinha-se habituado ao facto de que, a partir daquele momento, seriam apenas eles os dois. Poppy tinha feito tentativas heroicas para aprender a cozinhar. Tinham uma empregada de limpezas duas vezes por semana para manter a casa higiénica.

Apesar dos esforços de Poppy, o pai tinha continuado a tratá-la mais como a uma estranha na casa do que como a uma filha. Por sua vez, ela começara a sair bastante. Ele era pai dela, mas Poppy não tinha a certeza de o amar. Era difícil amar alguém que obviamente não correspondia esse amor.

Agora, depois de lhe ter batido à porta do quarto, esperava por ele lá em baixo na cozinha. Dez minutos depois, ele apareceu, todo vestido.

— Pai, não consigo ir para a frente com isto. Vou ter de cancelar o casamento.

Poppy viu-o soltar um suspiro antes de pegar lentamente na chávena de chá. Quando acabasse de dar o primeiro gole, ele faria uma careta. Ela sabia disto porque era o que ele sempre fazia quando era ela a fazer o chá.

— Porquê? — disse finalmente o pai depois de engolir e de fazer uma careta. — Que te fez ele?

— Nada. O Rob não fez nada de errado. — Poppy passou os dedos pelo cabelo molhado, encolhendo-se quando uma madeixa ficou presa no

anel de noivado. O pequeno diamante cintilava ao sol. Ela ia ter de o devolver. — Sou eu. Não sou capaz de ir com isto por diante.

— E só agora é que te apercebeste disso?

— Pois, eu sei.

— Gostas, não gostas? — disse amargamente o pai. — De causar problemas?

Ela olhou fixamente para ele, horrorizada. — Oh, claro que não!

— Foste sempre fonte de problemas.

— Não fui nada! — disse Poppy quase aos berros, escandalizada com a mentira. Se havia coisa que ela nunca tinha sido era desordeira.

— És como a tua mãe. — A voz de Mervyn Dunbar transformou-se num sussurro. Com o cabelo ruivo afastado da testa daquela maneira, Poppy parecia-se tanto com a mãe que era desconcertante. E ela tinha agora vinte e dois anos; a mesma idade que Laura tinha quando ele a havia conhecido.

O quanto amara Laura, pensou ele cansadamente. E o quanto ela o magoara em resposta.

— Que queres dizer com isso? — Poppy começou a sentir-se nauseada. Nunca tinha ouvido o pai dizer nada parecido. A mãe era um assunto que ele parecia nunca querer discutir.

Mervyn Dunbar acabou de beber o chá. — Nada. Só estou a dizer que gostas de um pouco de drama. Só isso. E o que acontece depois de teres cancelado o casamento? Já pensaste nisso?

— Não propriamente...

— E onde vais morar? Ou, — disse Mervyn pesadamente, — isto significa que vais continuar aqui?

Era irónico, pensou Poppy, que se tivesse preocupado em deixar o pai sozinho. Apesar de normalmente não ser lenta, só naquele momento constatou que ele até ia preferir que ela lhe saísse do caminho.

— Tudo bem, eu saio de casa — disse ela hesitante, sem ter tido tempo ainda de pensar bem nas coisas. — Não sei para onde vou. Talvez saia de Bristol. Pelo menos assim não vou passar o tempo a dar de caras com o Rob e com a família dele. E os amigos todos dele...

Poppy deu um pulo quando o jornal atravessou a ranhura da porta e caiu no chão do hall de entrada. Olhou para o relógio da parede da cozinha. Dez para as sete. Oh, céus, era melhor pôr-se a caminho. Pobre Rob. Não ia ficar muito satisfeito.

## Capítulo 3

Aquilo era basicamente a declaração do ano. Depois de calcorrear os cerca de oitocentos metros até à casa geminada onde Rob vivia com os pais e os irmãos mais novos, Poppy e o seu dedo dorido chegaram às sete horas para encontrarem os McBride já de pé e bastante atarefados. Margaret McBride, que tinha insistido em fazer a comida toda para o copo-d'água, estava a embrulhar em película aderente tudo o que estava à vista e a transportar bandejas de entradas para os carros que estavam estacionados à porta. Os rapazes mais novos estavam a empanturrar-se de ovos cozidos enquanto a mãe estava de costas voltadas para eles. Sentado de costas completamente hirtas à entrada da cozinha como o militar que outrora tinha sido, o pai engraxava meticulosamente uma longa fila de sapatos.

— Tu o quê?! — perguntou Rob quando Poppy o informou da decisão na privacidade da impecável sala de estar.

— Desculpa. Lamento muito. Mas não posso casar-me contigo. — Estremeceu por dentro ao ouvir o som das próprias palavras. *Pobre Rob, ele não merecia mesmo isto.*

Poppy desejava não ter de estar ali a fazer tal coisa, a infligir tamanha dor. A tentação de esquecer tudo — de ir simplesmente para a frente, que diabos, e casar-se com o homem — era enorme. Ela conseguia compreender porque não havia muita gente a cancelar o casamento no dia em que este devia ter lugar.

O que era realmente horrível, constatou ela quando ergueu o olhar momentos depois, era que Rob estava a sorrir.

— Poppy. Então, querida, acalma-te. É *normal* ter-se nervos de última hora, sabes bem. Não te lembras de um artigo sobre o assunto que saiu naquela revista da mãe na semana passada? Ela leu-to.

Poppy ficou rígida quando, ainda a sorrir, ele a puxou para os braços num abraço tranquilizador. Que horror, ele não acreditava nela...

— Isto não são nervos de última hora. — Poppy levantou o queixo, apercebendo-se de que tinha de se certificar que desta vez era compreen-

dida. — Estou a falar a sério, Rob. Desculpa, eu sei que vais odiar-me por fazer isto, mas temos de cancelar o casamento. Temos *mesmo*.

Como Susie comentara na noite anterior, seria difícil encontrar marido melhor que Rob McBride. Ele era charmoso, era honesto, era demasiado generoso. Com uma constituição física sólida, a despreziosa boa aparência, o trabalho heroico de bombeiro e a bondade tanto para com os idosos como para com as crianças, era tudo o que uma rapariga podia querer. Não bebia, não jogava e não era mulherengo. Sabia colocar prateleiras. Nem sequer se importava que Poppy não soubesse cozinhar.

Olhando fixamente para ela, Rob disse: — Isto é uma piada?

— Não.

— Poppy, não se pode simplesmente cancelar um *casamento*...

— Podemos, sim.

— Mas porquê? — Rob já não estava a sorrir. A compleição estava três tons mais pálida. As sobrancelhas escuras uniram-se enquanto ele tentava compreender o que estava a passar-se. — Isto não tem piada nenhuma, sãbias? Vá lá, conta-me o que aconteceu. Porque não te queres casar?

O corpo dele era bem musculado, aprimorado com desporto regular e exercícios de musculação. Poppy podia ver que cada um desses músculos estava num estado de tensão rigidamente controlada. Pelo menos não tinha de recear que ele lhe batesse. Bater na mulher não era algo que Rob fosse capaz de fazer. Só que ela já não ia ser sua mulher, constatou tardiamente Poppy. Ela era a cadela que estava a dar-lhe com os pés praticamente no altar. Ele podia não conseguir evitar dar-lhe um estalo na face.

— Eu perguntei — repetiu Rob friamente — porque é que não queres casar-te.

— Olha, não é nada contigo, sou eu — apressou-se Poppy a explicar. — Não fizeste nada de errado. Isto é tudo culpa minha. A questão é que não seria justo casar-me contigo. Não seria justo nem para ti nem para mim. Oh, Rob, eu sei que não paro de dizer que lamento, mas lamento mesmo. Sabes, eu já não te amo o suficiente...

— Há outra pessoa. — As palavras saíram por entre dentes cerrados. Os olhos cinzentos-claros de Rob pareciam farpas de gelo. — É isso que estás a tentar dizer-me? Conheceste outra pessoa?

Não valia a pena. Poppy constatou que mais valia ser sincera. Ele merecia isso.

— De certa forma, acho eu. Mas...

— De certa forma? — gritou Rob. — De certa forma?! E que diabos queres tu dizer com isso?

Poppy tentou imaginar o que estaria a acontecer naquele momento do outro lado da porta da sala de estar. A família de Rob devia estar naquela

altura a escutar cada palavra. Os seus ouvidos deviam estar bem colados à madeira recentemente polida.

— Não vou trocar-te por outro homem, Rob.

A expressão de puro horror no rosto dele dizia tudo.

— Nem por outra mulher — acrescentou Poppy rapidamente. — Por favor, tenta compreender. Não estou a deixar-te *por* outro homem, mas é por causa de outro homem. É alguém que conheci superficialmente. Muito superficialmente. E não vou tornar a vê-lo. Mas ele fez-me compreender que não podia casar contigo — disse ela com um impotente encolher de ombros. — Ele fez-me compreender que não te amo tanto quanto deveria. Na verdade, tudo o que eu sempre quis foi uma desculpa para sair de casa e tornar-me parte de uma... uma família *feliz*.

— Então, todas as vezes que eu fazia horas extraordinárias para conseguir juntar um pouco mais de dinheiro para a casa, — disse lentamente Rob, — tu estavas a comer outro tipo nas minhas costas.

— Não, não estava. Eu não dormi com ele — explicou Poppy. — Nem sequer o beijei. Sei que parece bizarro...

— Bizarro não seria bem a palavra que eu utilizaria. Sabes que horas são? — Espetou o relógio debaixo do nariz dela. — Sete e meia. É suposto estarmos a casar dentro de seis horas. Que raios és tu, alguma sádica? Se tinhas de cancelar, não podias ao menos tê-lo feito mais cedo?

— Não...

— Mas quem é esse pinga-amor? — perguntou Rob furiosamente. — Para o bem dele, é melhor que não seja ninguém que eu conheça. E tu podes dizer-me há quanto tempo isso dura.

— Não é ninguém que tu conheças — disse Poppy. — Para dizer a verdade, também não é ninguém que eu conheça. E não dura há tempo nenhum — acrescentou ela com cansaço. — Só o conheci ontem à noite.

A hora que se seguiu foi tão horrível que pareceu arrastar-se semanas. Eficazmente acuada pela descontente família de Rob, Poppy começou a perguntar-se se alguma vez a deixariam partir. O mais assustador de tudo era a recusa perentória dos familiares em aceitar a sua decisão. Margaret McBride continuava a envolver sinistramente folhados de salsicha e pratos de quiche de queijo e espargos em película aderente.

— Não estás a falar a sério — disse o pai de Rob pela décima vez. Apontou para a mesa da cozinha, que estava a abarrotar de *vol-au-vent* de camarão e tubos de Twiglets. — Não se pode desperdiçar comida boa desta.

— Eu pago a comida — disse Poppy em desespero. — Pago tudo. *Por favor*, não podemos ligar para o padre...?

— Não te preocupes com o custo — gritou Margaret McBride. — E a humilhação? Como é que o nosso filho vai ultrapassar isto? Nem sequer es-

tás a ser lógica, Poppy! Se quisesses fugir com outro homem, eu podia compreender, mas isto... isto não passa de um capricho, uma ideia estúpida que te passou pela cabeça. E é egoísta. Egoísta, — continuou ela furiosamente, lágrimas inundando-lhe os olhos, — porque vais destruir o meu filho se lewares isto por diante. Como é que ele vai sobreviver à vergonha?

— Que vergonha? — perguntou Rob exaltado. Já estava farto. Para ele era óbvio que Poppy não tinha intenção de mudar de ideias. Que diabos, porque é que ele havia de ficar ali a ouvir a mãe protestar por ele? Estava a fazê-lo parecer um perfeito banana.

Virou-se para Poppy. — Tu é que devias ter vergonha.

— Eu sei — disse Poppy. Ela não queria saber o quão enraivecido ele estava a ficar; seria quase um alívio se ele lhe desse um murro no nariz. Ela só queria que o confronto terminasse. — Eu sei que a culpa é toda minha...

— Claro que é! — Os músculos de Rob ainda estavam completamente retesados, mas ele não batia em miúdas. Nunca tinha batido e nunca ia bater. Mas isso não importava; havia outras maneiras de se vingar de Poppy Dunbar, formas melhores de a atingir. — E o que pensa o teu querido paizinho de tudo isto? Suponho que já lhe tenhas dito — disse ele com suavidade.

— Não ficou muito satisfeito. — Poppy começou a relaxar ligeiramente. Parecia que Rob estava a começar a aceitar finalmente a situação. — Ele disse que eu estava outra vez a causar problemas...

— Causaste os suficientes quando nasceste, não foi?

— Rob — disse a mãe em tom reprovador.

Confusa, Poppy ecoou: — Quando nasci?

— Seja como for, porque é que ele há de dar a mínima para se tu casas ou não? O Mervyn Dunbar não é teu pai. — Rob estava deleitado. A boca curvou com prazer. — Céus, quanta surpresa — disse ele com ar triunfante. — Pensei que todos aqui soubessem disso.

## Capítulo 4

Aos vinte e dois anos de idade, Claudia Slade-Welch tinha muita coisa a seu favor. Ela estava ciente disso porque era o que as pessoas estavam constantemente a dizer-lhe. Tinha sorte por ter um espesso cabelo louro, sorte por ter uns seios esplêndidos — não era preciso um Wonderbra — e sorte por ter pernas suficientemente compridas para contrabalançar o que, de contrário, poderia parecer um rabo relativamente grande.

A sorte não ficava por aí. Como se isso tudo não bastasse a uma rapariga, Claudia tinha também sido abençoada com uma mãe infundavelmente encantadora e um pai que não só era charmoso como, ainda por cima, famoso. Só quando alguém lhe perguntava onde morava, é que as pessoas eram capazes — por breves instantes — de sentir compaixão em vez de inveja da sua pessoa. Alugar um quarto em casa de um amigo não soava a nada de glamoroso, pensavam. Parecia banal, se não completamente enfadonho. Até alguém mencionar por acaso que o amigo em questão era Caspar French. Nessa altura toda a gente, especialmente as mulheres, mudava de opinião num instante e balbuciava: — Meu Deus, que fantástico! Sua grande *sortuda*...

O problema é que, tal como Claudia se havia apercebido ao longo dos anos, ela nunca se sentia realmente tão sortuda como todos achavam que deveria sentir-se. Enquanto criança, e entusiasta leitora de Enid Blyton, desconfiara inicialmente que a mãe não era uma mãe normal ao estilo Enid Blyton. Para começar, as mães normais ao estilo Enid Blyton nunca se chamavam Angie. Nem se enfiavam em minivestidos pirosos, nem engatavam quase tudo o que usava calças, desde o célebre ciclo de colegas atores do marido até ao querido professor de Claudia, o Sr. Elliott.

O tempo não melhorara as coisas. As mães normais deviam ser mais altas que os filhos. Claudia, que não parava de crescer como um girassol demasiado regado, tinha ultrapassado a pequena Angie, de apenas um metro e meio, antes de completar os onze anos de idade. Claudia descobriu que ser-se vinte e cinco centímetros mais alta que a própria mãe não era uma sensação agradável. E não ajudava nada o hábito que Angie tinha de

salientar o facto sempre que tinha oportunidade, de enviar dietas por fax para a diretora da escola da filha e de gritar bem alto em festas: «... e eu que pensava que o propósito de se ter meninas era poder-se pedir-lhes a roupa emprestada! Digam-me, onde foi que eu errei?»

Não era o tipo de comentário que uma mãe ao estilo Enid Blyton faria. Certa vez, o pai de Claudia tinha reclamado com a mulher, naquele seu modo famosamente sexy e descontraído. Mas Angie, que nunca dava ouvidos a ninguém, muito menos ao marido, tinha continuado na mesma. Então seguiu-se o divórcio e Claudia pouco vira o pai nos anos subsequentes. Sempre que ele regressara de Hollywood, ela não se atrevera a queixar-se. Em vez disso, suportara estoicamente os insultos da mãe, fingindo antes estar mais feliz que nunca. Com o passar dos anos, ela tivera o cuidado de não apresentar Angie a nenhum namorado de que gostasse particularmente.

Uma semana após o seu décimo oitavo aniversário, Claudia saiu de casa e alugou o primeiro dos vários apartamentos caoticamente partilhados.

Mas era impossível um afastamento completo de Angie, a não ser que fizesse as malas e emigrasse para a Sibéria. Nos últimos dois anos envolveu-se apaixonadamente com um proprietário de hotel já casado na Costa Smeralda e Claudia tinha gostado do sossego. Agora esse romance tinha terminado. O proprietário do hotel, possivelmente receando pela sua saúde, tinha decidido ficar com a mulher rica. E Angie Slade-Welch, com a sua repugnante cintura de meio metro e os seus sapatos de salto agulha tamanho trinta e cinco, estava de volta.

Ela não tinha sido convidada para a festa daquela noite, mas, como já era de prever, tinha aparecido. Observando, de uma distância segura, a mãe abordar um bem constituído escultor amigo de Caspar e entrar em ação, Claudia tirou distraidamente três canapés de camarão com pepino da bandeja de uma das empregadas de mesa que andava a circular.

— Se quiseres fazer algo de útil, — disse uma voz sobre o seu ombro, — podes sempre apresentar-me àquele borracho que está a falar com a tua mãe. Quando ela terminar, é claro.

Claudia virou-se para Josie, uma ex-companheira de apartamento do ano anterior.

— Quando a minha mãe terminar, talvez já não haja grande coisa para apresentar.

Josie riu baixinho. — Bem, se houver.

— E, de qualquer forma, não sei quem ele é. — Claudia tentou não soar aborrecida, mas era um pouco de mais. Era o seu aniversário, supostamente a sua festa, e ela tinha desembolsado uma fortuna no catering. Porém, Caspar tinha feito o truque do costume e sugerido de passagem que

talvez convidasse alguns amigos também. «Só para compor a festa», havia ele dito com um sorriso antes que ela pudesse objetar. «Não precisas de fazer essa expressão de alarme, Claudie, são só uma meia dúzia. Nada de indesejáveis, prometo».

A culpa era sua, decidiu Claudia com um suspiro, por ter sido suficientemente estúpida para acreditar nele. Mas continuava a ser irritante ter a festa invadida por tantos amigos de Caspar a ponto de haver mais estranhos na casa do que pessoas que ela conhecia realmente. E ainda por cima comiam como cavalos. O responsável pelo serviço de buffet, de lábios contraídos por ela só ter requisitado comida para quarenta convidados, tinha acabado de a avisar de que esta estava prestes a acabar.

O que mais chateava Claudia era o facto de — depois de ter conseguido apoderar-se da sua festa de aniversário — Caspar não ter tido sequer a cortesia de aparecer. *E todos pensam que eu sou tão sortuda por estar a viver nesta casa*, pensou Claudia com uma expressão rebelde no rosto. Ugh!

— Onde está o Caspar? — perguntou Josie, o olhar apreciativo ainda no escultor de ombros largos.

Claudia fez uma careta. — Parabéns. És a quinquagésima pessoa a fazer-me essa pergunta esta noite.

— Ora, anima-te!

Claudia tentou. — Ok. Desculpa. É que ele é simplesmente insuportável. — Atirando para trás o pesado cabelo louro, sacudiu a cabeça em exasperação. — Sabes, é que ele nem sequer saiu. Está lá em cima no estúdio a *pintar*. Fui lá bater à porta às nove horas. Ele não saiu. Disse que estava em maré de sorte e que não se atrevia a parar. — Claudia, cujo conhecimento sobre arte se resumia basicamente à gravura de um lírio que tinha estampada na capa do edredão, olhou com aversão para um dos quadros de Caspar pendurado por cima da lareira. — Não vejo qual é a pressa. As coisas dele já estão a vender-se muito bem. E não é que ele esteja com dificuldades financeiras.

Josie era ligeiramente mais entendida. — O dinheiro não significa nada para estes artistas.

— Claro que não — disse Claudia com ar sério. — Particularmente quando toca a oferecerem-se para dividir as despesas na comida.

— Para de te queixar. Não sabes a sorte que tens. — A empregada de mesa estava de volta com a sua bandeja. Josie escolheu o canapé com o maior camarão no topo. Com a boca cheia de massa folhada, disse: — Eu adorava viver aqui.

— Podemos tratar disso. O Oliver vai sair de casa no final desta semana. Vai regressar a Nova Iorque. — O pensamento de Claudia estava noutras coisas. Aquela era a terceira vez que a empregada de cabelo ruivo

passava com a mesma bandeja. Tocou no braço da rapariga. — Desculpa. Gostávamos de provar os blini.

— Lamento, mas já acabaram — disse a rapariga de cabelo ruivo. — Já só há estas coisinhas de pepino.

Os mini-blini recheados com caviar, uma especialidade da Cozinha da Kenda, eram o que Claudia mais havia ansiado toda a noite. Mas tinham sido deglutidos por uma cambada de filisteus gastronómicos que, sem qualquer sombra de dúvida, teriam ficado igualmente felizes com sardinhas em tosta. Era realmente o cúmulo!

*Raios os partam!*, praguejou Claudia em pensamento, achando melhor não o fazer em voz alta.

— Hum, se vai ficar um quarto livre nesta casa, — disse a empregada de mesa, — eu estava interessada.

Claudia não teria feito um ar mais espantado se um dos camarões tivesse aberto a boca e perguntado as horas.

Josie desatou a rir às gargalhadas. — Isso é que é agarrar a oportunidade.

— Peço desculpa, — disse a empregada, registando a expressão na cara de Claudia, — mas quem não arrisca não petisca. E eu estou desesperada.

Poppy não estava a exagerar. Cancelar o casamento três meses antes tinha sido a parte fácil. Tornar-se conhecida — praticamente por todo o norte de Bristol — como a Rapariga Que Deu Com os Pés em Rob McBride, tinha sido algo muito mais complicado. Uma velhota, cujo gato amarelo Rob tinha em tempos resgatado de uma árvore, tinha gritado ofensas através da ranhura do correio da porta de casa de Poppy. Ela tinha recebido telefonemas horríveis. Ao passar por ela na rua, uma das mais antigas namoradas de Rob tinha-lhe chamado vagabunda. E o pai de Poppy — que já não era seu pai — dissera friamente: «Acho que é melhor saíres».

E era por isso que, apenas quatro dias após o cancelamento do casamento, ela se enfiara num autocarro rumo a Londres. Poppy tinha escolhido esta cidade por três simples razões e meia. Em primeiro lugar, havia mais autocarros para Londres do que para qualquer outro lado. Em segundo, numa excursão que fizera com a escola anos antes, ela tinha-se apaixonado pelos mercados de antiguidades de Portobello Road e Petticoat Lane. A terceira razão, tão fraquinha que só vinha em terceiro lugar, tinha a ver com o seu verdadeiro pai. Poppy precisava de tempo para organizar as ideias acerca desse assunto. Mesmo que decidisse tentar encontrá-lo, sabia que as hipóteses não eram muitas. Tudo o que sabia era o nome do homem que tinha tido um breve mas tórrido romance com a sua mãe, e que outrora — vinte e dois anos antes, por amor de Deus! — vivera em Londres.

Mas se esta era fraquinha, não era nada comparada ao facto de Londres

ser também a cidade onde morava Tom, motivo pelo qual ela só classificara esta como meia razão. Olhando agora para trás, Poppy sabia que tinha sido espetacularmente estúpida, mas na altura tomara a decisão consciente de não perguntar. E agora era demasiado tarde, pensou ela com arrependimento. Quando não se possuía algo tão básico como o sobrenome de uma pessoa... bem, então não havia *realmente* qualquer esperança de tornar a encontrá-la.

Ainda assim, pelo menos tinha tido uma coisa a seu favor quando chegara a Londres. As expectativas não tinham sido grandes e não imaginara as ruas pavimentadas a ouro.

E estivera certa, não estavam, mas Poppy não se tinha deixado abater pela dura realidade, recusando-se a ficar horrorizada com o baixo padrão de alojamento que havia disponível para alugar dentro das suas posses. Recusara-se também a sentir-se ofendida com a quantidade de antipatia que tinha encontrado e que algumas pessoas pareciam ter promovido a forma de arte.

*Sem mencionar nomes*, pensou Poppy naquele momento. Guardando valentemente para si as opiniões sobre o assunto, dirigiu um cândido sorriso à antipática rapariga loura e alta que era, aparentemente, a dona da festa — e da casa.

— O quarto, — disse finalmente Claudia, — vai ficar livre... mas não é de graça. Isto não é o Exército de Salvação.

*Pois não*, pensou Poppy, *esses são muito mais simpáticos*.

— Eu sei. Estava apenas a querer saber se vai ficar disponível — explicou ela pacientemente. — Olha, — continuou, — talvez eu pudesse dar uma palavrinha a esse tal Caspar de que tanto falam para ver se ele estaria disposto a alugar-me o quarto.

— Porque é que estás tão desesperada? — perguntou Josie, que era uma intrómetida incurável.

— Deviam ver o sítio onde estou agora. — Que bom, uma voz amistosa! Poppy virou-se para ela com alívio. — Papel de parede roxo todo salpicado com tremoços amarelos. Buracos na carpete, tábuas do soalho em falta, um senhorio velho e raquítico, um gato incontinente... há de tudo. Um doido de um metalheiro no andar de cima e um tipo barbudo de Glasgow que cozinha miúdos de carneiro. O cheiro é terrível. O apartamento é uma espelunca. Mas isto... isto é uma casa fabulosa — concluiu Poppy abrindo o braço em apreciação. — Estou a falar a sério. Ficaria tão feliz se me mudasse para cá! Esta casa é um palácio...

— O problema com os palácios, — interrompeu Claudia, — é que costumam mais do que viver em espeluncas. Não quero ser mal interpretada...

*Claro que não*, pensou Poppy.

— ...mas duvido muito que possas pagar o aluguer.  
— Pode ser que sim — disse Poppy calmamente. — Só faço isto à noite. Tenho outro trabalho.  
— Oh.  
— O que é? — perguntou Josie, simpatizando com a rapariga que tão bem enfrentava Claudia no auge da sua irritação.  
— Trabalho num bar de striptease — disse simplesmente Poppy. — É fantástico e ganha-se bem. Recomendo. Se alguma vez quiserem fazer um bom dinheiro, tornem-se strippers num bar.

## Capítulo 5

Poppy parou para recuperar o fôlego no topo do terceiro lance de escadas e bateu à porta verde-escura como Claudia lhe havia instruído. Alguns segundos depois, uma abstraída voz masculina disse: — Sim?

— Hum, olá. Chamo-me Poppy Dunbar. Posso dar-te uma palavrinha?

— Deixa-me adivinhar, — disse a voz do outro lado da porta, — és amiga da Claudia e ela mandou-te cá acima para servires de isco. A tua função é arrastares-me para a festa.

— Não exatamente.

— Treta. — Ele parecia divertido. — Eu sei como funciona a cabeça dela. Não me digas, és uma loura deslumbrantemente bela.

— Não. — Poppy sorriu. — Uma ruiva deslumbrantemente bela.

— Hum, tática de choque.

— E também não sou amiga da Claudia. Ela só me mandou cá porque não lhe ocorreu mais nenhuma forma de se ver livre de mim. — Poppy refletiu por uns instantes e depois acrescentou: — E talvez para te castigar por não teres aparecido lá em baixo.

— Castigar-me? O que és tu? Uma fiscal das finanças? Uma fiscal das finanças ruiva deslumbrantemente bela — meditou Caspar. — Decerto não existe tal coisa.

— Abre a porta — disse Poppy — e vê com os teus próprios olhos.

O estúdio do sótão era amplo, ocupando por completo o último andar da casa. Havia telas por todo o lado, encostadas às paredes pintadas de branco, desalinhadamente empilhadas em cima de cadeiras e espalhadas pelo polido chão de madeira. Também a ocupar espaço estavam três sofás — um azul-escuro, um preto aveludado e um axadrezado. Poppy não pôde deixar de reparar que havia também uma enorme cama amarrotada.

— Céus, uma diversidade de sofás à escolha.

Caspar French, que era alto, bronzado e muito louro, fez um sorriso largo.

— Tentamos agradar. Porém, estou confuso.

— Oh?

— Bem, estou bastante certo de que não nos conhecemos. E tu dizes que não és amiga da Claudia. — Fez uma pausa, pegou numa garrafa de Beaujolais já aberta, ergueu-a de encontro à luz e verificou que estava vazia. Pegando então num Kit-Kat, deitou o papel para o chão, partiu a tablete ao meio e ofereceu metade a Poppy. — Então o que eu não percebo é como foi que apareceste na festa. A não ser que sejas uma penetra. Tens a certeza de que não és uma fiscal das finanças sob disfarce?

— Trabalho para a Cozinha da Kenda — disse Poppy. — A empresa de catering.

— Ah. — Caspar anuiu com a cabeça. — E como estão a correr as coisas? A Claudia está satisfeita com a comida?

— Poderia estar, se os teus amigos não tivessem acabado com ela. Acho que a Claudia não está muito contente contigo.

— Eu vou sobreviver. Já estou acostumado.

Para Caspar, a zona junto à janela parecia servir de cozinha. Para além de chocolate para o alimentar, havia latas de Coca-Cola, algumas chávenas de café meio cheias espalhadas pelo chão, uma caixa de pizza vazia e mais algumas garrafas de vinho. Caminhando cautelosamente de pés descalços por entre o caos, Caspar encontrou uma que ainda não tinha sido aberta. — Viva! Gostas de vinho branco? Parece ser algo australiano.

— Obrigada, mas não posso. Se fico aqui muito mais, ainda sou despedida. — Subitamente nervosa, Poppy limpou as palmas húmidas das mãos à parte de trás da saia. — Eu vim até aqui porque ouvi a tua amiga Claudia dizer que tinhas um quarto para alugar. Assim sendo, gostava de me candidatar.

Incapaz de encontrar um saca-rolhas, Caspar tinha desistido do vinho e começado a limpar pincéis, mergulhando cuidadosamente cada um deles num frasco de álcool antes de lhes passar um trapo que, aparentemente, tinha em tempos sido uma camisa. Ele usava uma camisola de algodão amarela-clara com as mangas arregaçadas e umas calças de ganga brancas extremamente salpicadas de tinta. O cheiro dos óleos que tinha estado a usar ainda impregnava o ar. Sobre o cavalete, que se encontrava no centro do aposento, estava o atual trabalho em execução, dois corpos quase terminados confortavelmente estendidos num relvado inundado de sol, as cabeças inclinadas como se estivessem a partilhar um segredo.

— Céus, tu és bom! — exclamou Poppy. Apercebendo-se de que parecia surpreendida, acrescentou rapidamente: — Quero dizer, não sou nenhuma perita...

— Tudo bem. Estás certa. Eu sou realmente bom. — Caspar virou-se e piscou-lhe um olho. — Sou prometedor. Pelo menos, de acordo com os negociantes de arte.

— És certamente muito bom a mudar de assunto. — Poppy estava a estourar de impaciência. — Vá lá, dá-me uma resposta — implorou ela. — Diz que eu posso mudar-me para cá. Estou bem domesticada. Pago a renda sempre a horas. Até aspiro ocasionalmente.

— Ainda nem sequer viste o quarto. És alguma jornalista sob disfarce?

— Não sou coisa nenhuma sob disfarce. — Poppy olhou para as horas. — Mas vou decididamente para a rua se não descer rapidamente. Olha, podes ao menos pensar no assunto e depois dizeres-me alguma coisa? — Agarrando num lápis à mão, um 6B de ponta macia, anotou a morada e o número de telefone na última página de um antigo *Daily Mail* e sublinhou-os com risco duplo para jogar pelo seguro. Nunca mais ia cometer esse erro.

— Estou a tentar decidir o que tens — disse Caspar. — Se lata ou estilo. Poppy entregou-lhe o jornal. — Podem ser ambos?

No piso térreo, Claudia encurralou-a quase de imediato. — Então, o que foi que ele disse?

— Que eu tinha lata — respondeu Poppy.

— Precisamente o que eu achei que ele ia dizer. — Fazendo um ar de extrema satisfação, Claudia alisou o cabelo louro para trás e acenou com a mão a alguém atrás de Poppy. Quando decidia usá-lo, ela tinha até um sorriso agradável, pensou Poppy. — Sabes, — continuou Claudia, — talvez no sítio de onde tu vens seja diferente, mas por aqui, apresentarmo-nos a desconhecidos completos e perguntarmos se podemos viver com eles não é algo que se faça.

— Pois não. Peço desculpa. — Poppy baixou a cabeça. — Desculpa.

— Muito bem, esse assunto está encerrado. — Como tinha vencido, Claudia estava preparada para ser magnânima. — Estou certa de que em breve encontrarás outro local para viver — disse ela com amabilidade. — A propósito, o Caspar disse alguma coisa acerca de descer para a festa?

As palavras que Caspar tinha carinhosamente empregado tinham sido: «Aquela chata tola, ela que espere». Mas Claudia não era a única capaz de ser graciosa na vitória.

— Tenho a certeza de que ele descerá em breve — disse Poppy.

— Realmente — sussurrou Angie Slade-Welsh vinte minutos depois. — Tens de admitir que há algo de terrivelmente atraente num homem que não nos liga peva.

— Mãe, o Clark Gable já morreu.

— Esquece o Clark Gable. — Angie fez um sorriso tão luminoso como

um farol. — O teu senhorio apareceu finalmente. Ele cultivava aquele aspeto de quem acabou de se levantar da cama, ou é natural?

— É exatamente isso — disse Claudia em tom mordaz. — Ele passa a vida a acabar de se levantar da cama. De camas, para ser mais exata. Oh, por amor de Deus! — suspirou ela ao avistar as calças brancas salpicadas de tinta. — Ele podia ter vestido alguma coisa decente antes de ter descido. Nem sequer tem sapatos!

— Belos pés — comentou Angie com um aprovador aceno de cabeça. — Seja como for, porque havia ele de ter sapatos? A casa é dele. Ele pode circular por aqui completamente nu se quiser.

Claudia encolheu-se. — Não lhe digas isso. Vais colocar-lhe ideias na cabeça.

— Ou na tua. — Angie adorava embaraçar a filha. — Vá, podes dizer-me. O que se passa realmente nesta casa quando estão os dois a sós? Achas que é possível haver algum tipo de desenvolvimento...?

— Mãe!

Angie encolheu os ombros. — Estava apenas a perguntar, minha querida. Nunca me contas nada, por isso de que outra forma posso saber? E ele é mesmo irresistível, não é? Vá, podes confessar. — Pôs-se em bicos de pés e inclinou a cabeça. — Não podes dizer que não o achas lindo de morrer. E viverem assim na mesma casa... bem, ele já se deve ter feito a ti alguma vez.

Estava uma taça de vidro com centáureas azuis sobre a lareira. Em frente desta, Claudia apercebeu-se de que tinha estado abstraidamente a tirar-lhes as pétalas. Era o efeito que a mãe conseguia exercer sempre sobre ela. O que Angie queria mesmo dizer era que, *até* com ela, Caspar devia a certa altura ter tentado alguma coisa.

Mas não. Desde que se conheciam que Caspar nunca tinha tentado qualquer tipo de coisa, pensou Claudia. Nem tinha havido sequer a mínima insinuação.

Quanto à outra pergunta nada delicada... *claro* que ela o achava tremendamente atraente. Contudo, estava convencida de que conseguia esconder bem tal facto. Olhando para si, ninguém adivinharia. E lá porque gostava dele não queria dizer que ele não fosse também uma pessoa de coabitação extremamente difícil. Caspar podia ser irresistível, mas era também irresponsável.

— Não — disse ela à mãe, sufocando a vontade de agarrar no corpete de cetim bronze de Angie e de o puxar para cima. Na última hora tinha deslizado aos poucos para baixo e revelava naquele momento uma porção descarada de peito. A mãe tinha, indubitavelmente, feito para que tal acontecesse. Ela tinha orgulho dos seus pequenos mas perfeitos seios.

— Nada de nada? Oh, que azar. — Os olhos azuis de Angie cintilavam

como safiras. — Deixa estar, podes sempre viver na esperança. — A ponta do seu pequeno sapato empurrou um monte de pétalas desfeitas para dentro da lareira. — Pobres flores, que te fizeram elas para merecerem isto?

— Claudia, estás linda. Feliz aniversário — disse Caspar, aproximando-se finalmente e beijando-a calorosamente em ambas as faces.

Era o tipo de gesto que nunca poderia ser confundido com uma tentativa de engate. Era também a primeira vez que o via naquele dia, constatou Claudia. Depois de chegar a casa e de dormir até meio da tarde, Caspar tinha estado fechado no estúdio, supostamente a trabalhar.

Ele cheirava a pasta de dentes e a aguarrás. Tinha também usado novamente o seu champô Nicky Clarke. Enquanto inalava o aroma, Claudia perguntou-se como é que alguém podia ser tão incapaz de se lembrar de comprar o próprio champô e, contudo, nunca deixar acabar as tintas de óleo.

— Chegaste atrasado. Os teus amigos já acabaram com a comida toda. — Virou-se e apontou para o cão com ar de culpado que tinha ido com o amigo escultor de Caspar. — E aquele rafeiro horrível deu cabo de um cesto inteiro de chocolates. Trufas de champanhe Charbonnel et Walker — acrescentou Claudia, embora não soubesse para que estava a dar-se ao trabalho, já que Caspar não conhecia o significado da palavra arrependimento. — Foram um presente das meninas do escritório.

— O Hoover é um grande apreciador — disse Caspar com afeição. — Sempre gostou de chocolates de qualidade.

— E obrigada pelo cartão de parabéns.

— Oh céus, estás zangada comigo. — Caspar sorriu. — Já sei, porque não te pinto um?

Claudia não ia deixar-se vencer com tanta facilidade. — A maioria das pessoas deixa de fazer cartões caseiros aos dez anos de idade.

— Tem de desculpar a minha filha, — suspirou Angie, — é que há muito tempo que ela não dá uma queca.

— Mãe...

— Estava a brincar, querida.

Constatando que ela não estava a ter a melhor das noites, Caspar colocou um braço sobre os ombros morenos de Claudia. — Desculpa não te ter comprado um cartão. Pensei que talvez pudéssemos ir amanhã almoçar a algum sítio agradável... como uma espécie de presente atrasado. — Esboçou um sorriso. — Ou odeias-me assim tanto?

— Depende. — A determinação de Claudia começou a enfraquecer, tal como Caspar já esperara. — Um sítio quão agradável?

— No Marigold. — Ele sabia que era um dos favoritos dela. Por sorte, era também um dos de sua eleição. — Vá, anima-te. Podemos empanturrar-nos com ostras e champanhe. Sabes que queres.

— Eu *queria* com certeza! — Angie fez um sorriso felino. — Soa maravilhosamente bem. Há lugar para mais um?

Caspar olhou para Claudia.

Angie fez beicinho. — Só uma pequenininha. Oh, por favor, eu não podia ir também?

— Hum... — disse Caspar.

A última pessoa à face da Terra que Claudia queria ver imiscuída no aconchegante almoço para dois era a sua mãe devoradora de homens.

— Não — disse ela antes que Caspar se sentisse na obrigação de ser educado. — Não podias.

## Capítulo 6

Tornar-se bem-sucedido e ganhar bastante dinheiro pela primeira vez na vida não tinha mudado Caspar em nenhum aspeto; continuava a ser descuidado como sempre, só que agora tinha mais dinheiro com que se descuidar. Cinco anos antes, ainda um estudante com dificuldades financeiras, teria gasto a última nota de dez libras em filetes de peixe com batatas fritas e numa garrafa de Bardolino para animar um colega infeliz. Agora era um almoço no Marigold e uma conta que rondaria as centenas de libras. Caspar não estava preocupado; desde que todos se divertissem, ele ficava mais do que satisfeito em assinar o cheque.

Quando relembrava a última década, Caspar maravilhava-se com a forma como a sua vida tinha mudado. Filho único muito amado, desde muito novo tinha espantado os pais nada artísticos com a paixão pela pintura. Depois de ultrapassada a surpresa, os pais tinham-no apoiado totalmente. Podiam não ter dinheiro, mas a fé no talento do filho e o interminável encorajamento significavam mais para Caspar do que toda a ajuda financeira do mundo. Ele havia de sobreviver; estava acostumado a ser pobre. Além disso, os estudantes de arte eram supostamente pobres. Ser-se estudante significava sair de casa, mudar-se para Londres e lutar para sobreviver com um subsídio do tamanho de um amendoim.

Henrietta Malone tinha vivido quarenta e oito anos no número 15 de Cornwallis Crescent. Uma elegante casa georgiana de quatro andares com terraço em East Kensington, casa para onde o marido Edmund a havia levado enquanto jovem noiva quase meio século antes, uma casa suficientemente grande para acomodar um qualquer número de descendentes e com um jardim bem cuidado a condizer.

Infelizmente Henrietta não era fértil, mas quando ela e Edmund tinham descoberto isso, já se haviam apegado à casa. Quando o seu adorado Edmund morrera durante o sono — aos setenta e quatro anos de idade e após quarenta e quatro anos de um casamento tranquilamente feliz —, a casa começara a parecer-lhe demasiado grande para viver sozinha.

Henrietta ansiava por companhia, e não do tipo que se costumava encontrar nas deprimentes casas de alguns velhotes. Em vez disso, e para grande horror dos amigos mais chegados, ela afixou um anúncio no placar de avisos do hall de entrada da Escola de Arte de St. Martin.

Em quinze dias conseguiu o que sempre quisera, uma casa que fervilhava com música, passos e riso, uma casa cheia de filhos de aluguer que implicavam impiedosamente com ela, chocavam a vizinhança e lhe chamavam Galinha. Sem dinheiro, mas alegres, faziam-na passar horas extraordinárias e usavam roupas ainda mais extraordinárias.

Henrietta adorava-os a todos, mas adorava especialmente Caspar, que se tinha apaixonado instantaneamente pelo arejado estúdio com claraboia do último andar e que se tinha mudado para lá poucas horas depois. Nos dois anos que se tinham seguido, outros estudantes haviam passado por lá, mas Caspar não tinha arredado pé.

Henrietta divertia-se sempre com Caspar — o seu menino de ouro, como o considerava em segredo. Não só bonito, mas também encantador, era uma alegria de ter por perto. E era talentoso. Ela ficara particularmente comovida quando, já perto do Natal, havia descoberto por acaso que para pagar a renda a horas, ele estava a deixar de comer.

Num esforço para ajudar, Henrietta visitara Caspar no seu estúdio, admirara um quadro recentemente acabado e oferecera-se para o aceitar em vez de dinheiro. Mas Caspar recusara educadamente a oferta e desunhara-se para juntar o dinheiro suficiente.

Duas semanas depois, na véspera de Natal, oferecera a Henrietta o quadro de que ela tanto havia gostado.

Henrietta sabia o esforço que Caspar fazia todos os meses para conseguir o dinheiro da renda, contudo ele não lhe falhou uma única vez. Ele era também inexoravelmente alegre e prestativo no que tocava a tarefas em casa que fugiam às capacidades de Henrietta. Ela não se importava com a desarrumação dele, com o número de namoradas que ele levava para o quarto nem com quantas tinha de ludibriar ao telefone quando Caspar, distraidamente, marcava dois compromissos ao mesmo tempo. Ele podia ser displicente, mas fazia-a rir e ela adorava-o. Ele era verdadeiramente o filho que Henrietta nunca tinha tido.

Pouco depois de completar os setenta e cinco anos, Henrietta sofreu um pequeno enfarte. — Oh, Galinha, — ralhara Caspar quando chegara nessa noite ao hospital armado com uma montanha de tulipas amarelas, meia dúzia de livros de Agatha Christie e um frasco grande do perfume preferido dela, — vamos estragar-te com mimos quando voltares para casa.

Mas Henrietta não voltara para casa. Um segundo enfarte três dias depois tinha sido fatal. Caspar e os outros inquilinos compareceram ao fu-

neral e assumiram simplesmente que tinham de começar a procurar outro lugar para viver. Ninguém ficou mais surpreendido que Caspar quando o advogado de Henrietta Malone o informou de que o número 15 de Cornwallis Crescent era agora seu. Soube-se então que Henrietta não tinha familiares vivos. Com a desenvoltura que lhe era característica, ela tinha legado elevadas quantias ao Dr. Barnardos, um santuário para burros no Sussex e aos Reformados de Chelsea. Ninguém que tivesse conhecido Henrietta fazia a mínima ideia que ela tivesse tanto dinheiro.

No que a Caspar dizia respeito, foi o ponto de viragem da sua vida. No espaço de poucos meses, ele tinha adquirido — graças à incrível generosidade de Henrietta — uma casa que era cobiçável sob todos os aspetos. Tinha também terminado, com distinção, o curso em St. Martin e sido exposto e favoravelmente recebido em diversas galerias de prestígio da Cork Street. Havia agora uma crescente lista de espera de clientes ansiosos por posar para Caspar French, a jovem estrela em ascensão do mundo das artes. Queriam os seus retratos pintados enquanto tinham capacidade para os pagar.

O Marigold, em Covent Garden, era todo em tons de laranja e verde e tinha um ambiente tropical e empregadas de mesa exóticas com chapéus à Carmen Miranda. Era muito popular entre celebridades, o que significava que estavam sempre todos a olhar uns para os outros.

Era por esse motivo que Claudia tinha gostado tanto da ideia de ir até lá e de ser vista com Caspar French. Fazia-lhe um bem enorme ao ego ver as pessoas assumirem que eram um casal. Além disso, apesar de todos os defeitos, Caspar era uma companhia muito divertida para almoçar. Quando decidia ser encantador, conseguia fazer até uma saca de batatas sentir-se chique.

Quando entraram e cabeças começaram a virar-se, Claudia sentiu aquela onda familiar de orgulho. Caspar, de casaco rosa-claro e calças largas cremes, tinha um ar tão descontraidamente elegante e tão Brideshead que passava despercebido o facto de, na verdade, ele não dar a mínima importância à forma como se vestia. Quando era assim tão louro e bronzeado — e tão bem-disposto —, era simplesmente irresistível.

Contente por estar a usar o vestido preto de linho que a fazia parecer mais elegante, Claudia encolheu a barriga e deslizou graciosamente por entre mesas que, noutras alturas, poderiam ter parecido demasiado juntas. Ela sentia-se magnífica. Caspar estava a convidá-la para um atrasado almoço de aniversário, ela tinha conseguido despachar a mãe carente e outras na grelha eram o prato do dia. Que mais poderia uma rapariga querer?

— Tens azul na manga do casaco. — Estendendo a mão sobre a mesa

para tocar na mancha de tinta de óleo, Claudia percebeu que ainda estava húmida.

— Estava a trabalhar antes de sairmos.

— A esconderes-te, queres tu dizer, — disse Claudia, — para o caso de eu querer obrigar-te a ajudares a limpar a casa.

— Não sou bom nesse tipo de coisa — protestou Caspar. — De qualquer forma, a festa foi tua.

— Foram os teus amigos que estiveram a jogar a laranjinha com latas de cerveja na sala de estar. Devias ter visto o estado em que estava hoje de manhã. E os vasos de flores estavam todos cheios de cerveja...

— Pensava que estávamos aqui para comemorar. Não estás autorizada a chatear-me até à morte — protestou Caspar com boa disposição. — Não com estes preços. — Voltando-se para o garçon dos vinhos, apontou para uma das garrafas na lista. — Umas destas, penso eu, para começar.

— E pode tirar isto daqui. — Claudia apontou para o terceiro lugar posto que ocupava espaço desnecessário na mesa. — Somos só dois.

O garçon, que estava mais bem informado, hesitou.

— Oh, não te disse? — Caspar parecia divertido. — Somos três.

— A minha mãe, não. — Claudia sentiu um arrepio na nuca. Estava tão indignada que mal conseguia falar. — Por favor, a minha mãe, *não*. — E sobressaltou-se quando viu uma pessoa sair de detrás do empregado. Reconhecendo com um horror crescente aquela distinta desordem de cabelo ruivo, e incapaz de se controlar, Claudia lamentou-se: — Oh, não! *Tu* não!

— Oh, céus, é melhor dares-me a má notícia com delicadeza. — Olhando para Caspar, Poppy começou a rir-se. — Então, afinal qual de nós duas é pior? Venha o diabo e escolha?

— Ora, estás a exagerar — disse Caspar quando Poppy fez uma retirada estratégica até à casa de banho. — O Oliver está de saída. Vamos ficar com um quarto livre. Não vejo porque és tão avessa à ideia de ela vir morar conosco.

Claudia também não tinha a certeza, ela sabia apenas que se Oliver tinha de ser substituído por uma mulher, ela preferia muito mais que fosse uma sem atrativos.

— Aquela rapariga escutou uma conversa privada — disse ela, mal-humorada. — Depois interrompeu-nos. Já se viu coisa mais intrometida?

— Ela viu uma oportunidade e agarrou-a. — Caspar encolheu os ombros. — Para mim faz sentido.

— De qualquer forma, não precisas de substituir o Oliver — disse Claudia. — Já não precisas do dinheiro.

Era verdade, mas ele não tinha os inquilinos só por causa do dinheiro.

Tal como Henrietta tinha arrendado os quartos para ter companhia, Caspar decidira fazê-lo pela simples razão de lhe facilitar muito mais a vida. Se vivesse sozinho, sabia muito bem que nunca seria capaz de entender o funcionamento do sistema de aquecimento central. Deixaria bicos de gás acesos e não haveria ninguém para os apagar. Estaria constantemente a ficar fechado fora de casa e não haveria ninguém no interior para lhe abrir a porta, bem como não haveria ninguém para lavar a louça, para manter um mínimo de ordem e para o lembrar de pagar as contas e de comprar todas aquelas coisas chatas mas necessárias como pasta de dentes, biscoitos de chocolate e leite do dia.

— Essa é uma atitude egoísta — disse Caspar. — Pensa na escassez habitacional. Em todos os sem-abrigo nas ruas.

— Treta. — Claudia não ia cair nessa. — E ela não é um sem-abrigo. É stripper num pub.

Caspar ergueu as sobrancelhas. Regressada da casa de banho, Poppy sentou-se e perguntou a si mesma se Claudia lhe perdoaria algum dia.

— Eu descasco mobília. — Poppy tentou soar apologética. — Trabalho para um tipo que tem uma banca no mercado de antiguidades de Markham. Ele emprestou-me a um amigo que precisava de ajuda para restaurar móveis num pub na Portobello Road. Desculpa — disse ela a Claudia no momento em que o garçon voltava a servir os copos. — Não sei porque é que dei a entender o que dei. Às vezes falo sem pensar.

— E às vezes mentes simplesmente — respondeu Claudia com rispidez. — Eu perguntei-te o que o Caspar te tinha dito e tu disseste-me que ele tinha dito que tinhas lata.

— Por acaso é verdade. — Caspar estava a sorrir. — Eu disse. Mas também disse que ela podia mudar-se lá para casa.

Claudia constatou que tinham estado a fazer pouco de si. Para divertimento dos dois. O mais certo era que o facto de ela não ter gostado de Poppy Dunbar tivesse induzido Caspar a dizer que sim. E agora ali estavam, a conspirar já contra ela...

— Eu não sou assim tão horrível como pensas que sou. — Poppy estava a tentar ser prestativa. — Nós apenas começámos mal.

*Que novidade*, pensou Claudia quando Poppy lhe estendeu o copo para um brinde. Lá se ia o feliz almoço de aniversário.

— Estás interessada no Caspar? — perguntou ela mais tarde, quando ele se tinha dirigido ao bar em busca de cigarros.

— Foi isso que pensaste? — O olhar que Poppy lhe dirigiu foi de compreensão. — De todo, é a pura verdade. Se queres saber, neste momento estou um bocado imune aos homens. Tive uma experiência traumática há relativamente pouco tempo, por isso, por enquanto, estou a evitar.

Pela forma como Poppy falava, Claudia percebeu que estava a ser sincera. Mais tranquila, disse: — Oh.

— Porquê, tu estás?

— Interessada no Caspar? — Claudia pestanejou rapidamente. — Claro que não.

— Então somos umas sortudas. — Sorrindo, Poppy denunciou o iminente regresso de Caspar à mesa. — Pelo que me foi dado a entender, ele tem uma grande reputação.

— A Claudia disse-me uma vez que eu tinha sorte em ser homem, — disse Caspar, tornando a sentar-se, — porque se fosse rapariga, seria uma rameira.

— Eu gosto da palavra prostituta — disse Poppy com ar sonhador.

Claudia era viciada em problemas sentimentais. Quase a explodir de curiosidade, inclinou-se para a frente. — Então que trauma é esse? — perguntou com a imaginação a mil. — Foi alguma coisa terrível? O que foi que *aconteceu* para teres ficado imune aos homens?

## Capítulo 7

Poppy mal podia esperar para fazer as malas e fugir dos confins sombrios do apartamento de Balham. Mudar-se para a casa milhões de vezes mais agradável de Caspar French era um sonho tornado realidade, mesmo que Cláudia estivesse incluída.

Jake Lander, patrão de Poppy no mercado de antiguidades, ofereceu-se para lhe emprestar uma das carrinhas.

— Obrigada, — Poppy estava sensibilizada com a amabilidade, — mas não há necessidade. As minhas coisas cabem em duas malas de viagem. — Ao ver a expressão na cara de Jake, acrescentou despreocupadamente: — Tornei-me minimalista quando saí de casa.

Tão minimalista que nem sequer tinha um único familiar vivo. Pelo menos, não um que falasse com ela. O que era verdadeiramente irónico era o facto de a chocante descoberta de o pai não ser realmente seu pai não ter sido um choque assim tão grande. Pelo menos não um terrível.

A surpresa tinha rapidamente dado lugar ao alívio. Não se ser amada pelo próprio pai não era algo natural e Poppy sempre se interrogara o que havia feito para merecer tal sorte. Agora que sabia a verdade, podia deixar de se preocupar. Não se ser amada por um homem cuja mulher o tinha transformado em motivo de chacota em Henbury vinte e dois anos antes era de longe mais compreensível. Só a determinação de Mervyn Dunbar em manter as aparências tinha conservado o casamento. Uma vez terminado, o caso nunca mais havia sido mencionado e Poppy, nascida nove meses depois e não enganando ninguém, tinha sido formalmente apresentada como sendo dele.

Dezenas de pessoas, incluindo os McBride, tinham conhecimento da história. Poppy continuava a espantar-se com o facto de só agora ter tido conhecimento da verdade. No fundo ela sentia que era uma pena a verdade ter permanecido tanto tempo em segredo.

— Bem, se precisares de alguma ajuda, — disse Jake, — sabes que é só pedires.

Poppy sabia. E também sabia o quão sortuda era por ter um patrão tão maravilhoso como Jake. Ele era uma pessoa discreta, talvez até um pouco

tímida, mas tinha um sentido de humor seco e a paciência que exercitava com Poppy, que estava constantemente a bombardeá-lo com perguntas sobre antiguidades, era fenomenal. Aos vinte e oito anos, vivia sozinho, mas Poppy não sabia mais nada para além disso. Ao contrário de si, Jake mantinha segredo da vida privada.

Outra qualidade amorosa que Jake tinha era a forma como, genuinamente, não se apercebia do quão atraente era. Nitidamente, a aparência não era algo com que ele se preocupasse. O cabelo escuro era cortado numa pequena barbearia três portas acima do mercado de antiguidades, por um barbeiro que podia estar fora de moda mas que, pelo menos, era rápido. Os olhos castanhos-escuros pestanudos de Jake estavam escondidos atrás de óculos que pareciam ter sido herdados do avô. O corpo parecia bem — tanto quanto Poppy era capaz de perceber — mas o sentido de estética dele era horrível. A única coisa que ela podia dizer acerca da roupa de Jake é que era limpa.

Poppy tinha fantasiado uma ou duas vezes que, debaixo da aparência de Clark Kent, havia um Super-homem pronto a sair, mas, bem no fundo, ela sabia que não havia. De vez em quando Jake era assediado na banca, habitualmente por mulheres alguns anos mais velhas que ele em busca de alguém de quem cuidar. Era muito encantador vê-lo porque obviamente ele não fazia a mais pequena ideia do que fazer com elas. Eventualmente, Poppy acabava por sentir pena e intervir, permitindo a Jake bater em retirada.

Jake nunca tinha tocado no assunto, mas Poppy assumia que ele era gay.

— Obrigada. — Poppy estendeu a mão para aceitar a chávena de chá fumegante que Jake trouxera do café do piso superior do mercado de antiguidades. Ela tinha gostado da semana que passara a tratar de mobiliário no bar em Portobello, mas era bom estar de volta à banca.

Para uma tarde de sexta-feira, o mercado estava tranquilo. Entre um cliente e outro, a maior parte meros curiosos que preferiam ser deixados em paz, Poppy tinha estado a estudar bules de chá georgianos. Acabado de regressar do leilão mensal na Lassiter's Auction Rooms em Bermondsey, Jake começou a desempacotar uma caixa de molduras fotográficas variadas em prata.

— Olha para isto. — Poppy pousou a chávena de chá sobre uma vitrina de joias e pegou numa das molduras grandes com a fotografia ainda no sítio. A foto a sépia, datada de 1925, mostrava uma família de ar austero. Mãe, pai e filhos fitavam-na com uma expressão sisuda. — Parecem-se todos com o pai. Tirando o bigode.

— Podias polir estas molduras, se quisesses — disse Jake. Apontou para o contraste noutra moldura. — Data?

— George qualquer coisa. — Poppy não estava com paciência para

contrastes. Olhou novamente para a fotografia a sépia. Um pequeno nó começou a formar-se-lhe no estômago.

— Quinto — disse Jake. — George V. — Franziu o sobrolho. — Pareces um pouco... estás bem?

— Hum?

— Não me pareces estar a bater bem.

Poppy fez um sorriso rasgado. Com um casaco de lã verde-escuro cheio de buracos, uma camisa azul e branca às riscas e umas calças castanhas axadrezadas, se alguém parecia não estar a bater bem era Jake.

— Desculpa, estava a pensar.

Jake, que não ouvia falar em quase mais nada há uma semana, disse: — Suponho que seja sobre a mudança.

— Por acaso, não. Estava a perguntar-me se me parecerei alguma coisa com o meu pai.

— Ah. — Ele também já tinha ouvido falar nesse assunto, durante os últimos três meses. — Bem, quanto a isso, não te posso ajudar.

— Quero encontrá-lo — disse Poppy, as palavras saindo numa torrente. De repente era a coisa mais importante do mundo. Ela sentia-se uma alcoólatra a suplicar uma bebida. — Eu sei que provavelmente não vou conseguir, mas pelo menos tenho de tentar. *Tenho* de tentar...

— Tens a certeza?

Poppy andava a murmurar e a suspirar pelos cantos há semanas. A única experiência que Jake tinha sobre o assunto fora a de um colega de escola adotado que tinha conseguido localizar a mãe biológica e depois ficara traumatizado com a recusa dela em conhecê-lo. Jake achava que era melhor não remexer nalgumas coisas.

Mas Poppy já tinha decidido. — Tenho mesmo. Pode ser impossível, mas também pode ser que não. Ele pode estar a viver mesmo ao meu lado. Imagina que estava e eu não *sabia*...

— Como é que vais fazer?

Ela acenou com a cabeça na direção das listas telefónicas que estavam empilhadas atrás da caótica secretária de Jake.

— Existem dezassete A. Fitzpatrick na zona de Londres. Vou começar por telefonar-lhes.

— Tenta ser um pouco discreta — disse Jake. Ele não punha as mãos no fogo por Poppy. Ela era bem capaz de aparecer à porta deles armada com um kit de testes de ADN.

Os poucos detalhes que Poppy tinha conseguido colher acerca do pai tinham vindo de Dina que, por sua vez, os tinha sabido através da sogra, Margaret McBride. De acordo com aquela informação em terceira mão,

a mãe tinha conhecido Alex Fitzpatrick num clube country nos arredores de Bristol. Ela trabalhava na altura no bar e ele tinha tocado trompete na banda de jazz residente.

Alex tinha vindo de Londres para aceitar o lugar porque mesmo que o salário fosse uma miséria, era melhor que nada. Ele podia ser pobre, mas o jazz era o seu grande amor; era o sentido para a sua vida.

De acordo com o mito, Laura Dunbar estava a achar a vida conjugal menos empolgante do que tinha sido levada a crer. Conhecer Alex Fitzpatrick, que frequentava discotecas, bebia Jack Daniels com gelo e ria dos estilos de vida profundamente suburbanos dos membros do Ash Hill Country Club, tinha-a deslumbrado.

Alex tinha um sotaque acentuadamente londrino, presença de espírito e uma carreira no que quase poderia chamar-se mundo do espetáculo. Também fazia Laura rir e isso era o mais importante de tudo. Ela apaixonou-se por Alex Fitzpatrick, ignorou o facto de ele ter mulher à espera dele em Londres e atirou-se de cabeça num romance temerariamente indiscreto que se tornou tema de conversa no clube. Não demorou muito até todos tomarem conhecimento, incluindo Mervyn Dunbar.

Mas Mervyn, que amava a mulher, sentiu que se fizesse um escândalo, iria perdê-la. Decidindo não interferir e rezar para que as coisas seguissem o seu rumo natural, optou por fingir ignorância.

Seis semanas depois, quase no final do verão, a mulher de Alex Fitzpatrick estava a regar um vaso suspenso quando caiu de um escadote e partiu a perna em três sítios.

Alex explicou a uma Laura devastada que tinha de regressar para Londres. De qualquer forma, o contrato no Ash Hill estava quase a terminar e agora a mulher estava a precisar dele. Tinham-se divertido, não tinham? Tinham passado um verão fantástico juntos, mas agora era tempo de prosseguir. Ela tinha marido e ele tinha mulher. Claro que amara Laura, mas a vida era mesmo assim. Não havia necessidade de dramatismos por causa de um pouco de diversão inofensiva.

Laura estava devastada mas tinha o seu orgulho. Para ser justa com Alex, ele nunca tinha falado em deixar a mulher; ela só tivera essa esperança. Escondendo o que realmente sentia, e recusando-se a chorar em frente dele, Laura despediu-se de Alex. Quando, três semanas mais tarde, descobriu que estava grávida, percebeu imediatamente quem era o pai. Tinha andando demasiado ocupada a fazer amor com Alex para lhe restar energia para Mervyn.

Mervyn, que não era estúpido, apercebeu-se igualmente de quem era o bebé. Quando rezara para que as coisas seguissem o seu rumo natural, não pensara que fosse daquela forma.

Mas, pelo menos, tinha a mulher de volta, e era isso que Mervyn mais desejava. No fundo, ele tinha receio de não conseguir gerar descendência como consequência de um terrível surto de papeira que tivera na adolescência. Talvez, com o tempo, fosse capaz de esquecer quem era o verdadeiro pai daquela criança. Talvez aprendesse a amá-la como se fosse sua.

Poppy sabia de tudo isto porque a mãe o tinha confidenciado ao pequeno círculo de amigas, uma das quais tinha sido Margaret McBride. O orgulho tinha impedido Laura de alguma vez contactar Alex Fitzpatrick para o informar de que estava grávida de um filho seu. Em vez disso, ela tinha-se empenhado em voltar a ser uma boa esposa.

Quando Poppy nascera, Mervyn tinha-se esforçado ao máximo para experimentar verdadeiros sentimentos paternais. O problema era que não os tinha conseguido encontrar. E também não tinha conseguido arranjá-los.

Mas o segredo da paternidade de Poppy tinha sido escondido dela, se não de mais ninguém, e a morte trágica da mãe só tinha agravado a determinação das pessoas em preservá-lo. Perder um progenitor já era suficientemente terrível, murmuravam entre elas. Imagine-se o efeito que podia ter numa vulnerável criança de doze anos a descoberta de que o que lhe tinha restado não era o pai verdadeiro.

*Se elas soubessem, pensou Poppy pesarosamente. Quão feliz eu teria ficado se descobrisse.*

Mas estava na hora de passar à ação. Já tinha esperado tempo suficiente. Desde que se mudara para Londres, pensar em quem poderia ser o seu pai verdadeiro tinha conseguido afastar tudo o resto do pensamento, inclusive Tom. Quanto mais depressa o australiano barulhento da cave parasse de tagarelar com todos os amigos que tinha e saísse do telefone público comum, mais depressa ela poderia começar.

Quando ele terminou finalmente, Poppy correu escada abaixo, agarrou no telefone e ajoelhou-se no chão empoeirado com a lista de A. Fitzpatricks numa mão e um monte de moedas na outra. Com o coração a bater com força contra as costelas, começou a marcar os números. Imagine-se, daí a poucos segundos ela podia mesmo estar a falar com o pai...

Cada vez que atendiam o telefone do outro lado da linha, Poppy pedia numa voz prática para falar com Alex Fitzpatrick. Dez minutos depois estava a três quartos da lista tendo passado por uma série de Alans, Alistairs, Alisons e Andrews... até um Ahmed. Até que teve sorte.

— O Alex? — perguntou uma mulher com voz de meia-idade. — Lamento, acabou de sair. Quer deixar mensagem?

Poppy engoliu em seco. Podia ser ele.

— Hum... talvez tente mais tarde. A que horas acha que ele volta?

— Bem, por volta das nove. Ele foi para os escuteiros. — A mulher começou a soar nervosa. — Tem alguma coisa a ver com a festa de aniversário do Ben na semana passada? Oh, céus, não é a mãe da Lucy-Anne, pois não?

Dez minutos depois, a conversa estava terminada. Não só tinha uma desilusão completa como uma perda de muitas moedas.

Que estupidez achar que encontrar o pai seria assim tão simples.

Na manhã seguinte, bem cedo, Poppy estava à porta do número 15, Cornwallis Crescent.

— Por favor, são só dez da manhã! — resmungou Claudia ao abrir a porta no seu robe turco azul e branco.

Poppy fez um ar magoado. — O Caspar disse que eu podia vir quando quisesse.

— Típico do Caspar. — Claudia olhou de soslaio para as duas modestas malas de viagem que estavam no degrau da porta. — Ele nem sequer ouviu campainhas de porta antes do meio-dia. Isto não pode ser tudo o que tu tens.

— Eu faço o que as revistas de luxo dizem para fazer — disse Poppy. — Posso não ter muita roupa, mas compro sempre o melhor.

Ambas sabiam tratar-se de uma grande mentira. Para o almoço no Marigold, Poppy tinha aparecido de calças de ganga pretas rasgadas e uma t-shirt do Rocky Horror.

— Céus, só espero que o Caspar saiba o que está a fazer — disse sombriamente Claudia.

— Bem, agora já cá estou. — Poppy pegou nas malas. — E quer tu gostes quer não, eu vou mudar-me para cá. Bem podíamos ser amigas.

— Amigas de verdade não nos acordam às dez horas da manhã de sábado — salientou Claudia.

— Peço desculpa, não volto a fazer. — Poppy levou as malas até à cozinha, colocou a mais pequena das duas em cima do frigorífico e começou a abri-la.

Seguiu-se de imediato uma explosão multicolorida de collants e t-shirts. Era como uma daquelas latas para truques cheias de cobras.

— O que... — começou Claudia.

— Ora, anima-te e traz duas tigelinhas. — Depois de finalmente ter encontrado o que estava à procura, Poppy ergueu-os. — Este é para comemorar a minha mudança para cá e este é o teu presente de aniversário atrasado.

Claudia olhou para os dois potes de gelado Ben & Jerry's que derretiam rapidamente. As outras pessoas comemoravam com champanhe, pensou. Poppy Dunbar tinha de o fazer com gelado *Chunky Monkey*.

## Capítulo 8

Três semanas depois, numa molhada tarde de quarta-feira, o tempo estava tão deprimente que Caspar decidiu que não ia conseguir trabalhar. Era esse o problema com claraboias e amplas janelas de sótão. Quando chovia, sabia-se sempre.

Para se animar — e esquecer o facto de que o quadro que era suposto estar a fazer devia estar concluído há uma semana —, Caspar assistiu a um pouco de *Coronation Street* da hora de almoço e acabou com uma taça de tomates-cereja que tinha visto mais cedo no frigorífico. Depois serviu-se de uma mousse de cappuccino com natas.

Naquela altura *Coronation Street* já tinha terminado e sido substituída por um daqueles programas em direto com participação da assistência. Aquele era sobre furto em lojas. Uma mulher magrinha de peruca cor de laranja levantou-se para comunicar que era ladra profissional. Outra gabou-se de em tempos ter roubado um fato de três peças. O apresentador do programa disse que tal feito quase merecia uma salva de aplausos e as pessoas da assistência, sem saberem se deveriam ou não aplaudir, pareciam inquietas e nervosas nos seus lugares. Então o apresentador anunciou o perito da semana, uma psiquiatra com cara de buldogue, e Caspar adormeceu.

Foi acordado cerca de uma hora depois pela campainha. Quando abriu a porta, deu de caras com a mãe de Claudia a tremer. Ainda chovia torrencialmente.

— Entre, está encharcada. — Caspar puxou-a para dentro e conduziu-a rapidamente à sala de estar. — Desculpe, estava a dormir. — Desligou o televisor e fez um esforço simbólico para ajeitar as almofadas amassadas do sofá. — A Claudia ainda não regressou do trabalho. Deve chegar por volta das cinco. Deseja beber alguma coisa?

Angie Slade-Welch sorriu ao ver Caspar. Com tantas madeixas loiras e um bronzado delicioso, a t-shirt turquesa e os calções brancos, parecia um vagabundo de praia e não aparentava ter mais de vinte e dois anos.

— Eu sabia que a Claudia não estava.

Ela também sabia que, desde que se estivesse preparada, um pouco de chuva não fazia mal a ninguém. A aparência desalinhada e molhada assentava-lhe como uma luva. E fora por isso que, depois de o motorista a ter deixado à porta, ela tinha esperado meio minuto antes de tocar à campainha. Carradas de maquilhagem nos olhos, ao estilo Audrey Hepburn, e um sorriso frágil e Angie podia conquistar o mundo.

— Sabia que a Claudia não estava? Oh, céus — disse Caspar. — Nesse caso espero que não tenha vindo cá para fazer perguntas embaraçosas nas costas dela. A minha mãe fez-me isso uma vez quando eu andava no quarto ano. Encostou a professora de francês contra a parede, convencida de que eu estava a ser desencaminhado...

— E estava?

— Claro. — Sorriu. — Mas o meu francês melhorou muitíssimo. Então, é por isso que aqui está? Quer que eu faça fofoca acerca da vida amorosa da sua filha?

— De todo. — A única vida amorosa em que Angie estava interessada era a sua.

— Quer saber se ela é feliz aqui?

Angie encolheu os ombros e sacudiu a cabeça. — Não, mas você pode dizer-me se quiser. Ela queixou-se da nova miúda... como é que ela se chama? Poppy.

Nada dado a ferver água quando podia antes abrir uma garrafa, Caspar ficou aliviado ao descobrir uma garrafa intacta de Pouilly Fumée escondida atrás da água mineral no fundo do frigorífico.

— Ah, sim, a Poppy e a Claudia. — Caspar encheu dois copos e estendeu um a Angie. — O harém, como alguns dos meus amigos não muito espirituosos começaram a chamar-lhes.

— E são? — Angie ergueu uma sobrancelha interessada. — O seu harém?

Caspar fez uma careta. — Uma leve semelhança. A Claudia não confia minimamente na Poppy. E eu sei como seria manter mulher e amante debaixo do mesmo teto. Só que eu não ando a dormir com nenhuma delas — acrescentou ele com um sorriso.

— Que curioso. — Angie podia imaginar o quanto Claudia teria gostado. Não deixaria passar a oportunidade. Caspar não estava, evidentemente, interessado. Ainda bem.

— Na verdade, tanto quanto sei, nenhuma delas anda a dormir seja com quem for, — continuou ele, — o que quer dizer que não há realmente nada para contar.

— Rico harém.

— Então, se não é indiscrição minha, — disse Caspar, — o que veio cá fazer?

— Gostava que fizesse o meu retrato.

Angie cruzou uma perna esguia coberta com collant cor de carvão por cima da outra. Naquele dia tinha vestido um prático fato cinzento às listras com um cinto apertado para realçar a cintura fina. Abriu a mala e retirou uma agenda encadernada a couro.

— Hum... não quero ofender, mas sou bastante careiro — disse Caspar. Era sempre melhor avisar logo, especialmente quando o potencial cliente era alguém conhecido. Até amigos de amigos tinham o costume embaraçoso de esperar que se trabalhasse de graça.

— Não faz mal, eu também. — Aproximando-se mais dele, Angie lançou-lhe um olhar conspirador. — Eu quero o quadro para o Hugo. Ele faz cinquenta em dezembro...

— Se o quer pronto em dezembro, vou ter de cobrar mais — interrompeu Caspar. — Olhe, são seis mil libras. Lamento, mas o meu agente matava-me se eu fizesse por menos.

No fundo, ele estava estupefacto com a escolha de presente. Quantos homens quereriam sequer vislumbrar um retrato da ex-mulher, quanto mais que lhes fosse oferecido um no dia do aniversário? E se ele o usasse para jogar aos dardos?

— Seis mil, sem problema. — Angie Slade-Welch estava impávida. — De qualquer forma é ele que o vai pagar. — Sorriu. — Há uma coisa que tenho de dizer a favor do Hugo, ele é um autêntico cavalheiro no que respeita à pensão alimentícia.

*Pobre Hugo*, pensou Caspar. Com quatro ex-mulheres para sustentar, não admirava que tivesse de estar constantemente a deslocar-se para Hollywood para protagonizar o tipo de filmes comerciais que tanto desprezava. Também não era de admirar que nenhuma das ex-mulheres se tivesse dado ao trabalho de voltar a casar. Quando as compensações eram assim tão generosas, onde estava o incentivo?

Caspar, que não tinha nada tão eficaz como uma agenda, conduziu Angie Slade-Welch até ao estúdio no sótão. A parte de trás da porta estava coberta de cartões-de-visita e de pedaços de papel com nomes e números de telefone rabiscados. Alguns tinham datas e horas acrescentadas entre parêntesis. Era assim o sistema de arquivo de Caspar. Era um milagre ele conseguir cumprir alguma coisa.

— As segundas-feiras estão bem para mim. — Angie folheava a agenda com unhas cuidadas e pintadas a bege. — Quartas-feiras... não, é a aromaterapia. Hum, também podia ser às quintas-feiras de tarde. Ou talvez às sextas de manhã...

Discutiram amigavelmente durante alguns minutos. Caspar nunca tinha grande vontade de fazer muito às segundas-feiras. Acabaram por concordar com três sessões preliminares para começar.

— Então até sexta. — Caspar preparava-se para a conduzir à porta. — Não precisa de se preocupar com o cabelo, não nesta fase. Mas traga alguns fatos para decidirmos o que fica melhor. Nada demasiado espalhafatoso...

— Mesmo nada espalhafatoso — prometeu Angie, a boca registando diversão. — Ainda não lhe disse? Quero um nu. — Fez uma pausa, aguardando a reação dele. — Não tem problema com isso, pois não?

— Não é exatamente um problema para *mim*... — Caspar estava com uma expressão duvidosa.

— Bom, tudo bem. Se está preocupado com a minha filha, — disse Angie com um descontraído encolhimento de ombros, — não lhe diga. Este é um negócio particular entre adultos. A Claudia não precisa de saber.

Depois de um dia terrível no trabalho e de uma corrida desde o metro que a tinha deixado encharcada, Claudia não ficou muito satisfeita quando chegou a casa e viu Caspar e Poppy à conversa na sala de estar, a partilharem intimamente um pacote de Jaffa Cakes e sem mostrarem qualquer intenção de fazerem alguma coisa com a montanha de louça que estava por lavar em cima da pia.

Ficou ainda menos encantada quando viu a garrafa de Pouilly Fumée sobre a pedra da lareira. Dois copos repousavam lado a lado sobre a baixa mesinha de centro ao pé da caixa que anteriormente contivera a sua mousse de cappuccino favorita.

No momento seguinte a sua atenção foi desviada para algo ainda mais horrível...

— Ugh... UGH! — gritou Claudia, estremeçando com medo e repugnância. Apontou para o tapete debaixo da mesa. — ARANHAS!

Caspar esticou o pescoço para ver. Sorriu, debruçou-se para a frente, apanhou-as e atirou-as para cima de Claudia.

— Não te enerves, são apenas pedúnculos de tomate.

— Oh! — Claudia ainda tremia. — És mesmo o cúmulo!

— Querida, se fossem aranhas, eu não tas teria atirado.

— Não estou a falar disso — queixou-se Claudia, fulminando-o com o olhar. — Esses tomates eram *meus*. Isto — espetou um dedo na direção da caixa vazia — era a minha mousse de cappuccino. E eu estava a guardar aquele vinho para uma ocasião especial!

— Esta tarde foi uma ocasião especial. — Caspar pensou nas seis mil libras. — Foi por isso que o abri. — Depois, como Claudia estava com um ar mesmo muito atravessado, acrescentou: — Eu compro-te outra garrafa.

— A questão não é essa. — Claudia não tinha herdado o dom da mãe para ficar bonita quando estava molhada. O cabelo estava um caos e o rímel azul escorria-lhe dramaticamente pelo rosto. Virando-se para incluir Poppy na diatribe, continuou: — Nem sequer me deixaram o suficiente para beber um copo. Tinham de beber tudo alegremente.

Poppy também só tinha chegado do trabalho dez minutos antes e fez um ar indignado. — Não fui eu, foi...

— O Anton. Da galeria. — Caspar resolveu improvisar um pouco, pois sentiu que aquela não seria a melhor altura para dizer a Claudia que a mãe tinha estado lá. — Ele passou por cá para me mostrar a brochura para a exposição do próximo mês. — Improvisando desavergonhadamente, prosseguiu: — Está um espetáculo. O Anton diz que já está a captar o interesse de negociantes do Japão...

O telefone começou a tocar. Claudia atendeu.

— Para ti. — De lábios contraídos, passou o telefone a Caspar. — É o Anton. A ligar de Nova Iorque.

Completamente apanhado, Caspar sorriu. — Eu bem disse que o Concorde era rápido.

— Não sou uma das tuas namoradinhas — disse Claudia com azedume. — Não precisas de me mentir.

## Capítulo 9

— Eu não disse que a Angie Slade-Welch ia dar problemas? — disse Caspar depois de Claudia ter subido para tomar um longo banho quente.

— Podias ter recusado — protestou Poppy. — Podias ter-lhe dito que não.

Ele fez uma careta. — Não sou famoso pela minha habilidade para dizer não.

— Bem, só espero que ela valha a pena. Ainda nem sequer a viste sem roupa.

— Não me parece que haja alguma hipótese de ela fracassar na audição. — Caspar estava a rabiscar nas margens da *Radio Times*. Ergueu os olhos e, ao ver a expressão no rosto de Poppy, desatou a rir às gargalhadas. — Desculpa. Estou a ser sincero. Foste tu quem me perguntou como tinha sido o meu dia. Se vais desaprovar, nunca mais te conto nada.

— Não estou a desaprovar. Estou interessada. É a grande diferença entre os homens e as mulheres, não é? Não é preciso amar-se alguém, nem sequer gostar-se um pouquinho; quando se é homem, vai-se na mesma para a cama. — Poppy abriu um pacote de batatas fritas com os dentes. — É diversão. Uma forma agradável de passar o tempo. É como fazer truques com cartas ou jogar Trivial Pursuit.

— Não sou completamente indiscriminado — protestou Caspar. — E, tudo bem, posso não estar apaixonado, mas gosto delas. A mãe da Claudia sabe com o que conta. Não está à espera de nada mais além de um caso. Certamente não me ama.

— Acho que não. — Poppy encolheu os ombros. — Mas parece estranho.

— Tu tiveste uma educação muito protegida. — Caspar desenhou uma caricatura de uma das repórteres do ITN, nua à secretária.

— Não tive nada!

— O que eu quero dizer é que conhecestes esse teu namorado quando tinhas apenas dezassete anos. Namoraram durante uns anos, ficaram

noivos, planejaram casar-se... ele é provavelmente o único tipo com quem dormiste até hoje.

— E depois? — perguntou Poppy, exaltada.

— Eu só acho que devias sair mais um bocado — explicou Caspar. — Viveres um pouco. Ires a festas, conheceres novas pessoas.

— Dormir com outros homens.

— Sim.

— Porquê?

— Porque só tens vinte e dois anos e és solteira. — Caspar parecia exasperado. — É isso que as miúdas solteiras de vinte e dois anos fazem.

Poppy suspirou. Quem lhe dera conseguir. Já tinha saído de Bristol há seis meses e ainda não era capaz de sentir o mínimo interesse por um membro — qualquer membro — do sexo oposto.

Ela nem sequer sabia se isso seria resultado do encontro com Tom, ou se seria um efeito colateral do cancelamento do casamento com Rob, mas era a realidade. Da forma como as coisas iam, Poppy estava a começar a indagar-se se, no campo da libido, alguma vez iria sentir-se de novo normal. Também não se sentia infeliz nem deprimida. Apenas sentia como se o coração tivesse sido arrancado e substituído por um bloco de gelo.

E, tal como no *Cointreau Lady*, o gelo estava a demorar muito tempo a derreter.

Caspar continuava a observá-la.

— Bem, lamento, — disse Poppy, — mas não me apetece sair pelas ruas de Londres a acenar com as cuecas. Já te disse que não estou interessada em sexo. Estou imune.

— Só espero que isso não seja contagioso. — Caspar sorriu e levantou a revista para que ela pudesse ver o seu último esforço. Uma caricatura dela com caracóis exagerados, um halo e uma t-shirt com as palavras «Digam Apenas Que Não» ao lado de uma perversa Claudia, de olhar esperançoso, com um «Por Favor Digam Que Sim» estampado no enorme peito.

— Pobre Claudia. Vê se és simpático com ela. — Poppy, que tinha de estar no trabalho às seis, obrigou-se a levantar.

— Que estás a fazer?

— Tu disseste-me que eu devia ir a festas e conhecer mais pessoas.

— Estou a falar de lugares onde não és tu quem está a servir os *vol-au-vent* — disse Caspar.

— Pois. Bem, eu tenho uma renda exorbitante para pagar. E um senhorio ganancioso. — Ao ouvir passos nas escadas, Poppy agarrou na *Radio Times* e rasgou a página que ele tinha rabiscado. Não era nada provável que Claudia apreciasse a piada. Poppy amarfanhou a caricatura pouco elogiosa numa bola e lançou-a mesmo a tempo para dentro do cesto do lixo.

— Muito bem — anunciou Claudia, sorrindo para ambos. — Já me sinto melhor. Desculpem ter perdido as estribeiras há pouco. Quem quer um chá?

Espantados, Caspar e Poppy levantaram as mãos.

— Vou fazer um bule grande. — Claudia sorriu de novo para provar que estavam perdoados. — E comprei uns biscoitos de aveia no caminho para casa. Oh, maravilha, a minha *Radio Times*. Vamos ver o que dá esta noite...

— E então? — À meia-noite, ao chegar a casa, Poppy espreitou à porta da sala de estar. — Pelo menos ainda estás vivo. Mas será que ela vai voltar a falar com algum de nós?

— Estou exausto. Passei a noite toda a ser simpático — disse Caspar. — Não esse tipo de simpático — acrescentou quando Poppy ergueu as sobrancelhas.

— Tanto barulho por causa de uma página em falta. — Trabalhar de noite significava que Poppy quase não via televisão. Olhou de relance para o televisor quando o filme que Caspar tinha estado a ver chegou ao fim. O genérico estava a passar. O nome Fitzpatrick fez o seu coração disparar por momentos, mas tratava-se apenas de alguém chamado Shona Fitzpatrick, uma das atrizes secundárias do elenco.

Presentindo que algo se passava, Caspar seguiu-lhe o olhar e viu o nome quando este estava quase a desaparecer no ecrã.

Então teve uma ideia luminosa.

— Porque não fazes um apelo ao teu pai na televisão?

Poppy olhou para ele. — Ora aí está uma ótima ideia. Porque não me ocorreu há meses? Só um segundo. — Deu umas pancadinhas nos bolsos das calças de ganga. — Onde está a minha carteira? Sei que tenho sessenta ou setenta mil libras por aqui algures.

— Ok, ok. Existem anúncios gratuitos — lembrou-lhe Caspar. — Podias esperar até ao próximo grande jogo internacional de rãguebi no Twickenham, fazer uma faixa com a frase «Desesperadamente à Procura de Alex Fitzpatrick» e lança-la para o campo durante o intervalo.

— Parece-me mais «Desesperadamente à Procura de Atenção». Para não falar numa noite gelada na cadeia. — Poppy imaginou-se sem roupa, a ser perseguida pelo campo de rãguebi por muitos agentes sorridentes.

— Estou a tentar ajudar — disse Caspar — e tu só estás a arranjar desculpas. E que tal colocares um anúncio nos jornais? Isso não é muito caro.

— Eu sei, mas também não é muito subtil. — Poppy já tinha considerado essa hipótese. — A questão é que eu não ando à procura de uma pes-

soa desaparecida. Estou à procura de alguém que tinha, e provavelmente ainda tem, mulher. Muito provavelmente tem filhos. Como é que eles se iriam sentir ao descobrirem que o pai teve um caso com a minha mãe? Não quero magoar ninguém, — disse Poppy, — nem ser a causa de nenhum confronto. Qualquer forma de o localizar teria de ser discreta.

— Mas continuas a querer tentar.

Poppy estava encostada à porta da sala a girar inquietamente a maçaneta para um lado e para o outro. Anuiu com a cabeça.

— Mais do que tudo. Quero conhecê-lo, mesmo que ele não saiba quem sou. Só preciso de saber como ele é. — Respirou fundo, frustrada com a própria incapacidade. — Posso adorá-lo, ele pode ser perfeito. Por outro lado, também pode ser horrível.

— Mas, também, — disse Caspar, — porque haverias de ser tu a única por aqui a ter um progenitor horrível?

Poppy fez um ar chocado. — Os teus pais não são. São maravilhosos.

— Não estava a falar de mim. Estou a falar da Angie Slade-Welch.

— Céus — brincou Poppy. — Então isso quer dizer que afinal não vais dormir com ela?

— Eu disse que ela era uma progenitora horrível. — Caspar sorriu. — Atrevo-me a dizer que é melhor na cama.

Poppy subiu para o quarto para dormir algumas horas. Ia ficar responsável pela banca do mercado sozinha no dia seguinte enquanto Jake fazia ronda pelos leilões. Desde o dia em que tinha enxotado uma vespa com o programa enrolado num canudo e se tornara a nova proprietária de uma mesa de refeitório de seis metros cheia de caruncho, que Jake não a deixava aproximar-se de um martelo de leiloeiro.

Caspar, que não estava cansado, passou a noite a trabalhar no estúdio e fez enormes progressos no quadro que Angie Slade-Welch tinha admirado nesse dia. Enquanto trabalhava, perguntou-se quanto tempo demoraria até que Angie se insinuasse. Não havia dúvida de que iria fazer-se a ele; a questão era mais quando. Caspar despejou os restos de um tubo de azul-cobalto para a sua palheta, atirou o tubo para o cesto do lixo e começou a misturar o azul com o verde. Algumas mulheres, que gostavam da sensação da expectativa, limitavam-se a uns namoriscos ligeiros durante as primeiras três ou quatro sessões. Outras, sequiosas por não perderem um momento, tornavam imediatamente evidentes as suas intenções. Caspar apostara consigo próprio que Angie Slade-Welch iria insinuar-se antes do final da primeira sessão. Ela não parecia o tipo que perdia tempo.

Depois surpreendeu-se ao indagar-se se deveria ou não alinhar. Isso era assustador, porque nunca antes lhe passara pela cabeça não alinhar.

Caspar pousou o pincel. Pegou distraidamente numa lata de Coca-Cola e bebeu, o olhar fixo no céu preto do outro lado das janelas despidas, o pensamento noutra lugar.

A culpa era toda de Poppy. Era graças a ela que ele estava a considerar não dormir com alguém. Não porque alguma boa samaritana chata lhe tivesse dado um sermão acerca dos males da promiscuidade. Nesses casos o efeito era sempre o contrário. Era o suficiente para mandar qualquer um a correr para a cama mais próxima.

Mas Poppy não tinha feito isso. Nem era ela uma boa samaritana chata. Ela tinha-se simplesmente perguntado qual era o propósito de tal ação quando não havia amor envolvido.

E naquele momento, pela primeira vez na vida, Caspar deu por si a indagar-se se talvez ela não teria razão.

A chuva já tinha parado. Ainda não havia uma estrela à vista. Caspar limpou as mãos sujas de tinta às calças e retomou a pintura, o pincel movendo-se mais ou menos automaticamente sobre a tela enquanto ele pensava um pouco mais em Poppy Dunbar e nas coisas que ela lhe tinha dito naquela noite.

A solução perfeita seria, claro está, dormir com ela.

Caspar sorriu e mergulhou um pincel de zibelina em amarelo-cádmio. Ele gostava de Poppy, tinha gostado dela desde o primeiro momento em que a vira. Ela tinha espírito e energia e fazia-o rir-se.

Tinha também um cabelo maravilhoso e uma impecável compleição creme que era certamente não merecida, considerando a porcaria que ela comia. Estas características extra, combinadas com os olhos amarelos-esverdeados e uns lábios que pareciam estar sempre à beira de um sorriso, significavam que ela era tão bonita quanto as modelos que estavam constantemente a atirar-se a ele.

Mas Poppy não estava a atirar-se a ninguém. Tinha erigido uma barreira invisível ao seu redor, uma espécie de aura que enviava o sinal: Decididamente Não Interessada. Tratava-se de uma reação suficientemente natural considerando aquilo por que tinha passado no início do ano. Caspar nunca tinha experienciado tal coisa, porque nunca tinha tido de suportar qualquer forma de trauma emocional, mas estava perfeitamente preparado para acreditar que existia. Já tinha ouvido falar sobre tudo isso no programa Richard & Judy.

A questão era que agora o assunto estava a começar a intrigá-lo. Ele não conseguia evitar perguntar-se se conseguiria *fazer* Poppy interessar-se por ele.

Que desafio maravilhoso seria. Ele não precisava de se incomodar com uma oferecida como Angie Slade-Welch, podia concentrar antes toda a atenção em Poppy, com quem seria tão mais divertido dormir.

Caspar pintava cada vez mais rápido. Quanto mais pensava no assunto, mais a ideia lhe parecia apelativa. Seria uma forma de ajudar Poppy a quebrar o bloco de gelo, como ela lhe chamava. Mentalmente, os dois eram bastante compatíveis. Fisicamente, ele sabia que seria perfeito. Raios, entender-se-iam às mil maravilhas...

Uns pálidos raios de Sol entravam pelas janelas do estúdio no momento em que Caspar finalizava os últimos retoques no quadro do cavalete à sua frente. Espreguiçou-se, olhou para o relógio — oito e meia — e desceu as escadas.

Estava um prato com uma torrada profusamente barrada com manteiga, mesmo como ele gostava, sobre a mesa da cozinha. Controlando-se ao máximo, Caspar deixou-o lá e começou a partir ovos para dentro de uma frigideira. Momentos depois, meio vestida, Poppy entrou de rompante na cozinha para encher a chaleira e arrancar a tampa da lata dos biscoitos.

Fez um ar de espanto quando o viu.

— Que estás a fazer?

Caspar, que achava ser óbvio, disse: — A cozinhar. — E, com orgulho, acrescentou: — Ovos.

— O que eu queria dizer era o que estás a fazer levantado a esta hora. Ainda nem sequer são nove horas.

— Não me deitei. Raios... — Exibindo-se com a espátula, conseguiu rebentar duas gemas.

Poppy estava perplexa. — Porque não?

— Estive a trabalhar. — Fez uma pausa significativa. — E a pensar...

Mas Poppy estava atrasada para o trabalho. A chaleira não tinha apitado porque Cláudia a tinha desligado para ligar o ferro. O ferro ainda lá estava. Com a boca cheia de biscoito de chocolate, e de costas voltadas para Caspar para que ele não lhe visse as cuecas, Poppy aproveitou para tirar a maior parte das gelhas da saia.

— A maioria das pessoas despe a roupa antes de a passar a ferro.

Ela virou-se e sorriu para ele.

— A maioria das pessoas despe a roupa assim que entra no teu estúdio, mas isso não quer dizer que eu tenha de o fazer. Não é obrigatório.

Como a saia era curta, não demorou muito. Depois de puxar um par de collants pretos da máquina de secar roupa, de se servir de mais uma mão-cheia de biscoitos e de localizar os sapatos pretos de camurça debaixo da mesa da cozinha, Poppy soprou um beijo na direção de Caspar e correu para a porta da rua.

— Droga! — suspirou Caspar fitando os ovos na frigideira. Poppy tinha-o distraído. Tinham cozido de mais.

— Ugh! — disse Claudia, ao entrar na cozinha de casaco vestido. Franziu o nariz. — Como raios conseguiste queimá-los?

— Não comeste a torrada — disse ele antes de ela sair.

— Oh... não estava com fome...

Depois de a porta da rua bater, Caspar agarrou na torrada a que tão estoicamente tinha resistido mais cedo. Mas era demasiado tarde, a manteiga já tinha começado a coagular. A torrada estava empapada e completamente fria. *É o que dá ser-se atencioso e controlado*, pensou Caspar.

Não demorou muito para a sua segunda decisão cair por terra. O que na noite anterior lhe parecera uma ótima ideia estava — à fria luz do dia — a transformar-se numa perspetiva muito mais arriscada. Recapitulando de novo o plano, e constatando o quão cheio de imprevistos estava, Caspar sentiu a determinação começar a esfumar-se. Quando terminou de comer a pavorosa torrada, estava certo de que não conseguiria ir em frente. Havia montanhas de razões para não o fazer.

Para início de conversa, Poppy era uma amiga, uma inquilina alegre que ele lamentaria perder se o plano desse para o torto. Para além disso, qualquer envolvimento entre eles iria aborrecer Claudia. Ela iria *odiar*.

Contudo, o maior impedimento era a própria Poppy. *Ela* podia não estar interessada. Podia também não querer ser conquistada. Poderia dizer que não, e estar a ser sincera, e ele iria *mesmo* odiar isso.

E iria odiar ainda mais se ela se risse.

*Droga*, pensou Caspar, *para quê correr o risco?* Conhecendo Poppy, ela iria rir a bandeiras despregadas. E mesmo que não o fizesse, o que poderia sair dali? Ele não tinha exatamente a melhor folha de serviço do mundo.

Não, decidiu Caspar, o mais inteligente a fazer era esquecer a ideia de seduzir Poppy, pô-la completamente de lado e pensar simplesmente nela como um dos seus compinchas.

Era muito melhor ficar com o demónio que se conhecia.

Caspar suspirou. Não era nada seu mudar de ideias daquela maneira; de facto, era uma estreia. Mas um qualquer instinto esquisito dizia-lhe que era o melhor a fazer.

Que merda, afinal sempre era melhor dormir com Angie Slade-Welch.

## Capítulo 10

Poppy não conseguia evitar sentir pena das mulheres que faziam parte da vida de Caspar.

Não de Angie, que já tinha idade suficiente para cuidar de si. Mas Poppy tinha mesmo pena das namoradas que tão claramente o adoravam e que ele tratava com tanta displicência. Inventar desculpas ao telefone para o ajudar, era uma coisa; Poppy tinha muita prática nisso.

Mas quando as raparigas eram simpáticas e ela era obrigada a lidar com elas pessoalmente — de facto, cara a cara, com aquela terrível expressão crédula nos olhos —, era complicado, por vezes, não interferir.

Quando se tinha um pingo de compaixão, podia ser completamente impossível.

Jake tinha saído para os leilões quando Kate Mitchell apareceu no mercado de antiguidades. Ela esperou pacientemente que Poppy acabasse de vender uma chávena Staffordshire a uma sueca de meia-idade com uma capa impermeável púrpura.

Poppy gostava de Kate, que era uma pessoa doce, amistosa e de aspeto frágil. Quando descobriu o propósito da visita de Kate, soube de imediato que chegara a hora de começar a interferir como doida.

— Eu sei que ainda estamos em outubro, mas eu compro sempre os presentes de Natal com bastante antecedência — explicou Kate com um sorriso apoloético. — A questão é que eu tenho um pouco de medo das lojas de antiguidades, mas sabia que se viesse cá, tu não ias deixar que me roubassem.

— Claro que não. — Poppy pensou que pena era Jake não estar presente para escutar tal elogio. — E temos algumas coisas espetaculares para oferecer. É para quem? Algum familiar?

— Na verdade, para o Caspar. — As faces de Kate adquiriram um atraente tom rosado. — Não tenho muito dinheiro, mas queria mesmo comprar-lhe alguma coisa de jeito. Na verdade, vi algo ainda há pouco enquanto estavas com a senhora do impermeável...

O coração de Poppy caiu-lhe aos pés. Kate estava debruçada sobre

a vitrina de joias e apontava com um dedo indicador quase translúcido em direção a um alfinete de gravata com diamantes. O preço marcado na etiqueta era de quatrocentas libras, valor que ela sabia estar fora do alcance de Kate.

Poppy também sabia que não interessava o quão simpática *ela* achava que Kate era; Caspar estava a começar a faltar-se da sua devoção. Um peru tinha maiores hipóteses de durar até ao Natal do que aquela relação.

— Um... alfinete de gravata? — Poppy hesitou, tentando ganhar tempo. — Hum, o Caspar tem alguma gravata?

— Não faz mal. — Kate ruborizou de novo. — Eu sei que não. É uma espécie de piada particular entre nós. Sabes, eu estava a brincar com o Caspar a dizer-lhe que ele tinha de usar uma gravata um dia quando casasse. — Lançando a precaução para trás das costas, acrescentou apressadamente: — Por isso pensei que seria um presente fantástico... e, quem sabe, pode ser que o estimule a... bem, a ter pensamentos casamenteiros.

Poppy estava entorpecida. Quão embaraçoso, e nem sequer era ela que estava a dizer tal coisa.

— Não podias simplesmente comprar-lhe uma gravata?

— Vá, abre lá a vitrina — pediu Kate. — Não faz mal, eu sei quanto custa. Isso não importa. — Timidamente, acrescentou: — O Caspar vale isso e muito mais.

*NÃO, não vale*, queria Poppy gritar, mas tudo o que fez foi abrir a vitrina e entregar-lhe o alfinete de gravata. Não podia enfiá-lo na boca, estilo agente secreto, e engoli-lo.

— Quatrocentas libras — murmurou Kate, olhando para o diamante central e virando-o de um lado para o outro para refletir a luz. — Quatrocentas libras...

Era aquilo que as pessoas faziam quando estavam demasiado nervosas para regatear. Normalmente, para lhes acabar com o sofrimento, Poppy diria: «Bem, para si, trezentas e cinquenta».

— Eu sei, e lamento mas não posso baixar o preço. — Revirou os olhos. — O Jake às vezes consegue ser tão mauzinho. Se queres saber a minha opinião, neste caso ele exagerou descaradamente. Duvido que valha duzentas, quanto mais quatrocentas.

— Oh, mas é tão bonito...

— De facto. — Poppy teve uma ideia inspirada: — Nem sequer tenho a certeza se o Caspar gosta de diamantes. Tenho um pressentimento de que os acha pirosos. Eu sei que ele gosta *mesmo* é de topázio.

Kate fez um ar surpreendido. — Topázio?

— De topázio e de prata. Ainda na outra noite ele estava a comentar

isso. De acordo com o Caspar, é uma combinação clássica, como o Bucha e o Estica... caviar com vodka... Pearl e Dean... — Poppy acenou freneticamente a Marlene, cujo stock de joias era mais extenso que o de Jake. — Eh, Marlene! Ainda tens aquele alfinete de gravata de topázio e prata? O que eu vi ontem?

Marlene anuiu com a cabeça. Poppy virou-se triunfantemente para Kate.

— Segue o meu conselho e compra-lhe aquele. É um sonho. O Caspar vai adorar.

— Mas...

— E não tenhas medo da Marlene. A etiqueta diz oitenta — disse Poppy com um grande sorriso. — Sê firme. Diz-lhe que não lhe dá mais que quarenta e cinco.

— C-céus — gaguejou Kate, recuando em direção à banca de Marlene. — Obrigada, Poppy.

— Obrigado, Poppy — disse outra voz sussurrada atrás dela.

A transbordar de culpa, ela virou-se para trás. Jake estava de regresso dos leilões e tinha, de forma bastante injusta, de acordo com a opinião dela, entrado pelas traseiras em vez de pelas portas de vidro da entrada principal onde ela o teria avistado imediatamente.

Poppy contorceu-se e perguntou-se durante quanto tempo ele teria estado a ouvir.

— Há tempo suficiente — disse Jake, já que a pergunta não verbalizada era bastante óbvia. Tirou os óculos e esfregou-os no cotovelo do casaco de malha preto já puído. Era um costume a que recorria quando a paciência já estava esgotada, habitualmente por Poppy. Isso e o olhar triste que lhe dirigia — sem os horríveis óculos — faziam sempre Poppy sentir-se envergonhada. Seria tão mais fácil suportar se ao menos ele lhe gritasse, lhe chamasse imbecil, lhe desse um apertão no braço...

— Jake, desculpa, mas *não podia* vender-lhe o alfinete. — Poppy lembrou-se de baixar a voz na hora H. — A pobrezinha é louca pelo Caspar... ela não sabe que ele está prestes a dar-lhe com os pés! E ela é apenas aprendiz de design de moda, por isso ganha uma ninharia. Pensa nisso, Jake, não podemos ficar impávidos e deixar alguém gastar assim tanto dinheiro quando sabemos que a pessoa está prestes a levar com os pés.

Jake abanou lentamente a cabeça. Ele sabia que as intenções de Poppy eram boas. Mas preferia que não lhe custassem tanto dinheiro.

— Ok, estou a perceber. Mas Poppy, por favor, eu tenho renda e faturas a liquidar... — fez uma pausa para empolar a gravidade — ...o teu salário para pagar.

Poppy estava com um ar tristíssimo. — Lamento muito mesmo.

— Lembra-te apenas que estamos aqui a tentar ganhar a vida. A vida amorosa do Caspar French não é da minha conta...

Calou-se quando Kate regressou. Trazia na mão o alfinete de gravata já embrulhado.

— Tinhas razão, — disse ela alegremente a Poppy, — este é perfeito, muito mais o estilo do Caspar.

Poppy continuava a achar que era como comprar um CD para quem não tinha leitor de CD, mas isso era com Kate.

— Bem, então vemo-nos na quinta, — continuou Kate, — na noite da apresentação do Caspar. Vais, não vais?

Poppy acenou afirmativamente com a cabeça. A Denver Parrish Gallery na Cork Street estava a exhibir o trabalho de três artistas, um dos quais era Caspar. A exposição estava a atrair bastante interesse e a noite de inauguração prometia ser glamorosa.

— E tu também? — Kate virou-se e sorriu para Jake, que parecia desconfortável.

— Oh, não, não fui...

— Sim! — exclamou Poppy, aproveitando a oportunidade para o compensar. — Claro que tens de vir! Podes ser meu acompanhante. Vai ser fantástico, champanhe de borla e todos os pistácios que conseguires descascar...

— Não posso. — Jake interrompeu-lhe o discurso desenfreado. — Tenho um encontro marcado na quinta-feira à noite.

— Ele não ficou nada satisfeito comigo — confidenciou Poppy mais tarde nesse dia. Jake tinha dado um pulo ao banco e Marlene tinha ido até lá para trocarem dois dedos de conversa enquanto partilhavam um pacote de rebuçados de limão. — Pobre Kate, ela não tem muita sorte com os homens. Até a apanhei a dar uma olhadela discreta ao Jake. Não tive coragem de lhe dizer que ele era gay.

— Provavelmente gay — corrigiu Marlene. — Não temos a certeza.

— Aposto cinquenta cêntimos como é. Droga, — Poppy fez um ar desolado, — esse é o último? Vamos ter de o partir ao meio.

O telefone tocou enquanto Marlene cortava energicamente o último rebuçado com um abre-cartas eduardiano.

— Sim? — disse Poppy, atendendo.

— Oh, olá. — Uma voz masculina parecia surpreendida. — Hum... o Jake não está?

— Lamento, mas saiu. Posso ajudar?

— Sim. Se pudesse transmitir-lhe um recado. — Era uma voz masculina extremamente efeminada, constatou Poppy. Como Julian Clary depois

de aspirar hélio. — Diga-lhe que o Ellis ligou e que tenho imensa pena mas afinal não consigo ir na quinta-feira à noite. Surgiu um imprevisto... — riu-se com um riso sufocado — ...por isso vamos ter de sair noutro dia.

— Céus, está a ouvir-se tão mal... — disse Poppy, antes de pressionar triunfantemente o telefone contra o ouvido de Marlene. — Podia repetir a última parte?

— Ok, ok, — resmungou Marlene dois minutos depois, — estavas certa e eu estava errada. O Jake é gay e eu devo-te cinquenta cêntimos.

— Para não falar de metade de um rebuçado de limão.

— Prémio de consolação. — Marlene enfiou as duas metades na própria boca.

— Pobre Jake, deixado pendurado pelo Ellis. Não importa. — Poppy animou-se. — Agora ele já pode ir comigo à inauguração da exposição do Caspar.

## Capítulo 11

A noite de quinta-feira não tinha começado da melhor maneira no que Adizia respeito a Claudia. O período estava quase a aparecer, o que sempre a deixava insuflada como uma víbora. Isso queria dizer que o deslumbrante novo vestido preto que tinha comprado havia três dias — antes de a tensão pré-menstrual ter atacado — estava um bocado apertado.

Ela começou a sentir-se melhor quando acabou de organizar as tiras entrecruzadas nas costas e treinou para não respirar. Afinal, talvez estivesse até com muito boa aparência. O vestido, de uma das novas estilistas da Hyper Hyper, tinha custado uma fortuna. Claudia aplicou uma borrifadela extra de Arpège, para levantar o moral, verificou o cabelo e a maquilhagem pela quinta vez e desceu descontraidamente até à sala de estar onde Caspar, Poppy e Kate estavam a tomar uma primeira bebida celebrante.

— Oh! — disse Claudia, parando abruptamente à porta.

— Ups! — disse Poppy ao levantar os olhos.

— Ui! — disse Caspar com um sorriso.

Claudia não sabia se havia de bater com os pés ou desatar a chorar. Só havia uma coisa mais irritante do que outra pessoa estar a usar um vestido quase exatamente igual ao seu, que era descobrir o quão melhor ficava a essa pessoa do que a ela. Droga, *droga...*

— Quando é que compraste isso? — explodiu Claudia num tom acusador. Mais precisamente, como é que Poppy-a-pobre podia ter tido dinheiro para o comprar?

— Oh, céus! — Kate estava com um ar preocupado. — Desculpa, fui eu que lho emprestei.

Kate era ainda mais tesa que Poppy. Incapaz de se controlar, Claudia declarou: — O meu vestido custou trezentas e setenta e cinco libras e é da Cher Balakiel da Hyper Hyper.

— Caraças! — disse Poppy. Olhou estupefacta para Kate.

— O meu custou vinte e quatro libras e noventa e nove — confessou Kate nervosamente. — É do George da Asda.

...

Claudia foi incapaz de se juntar à animada galhofa no táxi que os levava de Kensington à Cork Street. Naquele momento arrependia-se de ter sido tão teimosa. Tudo o que precisava de ter feito teria sido subir até ao quarto e trocar de roupa. Ter-lhe-ia levado dois minutos e em seguida podia ter esquecido o incidente.

Em vez disso, ali estava ela, parecendo a metade de um cerra-livros — a metade *grande* — no início de uma noite que estava destinada a acabar em lágrimas.

— Vá lá, anima-te — disse Caspar quando a ajudava a sair do táxi. — Não tem importância, a sério que não. — Deu-lhe um apertão. — Imagina como é com os homens. Achas que têm o dia estragado se mais alguém aparece no escritório de fato cinzento?

Era a grande noite de Caspar. Claudia não queria ser uma desmancha-prazeres. Viu Poppy e Kate entrar na galeria iluminada à frente deles.

— Desculpa, é que... — Apontou impotentemente para Poppy, com o seu cabelo ruivo apanhado num topete deslumbrante. Quem precisava de bronzeado quando se tinha uma pele que parecia natas? A compleição de Poppy era o complemento perfeito para as tiras intrincadamente entrecruzadas nas costas e nas alças sobre os ombros. A sua silhueta era perfeita. Ela tinha até meias de vidro quase transparentes e sapatos pretos de salto alto.

— Não sejas parva, estão as duas muito bem — disse Caspar.

Claudia tinha passado anos a sentir-se inferior à mãe. Agora estava tudo a repetir-se. Sentiu o lábio inferior começar a tremelicar. — A Poppy está mais bonita.

— Só porque nunca a tínhamos visto toda emperiquitada. — Caspar tinha também ficado bastante espantado com a transformação. — Enquanto que tu estás sempre elegante. Convenhamos, da forma como a Poppy se arranja normalmente, dificilmente será confundida com a Ivana Trump. Eu pensei realmente que hoje ela ia aparecer de calças de ganga e Doc Martens.

Claudia recompôs-se e fez um sorriso forçado. — Quem me dera.

Às nove da noite a galeria estava agitada. Entre os convidados, encontravam-se compradores, negociadores, jornalistas e um molho de celebridades contratadas, do tipo que viria de jato de Surbiton para a abertura de um frasco de geleia.

Claudia estava a tentar enfrentar corajosamente a situação, mas o facto de ela não conhecer mais ninguém ali significava que seria obrigada a juntar-se a Poppy e Kate. Ainda mais irritante era a forma como os flashes não paravam de disparar, mas sempre que se virava para ver se tinha sido incluída na fotografia, o fotógrafo parecia ter estado a apontar para Poppy.

Caspar tinha sido requisitado pelo dono da galeria que estava atare-

fado a apresentá-lo a todos os jornalistas e compradores mais influentes. Feliz em observar à distância o futuro marido ser cumprimentado por um milionário grego, Kate imaginava sonhadamente a vida maravilhosa que teria com Caspar quando fossem casados.

Poppy estava determinada a divertir-se. Tirar uma noite de folga da Cozinha da Kenda tornava duplamente importante essa resolução — se estava a perder o salário de uma noite, tinha a *obrigação* de se divertir. Ela só desejava que Claudia se animasse, comesse a sorrir um pouco. E onde estava Jake? Ele tinha prometido chegar antes das nove.

Claudia avistou Jake primeiro, que se dirigia discretamente na sua direção através da multidão apertada.

— Deus do Céu! Alerta parolo! — disse ela com ânimo na voz. — Como é que *ele* conseguiu entrar?

Depois encolheu-se, ao constatar de quem deveria tratar-se, quando o parolo tocou no braço nu de Poppy.

Era em momentos como aquele que Poppy se sentia mais protetora em relação a Jake. Devia ser assim que uma mãe se sentia quando o filho era empurrado do baloiço por outro miúdo. Mortinha por esmurrar Claudia no nariz, disse alegremente: — Viva, finalmente chegaste! Jake, já conheces a Kate. Esta é a Claudia, que está com um humor de cão, por isso não te dês ao trabalho de falar com ela. — Sorriu para ele. — E eu sou a Poppy, lembras-te?

— Mais ou menos. — Jake sorriu ligeiramente. — Estás maquilhada. E crescestes alguns centímetros depois das cinco da tarde.

— O Caspar disse que eu tinha de estar elegante. Estes saltos são assassinos. Nem sabes a sorte que tens...

Poppy calou-se de repente. Ela era pouco versada no que tocava ao homossexuais. Teriam maior hábito de vestirem roupa de mulher do que os heterossexuais? Teria Jake um guarda-roupa estilo Lily Savage? Poppy não conseguia nem imaginar. Nunca se sabia, talvez ele tivesse uma mala de viagem atafalhada com cintas de liga e sapatos de salto agulha escondida debaixo da cama. Isso explicaria certamente a total falta de interesse que demonstrava ao vestir roupa de velho sem graça.

— Sim, ainda bem que não estou de saltos altos — disse Jake secamente. Kate estava a observá-la com atenção. — Poppy, sentes-te bem?

Poppy estava a imaginar Jake num número esterlicado de Shirley Bassey. Depois recompôs-se. E se ele fosse um travesti nos tempos livres, o que é que tinha? Ele podia muito bem usar aquilo que lhe desse na telha.

De facto, Jake tinha acabado por fazer exatamente isso, ao aparecer com umas calças de veludo beges puídas, a camisola verde favorita com os buracos nos cotovelos e uma igualmente anciã camisa azul-escura.

Apreciando cada triste peça de sua vez, Claudia estava espantada com o descaramento de Jake. Ele sobressaía, sem dúvida, no meio dos dispendiosos fatos de estilistas famosos e dos elegantes trajes pseudoartísticos preferidos pelos outros homens na galeria.

Mais ninguém estava de anoraque.

## Capítulo 12

No entanto, à medida que a noite ia avançando, Claudia começou a lamentar ter chamado parolo a Jake. Sem dúvida que à primeira vista ele tinha um aspeto horrível — e, principalmente, não encaixava com a imagem mental dela no que dizia respeito a como *deveria* ser o aspeto de alguém chamado Jake — mas, de uma forma estranha, ela estava a começar a gostar dele. Claudia estava habituada aos tipos barulhentos e espalhafatosos dos bares que tinham grandes carros e engatavam com um olho na porta para a eventualidade de entrar alguém melhor. Os interesses que tinham na vida eram fazer dinheiro, embebedarem-se e fornicarem, e gostavam de fazer essas coisas o mais rapidamente possível porque — como tanto gostavam de dizer — tempo era dinheiro.

Jake era diferente de todos os que Claudia tinha conhecido até então e ela estava confusa. Tão confusa que não conseguia sequer compreender se ele estava a querer engatá-la ou não.

Depois de ter pedido licença para ir à casa de banho, Claudia regressava agora para a secção da galeria onde estavam os outros. Não tinham havido quaisquer frases reconhecíveis de engate, isso era certo, mas por uma ou duas vezes a expressão no olhar de Jake e o tom da sua voz tinham-na feito pensar, sim, que ele estava a fazer-se a ela. Era algo subtil, muito discreto, mas ela tinha quase a certeza de que estava lá. E quanto mais pensava que podia estar, mais atraente Jake se tornava — de uma forma muito subtil e superficial.

Outro aspeto que atraía Claudia era a forma tranquila como ele lidava com Poppy. Quando Poppy fazia algo irritante em casa, Claudia explodia imediatamente. A atitude descontraída de Jake era uma revelação. E era também uma ligação, algo que tinham em comum.

— Deve ser terrível — tinha dito Jake no seu modo gentil e não muito sério. — Já é suficientemente mau trabalhar com ela. Viver na mesma casa deve ser um inferno.

Naquele momento, quando regressava da casa de banho, Claudia viu que um dos amigos de Caspar se tinha juntado ao grupo.

— ...e não esperem qualquer compreensão da parte da Claudia, — dizia Jake, — ela está do meu lado.

Desta vez, o olhar que ele lhe lançou foi quase de proprietário. Claudia sentiu um calor na barriga. Ela gostava de estar do lado de Jake.

— Isto é terrível, — queixou-se Poppy, — estão a conspirar contra mim. Obrigada, Jake, já estou arrependida de te ter convidado.

Claudia estava contente que ela o tivesse feito. Com o entusiasmo, engoliu a bebida de um só trago. Céus, estava calor lá dentro. Se ela fingisse abanar-se um pouco por causa do calor, podia roçar o braço nu contra o braço do pulôver de Jake. Juvenil, mas excitante. Graças a Deus que ele tinha despido o anoraque.

— Mais bebidas? — perguntou Jake apressadamente. — Outra rodada igual a esta? E, hum, talvez devêssemos dar uma olhadela aos quadros. Afinal, é por isso que aqui estamos.

Kate foi chamada por alguém que conhecia. Poppy e Claudia dirigiram-se obedientemente até à parede mais próxima para inspecionarem um abstrato amarelo e rosa de um dos artistas expostos. A pintura tinha dois metros quadrados e era intrincadamente complexa. O título era «Tricô: o ponto caído».

— Ainda bem que a minha avó já morreu — disse Poppy. — Ia ter algo a opinar sobre isto. — Espreitou por cima do japonês que estava à sua frente para ver o preço indicado na brochura dele. — Catorze mil libras. Deus do Céu!

— Para! — ciciou Claudia. — É embaraçoso.

— Podes crer que é embaraçoso. Catorze mil por aquilo! Preferia muito mais ter um Caspar French. De facto, — continuou Poppy, — vou pedir ao Harry para me comprar dois. Escutei agora mesmo um dos negociadores de Nova Iorque dizer que são o melhor investimento desde o De Kooning.

O japonês já tinha os ouvidos a zumbir. Segundos depois afastou-se.

— Não penses por um segundo que ele acreditou em ti — zombou Claudia. — Sinceramente, isso é *tão* infantil.

Poppy sentiu-se picada. Ela achara tratar-se de um estratagema brilhante.

— Pode ser que funcione. Se eu ouvisse alguém dizer algo do género, ia acreditar.

— Pois... bem, tu és crédula. A maioria das pessoas tem mais bom senso.

— Obrigada.

Poppy cerrou os dentes. Se Claudia ia começar a bater na mesma tecla de que ela era crédula, ela podia ser obrigada a lembrar-lhe quem tinha

acabado de desembolsar trezentas e tal libras por uma cópia de um vestido de uma cadeia de lojas.

Mas, desta vez, Claudia desistiu.

— Ok, desculpa. — Abanou a cabeça para mostrar a Poppy que estava a falar a sério. Estavam na exposição de Caspar e não podiam estragá-la. Além disso, ela estava desejosa de bombardear Poppy com um milhão de perguntas acerca de Jake.

O pedido de desculpas tinha feito Poppy ficar instantaneamente desconfiada. Ela avançou um pouco mais e começou a estudar outro dos abstratos bizarros. Este, turquesa e cinza, tinha o título «Um Beijo numa Árvore».

— De qualquer forma, tinhas razão — arriscou Claudia, ávida por desanuviar o ambiente. — A pintura do Caspar é muito melhor que esta porcaria.

Um homem muito alto, de barba, com olhos cinzentos de pálpebras descaídas lançou-lhe um olhar zangado.

— É o artista — murmurou Poppy.

— Merda.

— Estava a brincar.

Poppy sorriu. Claudia reprimiu a vontade de a estrangular. Em vez disso, disse num tom descontraído: — O Jake é bastante simpático, não é?

— Quem? Estás a falar do Jake, meu patrão? Jake, o *parolo*?

Claudia fez um ar atrapalhado. — Foi o anoraque. Bem, e as calças. O que eu quero dizer é que ele é melhor do que se espera... quando o conhecemos melhor.

Poppy parecia divertida.

— Tenho a certeza de que ele vai ficar lisonjeado quando ouvir isso.

— Não me recordo — explodiu Claudia em desespero — se disseste que ele era casado ou se estava a viver com alguém.

— Que interessante — disse Poppy. — Não me digas que estás interessada no Jake!

Porque é que ela tinha de parecer tão... tão *alegre*? Afrontada, Claudia ergueu o queixo.

— Estou só a perguntar. Porque não? Ele está obviamente interessado em mim.

Poppy sorriu. — Não, não está.

— Está sim.

— Claudia, garanto-te que não está.

— Não sabes isso. — Céus, às vezes Poppy conseguia ser uma autêntica vaca! — Que és tu? Alguma espécie de autoridade mundial no Tipo de Miúdas que Interessam aos Homens?

— Acalma-te, acalma-te. — Poppy fez gestos tranquilizadores com as

mãos. — Percebeste mal. Olha, — continuou Poppy, — o que eu queria dizer é que o Jake não se interessa por nenhum tipo de rapariga. Ele é gay.

Claudia estava pasmada. — Gay? Tens a certeza?

— Claro que tenho a certeza. Ele é muito discreto, mas não há qualquer dúvida — explicou Poppy com determinação. — É por isso que não vale a pena tentar engatá-lo. Por isso, como vês, eu não estava a ser cruel quando disse que ele não estava interessado em ti. Estava apenas a ser honesta. — Sem se aperceber que Jake já tinha regressado do bar e estava mesmo atrás dela, Poppy continuou: — Sei que é triste, mas que se pode fazer? O Jake joga na equipa errada. Na verdade, acho que ele também é capaz de ser travesti...

— MUITO BEM, — silvou Jake ao ouvido dela, — já CHEGA. Que diabos achas que ESTÁS A FAZER?

Poppy apanhou um susto de morte. A voz estava tão cheia de fúria que ela quase não a reconheceu. Quando se virou e viu a expressão no olhar de Jake, sentiu-se empalidecer. Nunca o tinha visto tão enfurecido. Ela não o sabia capaz de uma fúria tão assustadora.

— Oh, Jake, desculpa... eu sei que não é algo que se deva andar a espalhar... — socorro, mais visões da Shirley Bassey — ...mas pensei que seria mais simples explicar à Claudia porque é que ela não devia... hum, porque é que tu... tu não...

Jake parecia prestes a explodir. Poppy desistiu de tentar explicar. Encolhendo-se, recuou uns centímetros. Ainda bem que estavam rodeados de pessoas, assim Jake não podia gritar com ela.

— Não acredito nisto! — Ele não estava a gritar. As palavras eram cuspidas por entre dentes cerrados, o que já era suficientemente mau. — Vamos esclarecer já uma coisa. Eu não sou gay. Nunca fui gay e nunca serei gay. — Os olhos escuros, como dois pedaços de carvão idênticos, olharam-na de forma fulminante. — E lamento desapontar-te, mas também não uso roupa de mulher.

— Oh — disse Poppy numa voz baixinha. — Jake, desculpa. Erro meu.

— Vês, é *exatamente* assim que ela é — disse Claudia a Jake com um ar de triunfo. — Diz coisas sem pensar, sai-se com estas afirmações ridículas...

— Eu não falei sem pensar. — Poppy estava indignada. — Apenas pensei a coisa errada.

Jake tinha começado a acalmar-se. Pelo menos, já não lhe saía fumo das orelhas. Franziu o sobrolho. — Mas porquê? O que é que te levou a pensar isso? Nunca te dei motivos para pensares que eu era gay.

Poppy contorceu-se. Porque é que tinha exatamente chegado a essa conclusão?

— Acho que deve ser por não teres namorada. — Oh, céus, que razão mais esfarrapada. — E nunca falas muito da tua vida social. Hum... — Sim, era isso! — ...e depois houve aquele telefonema do Ellis! — Poppy agarrou-se com unhas e dentes a esse facto, como se de um colete salva-vidas se tratasse. — Era suposto ires encontrar-te com ele esta noite, lembras-te? Mas ele teve de cancelar...

— O Ellis Featherstone mora na minha rua — disse Jake com um suspiro. — É o coordenador local do grupo de Vigilância do Bairro. Sim, o Ellis é gay, — concluiu ele com descontração, — mas eu estou bastante certo de que isso não é contagioso.

— Ok, eu cometi um erro. — Poppy ainda não conseguia acreditar na transformação de Jake. *Diz-se que até um verme reage quando é pisado*, pensou ela. Jake tinha-se transformado num autêntico leopardo.

Poppy não era a única impressionada com a transformação. Claudia não conseguia parar de olhar para Jake. A notícia de que afinal ele não era gay tinha-a animado de imediato. Encorajada por toda a adrenalina que lhe corria nas veias, agarrou numa das bebidas que Jake tinha trazido do bar e esvaziou mais um copo de champanhe ligeiramente quente.

— Mas o que foi que te fez dizer tal coisa esta noite? — insistiu Jake. Na outra mão segurava a bebida de Poppy. Antes de lha passar, Claudia arrancou-lha.

Poppy abriu a boca para explicar.

— Bem...

— A verdade é que ela não conseguia acreditar que tu estavas a fazer-te a mim — interrompeu Claudia alegremente, com a língua já completamente solta. — Eu disse-lhe que estavas, ela disse que não. — Inspirando profundamente, fazendo o peito inchar como o de um pombo, Claudia ofereceu a Jake a visão do seu perfeito decote. — A Poppy não acredita que algum homem pode querer engatar-me.

Era como uma dança de acasalamento, pensou Poppy, esforçando-se para manter a cara séria quando os olhos de Jake mergulharam inadvertidamente no decote, desviando-se nervosamente em seguida. Era como uma daquelas exposições de plumagem que se via as aves fazerem nos programas do David Attenborough. Claudia estava a ordenar silenciosamente a Jake para responder e a seduzir um pouco mais. Pobre Jake, já recomposto da sua explosão, estava com uma expressão totalmente assustada.

Alguns minutos de embaraçosa conversa depois, Jake pediu licença e saiu.

— Muito obrigadinha — disse asperamente Claudia quando ele já se tinha afastado.

— Ora! — Poppy suspirou. Já estava mais do que farta de Claudia naquela noite.

— Ele ia convidar-me para sair, sabes? Tu assustaste-o. — Claudia lançou-lhe um olhar furioso. — E não me venhas dizer que não fizeste de propósito.

À meia-noite os últimos convidados estavam de saída. Só depois de ter feito sinal para parar um táxi e de ter entrado com o seu pequeno grupo é que Caspar se apercebeu porque é que Claudia e Poppy tinham passado as últimas horas em diferentes extremos da sala.

— Vá, não há necessidade disto. — Animado com o sucesso da exposição, Caspar tentava uma reconciliação.

— Eu estou bem — disse Claudia a fungar. — É ela. O Jake ia convidar-me para sair se ela não se tivesse intrometido. Se queres saber a minha opinião, ela tem inveja.

— Inveja? — gritou Poppy. — Foste tu quem lhe chamou parolo! Depois começaste a pavonear o peito debaixo do nariz dele! Ele só se foi embora porque estava demasiado embaraçado para olhar para ti.

— Meninas, meninas — disse Caspar. Pela voz, Claudia tinha exagerado na bebida. Viu-a a tentar acender a ponta do cigarro onde ficava o filtro. Por sorte o isqueiro também estava de cabeça para baixo.

— E estás com inveja porque o meu vestido foi mais caro que o teu — afirmou Claudia, desistindo do cigarro e atirando-o pela janela do táxi.

— Oh, sim, claro que estou. — Poppy levantou as sobrancelhas como quem diz «o que se pode fazer com uma doida?».

— Não faças isso com as sobrancelhas! — berrou Claudia.

— Eu faço o que quiser com as minhas sobrancelhas. Paguei trezentas e setenta e cinco libras por elas na Hyper Hyper.

Claudia interrogou-se se já alguma vez na vida teria desejado tanto estrangular alguém. Lá estava outra vez aquele detestável e quase impercetível sorriso, o que Poppy usava quando estava a zombar dela.

— Vais arrepender-te disto. — Constatando que não tinha força para algo mais físico, Claudia acenou com um dedo a Poppy. — Eu ia dizer-te uma coisa. Uma coisa importante. Sabes, tu devias... devias ser *simpática* para mim...

Poppy achava que tinha sido muito mais simpática do que Claudia merecia. Exibindo um controlo sobre-humano, disse: — Então diz, qual é a coisa assim tão importante que eu preciso de saber?

— Não tenho a certeza se te quero contar. — O dedo espetado oscilava como a batuta de um maestro. — Não acho que mereças saber. Não devias...

— Oh, por amor de Deus! — gritou Poppy, atirando-se contra as costas do banco. — Alguém pode calar esta miúda? Que fiz eu para a merecer?

— Claudia, — disse Caspar com suavidade, — cala-te.

— Mas...

— Não, estou a falar a sério. Bebeste o suficiente para podes a flutuar o Queen Elizabeth II.

— Bem, — Claudia parecia afrontada, — nesse caso não digo nem mais uma palavra. — Sacudiu para trás os pesados cabelos louros. — Não digo uma palavra sobre o pianista no clube de jazz Cavendish... o pianista cujo nome por acaso é Alex Fitzpatrick.

## Capítulo 13

Claudia acordou na manhã seguinte com uma dor de cabeça de rachar. Quando rolou na cama e percebeu que o despertador não tinha tocado, e que já eram nove e meia, gemeu bem alto.

— Não há problema — disse Poppy, abrindo a porta do quarto com o cotovelo e pousando um tabuleiro aos pés da cama de Claudia. — Eu desliguei o despertador. E liguei para o teu escritório. Disse que tinha havido um acidente de trânsito em frente da casa e que tinhas tirado uma velhota dos destroços. Que tiveste de embrulhar o dedo cortado da senhora em ervilhas congeladas e que ias levá-lo para o hospital, mas que estarias no trabalho ainda esta tarde.

Claudia anuiu com a cabeça, estremeceu e agarrou-se às têmporas. Sentar-se estava a ser pior que escalar o Everest. Uma coisa era certa, Poppy arranjava sempre umas razões muito engenhosas para chegar atrasada ao trabalho.

— Toma, bebe isto. — Poppy estendeu-lhe uma chávena de chá e depois colocou três paracetamol na trémula mão de Claudia. — E fiz-te umas torradas, se achares que consegues comer. — Hesitou, depois continuou: — E desculpa-me se fui horrível ontem à noite.

— Desculpa-me também. — Claudia parecia envergonhada. De repente tinha-se lembrado de tudo. — Também não me comportei muito bem. Não acredito que ameacei não te contar o que sabia do Alex Fitzpatrick. — Engoliu os últimos goles de chá demasiado quente. A bebida ardia-lhe na garganta, mas matou-lhe a sede. — É claro que eu ia dizer-te.

— Eu sei.

Poppy pouco tinha dormido. Ainda não tinha conseguido ultrapassar a mão que o destino tinha tido na revelação de Claudia. Pensar que, se Ellis Featherstone não tivesse telefonado na semana anterior, ela nunca teria chegado à inevitável conclusão de que Jake era gay. Não teria contado a Claudia, Jake não teria escutado e a discussão acesa que se seguira nunca teria acontecido. E se tivesse sido assim, Claudia não teria ido para o extremo oposto da galeria nem escutado por acaso uns negociantes de arte en-

tusiastas de jazz a conversar animadamente sobre o estilo blues do pianista residente num pequeno clube escondido chamado Cavendish Club.

Era impressionante. Tanto quanto Poppy fora capaz de perceber, devia tudo à Vigilância do Bairro. Isso, ou a toda a comunidade criminosa, porque se não fossem os criminosos, o plano de Vigilância do Bairro nunca teria sido inventado.— Então achas que é mesmo ele? — perguntou Claudia. — Pode mesmo ser o teu pai?

Poppy estava sentada na cama abraçando os joelhos contra o peito. Já não estava emperiquitada, como Caspar tão romanticamente lhe chamava, e não parecia ter mais de dezasseis anos, com os cabelos ruivos caídos para a frente dos olhos e os resquícios do rímel à prova de água da noite anterior ainda agarrados às pestanas. Tinha vestida uma camisola amarela e umas *leggings* às bolinhas, e os pés estavam descalços.

— Acho mesmo que pode ser. — Anuiu com a cabeça, pousando o queixo num joelho. — Mas só há uma forma de descobrir. Vou hoje à noite ao Cavendish Club.

Claudia esperava já ter ultrapassado a ressaca nessa altura. — Queres que vá contigo?

— Eras capaz de vir? — O olhar que Poppy lhe dirigiu foi de admiração misturada com alívio. — Eu adorava. Seria uma grande ajuda.

*Céus*, pensou Claudia, espantada por ter sugerido tal coisa. *Parece que afinal sempre pode ser que nos possamos dar bem.*

Olhou para o relógio de pulso. Já era um quarto para as dez.

— Não devias também estar a trabalhar?

— Liguei ao Jake. — Poppy serviu-se da torrada que Claudia não conseguia comer. — Disse que ia chegar atrasada.

— Usaste a desculpa do dedo cortado?

— Não. Ele nunca acredita nas minhas desculpas. — Poppy parecia triste. — É uma perda de tempo estar a inventá-las.

— Mas ele fala contigo, isso já é alguma coisa. — Claudia sentiu o coração bater com mais força. — Ele... hum... falou alguma coisa sobre mim?

— Na verdade, falou — disse Poppy com um sorriso. O bom velho Jake, pelo menos não tinha guardado rancor. — Ele disse que tinha um encontro escaldante amanhã à noite e perguntou se lhe poderias emprestar o teu vestido preto.

O Cavendish Club, em Covent Garden, onde se entrava depois de descer um lance de degraus íngremes inimigos de tornozelos, outrora uma antiga adega, com tetos em tijolo abobadados e chão de laje irregular, tinha um odor muito característico — uma mistura penetrante e doce a humidade, bebida e nicotina. Os clientes habituais eram os típicos apreciadores de jazz,

mas o Cavendish era suficientemente bem conhecido para atrair uma vasta diversidade de visitantes que ia de estudantes a turistas.

Por sorte, não havia regras de traje.

— Parecemos *Um Estranho Casal* — queixou-se Claudia quando entravam. Ela tinha vestido uma camisola de gola alta em caxemira cinzenta-escura, calças pretas caras e uma quantidade discreta de ouro, muito chique, de acordo com a sua opinião. Poppy tinha aparecido com uma t-shirt branca excessivamente larga que estava continuamente a deslizar-lhe do ombro, e umas calças de ganga velhas.

— Não gostaste quando nos vestimos de igual.

— Eu sei. Mas pensei que ias querer estar elegante... para conheceres o teu pai... — Claudia começou a desejar não ter levantado a questão. — Isto é, se for mesmo ele. — Poppy não ia admitir que tinha experimentado praticamente toda a roupa do seu escasso guarda-roupa antes de sair. Olhou para Claudia quando se aproximavam do Cavendish, que já tinha a música bem alto apesar de serem apenas oito da noite.

— Que vai ele dizer? *Oh, não, desculpa, não estás com um fato Armani, por isso não te posso reconhecer como minha filha?* Por favor! — disse Poppy provocadoramente. — Se ele é meu pai, estou-me nas tintas para a roupa que ele veste. Atrevo-me a dizer que me vai perdoar se a minha t-shirt não for de alta-costura.

O palco em cima do qual a banda tocava situava-se ao fundo da maior de três adegas interligadas. Os instrumentos estavam lá, e um jovem magrice-la estava a instalar os microfones, mas a música que elas tinham ouvido no exterior vinha de um leitor de CD da parte de trás do palco. Aparentemente, os membros da banda estavam no bar a beber uns copos para se aguentarem durante a atuação.

— São aqueles? — segredou Claudia quando se aproximavam do bar.

Poppy estava a fitar as nuças dos músicos. Como os cartazes no exterior do clube anunciavam Alex Fitzpatrick e os Cavendish Four, e estavam cinco homens a conversar sobre música no outro extremo do bar, parecia bastante provável.

— Então, — ciciou Claudia com entusiasmo, — um daqueles é o teu pai? Consegues perceber se o vires? Achas que é o careca?

O coração de Poppy batia como um papagaio enlouquecido dentro de uma gaiola. Qual daqueles homens de meia-idade seria Alex Fitzpatrick?

*Isto é loucura*, pensou ela, sentando-se num banco alto. *Como é que vou conseguir perceber se algum destes estranhos é meu pai? Como é que posso saber?*

Segundos depois, soube.

Aconteceu tão rapidamente que Poppy deu graças por estar sentada. Um dos homens, o que se encontrava mais à direita com um colete vermelho-escuro e o cabelo a tocar os ombros, virou-se para falar com o barman. Assim que viu a cara dele, Poppy sentiu como se o ar lhe tivesse sido completamente sugado dos pulmões. O baque de reconhecimento foi tão poderoso que poderia tê-la derrubado.

*É ele, pensou ela, meio zozza. É ele. Eu sei. Não sei como, mas sei...*

— Aquele? — guinchou Claudia, intercetando a expressão no rosto dela. Olhou de relance para o homem, os olhos registando dúvida. — Achas mesmo? Ele não se parece nada contigo. Não vejo qualquer semelhança.

O homem que ambas observavam com tanta intensidade não era particularmente alto. Era fisicamente encorpado e tinha uma pança bem desenvolvida. O cabelo ondulado, salpicado de branco, estava penteado para trás dos lados e caía sobre o pescoço atrás — não era, certamente, um gerente bancário que estava ali. Os olhos eram castanhos-escuros, a cara generosamente enrugada. O nariz era grande, o queixo duplo. Quando se ria, era visível um dente dourado cintilante, a condizer com as correntes brilhantes que tinha ao pescoço e nos pulsos, e os anéis bojudos que tinha em vários dedos.

Poppy sorriu. *Oh, céus, a Claudia deve estar horrorizada.* Depois de tanta coisa, tinha arranjado um Pai Sem Gosto.

— Tens a certeza absoluta? — murmurou Claudia ao lado dela.

Poppy acenou afirmativamente com a cabeça.

— Mas eu não... tu não és nada parecida com ele. — Claudia estava estupefacta. — Talvez seja um dos outros...

O homem usava uma camisa branca com botões a imitar diamante, e um colete de veludo encarnado. As calças verdes-escuras estavam um bocadinho para o apertado. Um dos outros membros da banda estava a contar uma anedota. Quando chegou ao remate, Poppy viu o pai lançar a cabeça para trás e rir às gargalhadas. Ele tinha uma gargalhada forte e desinibida que lhe causou arrepios. Ela adorou. Poppy sempre tinha adorado homens com gargalhadas assim.

— Pode ser o da esquerda — sugeriu Poppy esperançosamente. — O cabelo é a atirar para o ruivo. Que tal, Poppy? Parece-me bastante simpático, não achas?

Uma mulher tinha acabado de emergir dos lavabos. Poppy e Claudia viram-na avançar em cima dos seus saltos atos pela lãjea e juntar-se ao grupo no bar. Ela beijou cada um, deixando para último o que tinha o colete encarnado. Esse recebeu um beijo ruidoso, entusiástico e carregado de batom na boca.

— Vá, ajuda-me a subir! — A mulher sorriu largamente, estendendo os braços para que ele pudesse subi-la para o banco alto ao lado dele. Quando já estava instalada, inclinou-se para a frente e beijou-o novamente. — Obrigada, amor, e para mim é um gin com laranja. — Virou-se e sorriu para o resto da banda. — Vá, rapazes, tempo para mais um copo antes de irem. Esta rodada é por conta do Alex.

Incapaz de aguentar algo mais forte, Claudia pediu uma garrafa de Beck's para Poppy e uma Perrier para si. A banda já estava em cima do palco a tocar um jazz meio arrevesado. O clube estava apinhado e todas as outras pessoas pareciam achar que era magnífico. Para Claudia, era muito semelhante à afinação de instrumentos.

Quanto à pobre Poppy, como estaria a sentir-se? Não estava a falar muito, isso era certo. E não era para admirar, pensou Claudia, que compreendia totalmente. Como se Alex Fitzpatrick não fosse já suficientemente mau, havia aquela mulher horrorosa com ele... mulher, companheira, o que quer que ela era. Fosse o que fosse, fazia Bet Lynch parecer recatada, decidiu Claudia. Parecia saída de *EastEnders*. E emborcava gin com laranja como se não houvesse amanhã.

Claudia ruborizou ao recordar porque estava a Perrier naquela noite. A diferença era que aquela mulher parecia que tomava gin ao pequeno-almoço.

— Então, e agora? — perguntou, porque a música terrível não dava mostras de ir acabar tão cedo. A banda parecia que era capaz de tocar alegremente a noite toda. Mas como estaria Poppy a pensar apresentar-se ao pai? Saltando para o palco, agarrando no microfone e fazendo um improvisado *This Is Your Life*?

## Capítulo 14

Desculpe, — disse Poppy, — mas o músico ao piano é Alex Fitzpatrick? A mulher, que usava verniz brilhante cor-de-rosa, deu uma passa no seu Rothmans e anuiu com a cabeça.

— Sim, querida, é ele.

— Hum... ok. Ele é bom, não é?

Esplêndido, simplesmente brilhante, pensou Poppy, constatando que a sua inteligência tinha levantado acampamento e desertado. Oh, mas tentar encetar uma conversa com uma autêntica estranha era difícil quando se tinha o coração a fazer um triatlo dentro do peito.

— Um dos melhores — disse a mulher, bufando um perfeito anel de fumo.

O cabelo era muito louro e estava preso numa trança enrolada como uma serpente no topo da cabeça. Longas madeixas encaracoladas pendiam para a frente das orelhas e estavam fixas com laca para não se emaranharem nos brincos cor-de-rosa do tamanho de Jaffa Cakes. Devia estar na casa dos quarenta. A maquilhagem carregada era muito estilo anos sessenta, muito Carnaby Street. Ela vestia uma blusa turquesa justa, uma saia cor-de-rosa e um par de sapatos turquesa de salto agulha altíssimos. Usava também uma quantidade espantosa de joias, entre as quais uma aliança de ouro trabalhada, uma pulseira de pedras preciosas e um anel de noivado tão colossal que não podia ser verdadeiro.

— Hum, podia emprestar-me o isqueiro? — perguntou Poppy, apercebendo-se demasiado tarde de que não tinha um cigarro. A propósito, ela nem sequer sabia fumar.

A loura entregou-lhe um isqueiro esmaltado. Claudia fitou Poppy. Poppy puxou um fio solto da costura lateral das suas Levi's e queimou-o.

— Pronto, graças a Deus está feito... Tem estado a incomodar-me a noite toda.

A mulher sorriu ligeiramente. — Desde que não pegue fogo a si mesma.

Encorajada pelo sorriso, Poppy disse: — Olhe, desculpe se estou a ser grosseira, mas é mulher do Alex Fitzpatrick?

— Sim, querida, para mal dos meus pecados. — A mulher começou a reparar. Olhos azuis vívidos estudaram o rosto de Poppy. — Que é isto, um interrogatório? Não me diga que é a nova namoradinha dele.

— Oh, não, *não*...

— Estava a brincar, querida. O meu Alex não tem namoradinhas. — Riu-se de modo roufenho, tossiu e acendeu outro cigarro. — Ele não se atreveria, sabe muito bem que eu o matava.

— Seja como for, não sou — disse Poppy. — Sou apenas uma grande fã do seu marido. Deve sentir tanto orgulho dele... ter-se um talento daqueles.

— Claro que sinto orgulho do meu velho. O que não compreendo — a mulher de Alex apontou em direção ao palco — é como pode você ser uma fã tão grande quando nem sequer sabia qual era ele.

A mente de Poppy disparou.

— Bem, sabe, é que eu nunca tinha gostado de jazz. Mas o meu namorado, ou melhor, ex-namorado, tinha um CD de um músico excepcional, e eu apaixonei-me. Ele disse-me que era Alex Fitzpatrick, — disse ela animadamente, rezando para que Alex tivesse gravado alguma coisa nalguma etapa da sua carreira, — e eu achei que ele era o melhor... hum... músico de jazz que já tinha ouvido. Foi por isso que tive de vir cá. Desculpe, devo estar a aborrecê-la de morte, tenho a certeza de que está constantemente a ser importunada por fãs.

— Nem por isso — disse a mulher de forma simpática. — Bem, então o seu ex-namorado comprou uma cópia do CD do Alex. Sempre nos indagámos onde teria ido parar a outra.

— Sra. Fitzpatrick, posso pagar-lhe uma bebida?

— Rita, querida. Trate-me por Rita.

— E o meu nome é Poppy Dun... — A boca de Poppy imobilizou-se de repente; dizer Dunbar podia ser arriscado. — Er... Dunn. Poppy Dunn. — Virou-se para trás e tocou no braço de Cláudia. — Esta é a minha amiga, Cláudia Slade-Welch.

Cláudia tinha estado a tentar passar despercebida. Fez um sorriso amarelo e acenou com a cabeça.

— Não está a divertir-se querida? — Rita achava evidentemente engraçado. — Este lugar não faz o seu estilo?

— Oh, não, é ótimo. A sério... — Cláudia parecia aflita.

— Fui eu que a arrastei — disse Poppy. — É esse o problema de se ser rapariga. Ir a clubes e outras coisas não é algo que se possa fazer sozinha. Eu adoraria vir aqui todas as semanas, mas sentir-me-ia muito desconfortável, sentada aqui sozinha...

— Não há necessidade disso. — Rita Fitzpatrick fez sinal a uma das

empregadas de bar. — Eu estou sempre por aqui, você pode sentar-se comigo. Atenção que não sou grande fã deste tipo de música, mas podemos fazer companhia uma à outra.

— É muito simpático da sua parte — disse Poppy alegremente.

— Eu sei. — Rita piscou o olho à empregada de bar. — Eu sou uma pessoa sensacional. Fica atenta, Effie. Esta jovem está prestes a pagar-me uma bebida.

— Alex, arranjaste finalmente uma fã — disse Rita. Afastou com a mão uma pequena nuvem de fumo que rodopiava em redor da sua cabeça e empurrou Poppy para a frente. — Apresento-te Poppy Dunn. — Sufocando mais um ataque de riso, acrescentou: — A outra é a Claudia, mas não é fã. Acha a tua música pavorosa.

— Oh, mas...

— Não faz mal, pelo menos uma delas tem gosto. — Alex Fitzpatrick sorriu, secou a testa com um lenço de seda preto e bebeu sofregamente da caneca de cerveja que Rita tinha acabado de pedir para ele. — Poppy, é um prazer. — Pousou a bebida e apertou-lhe a mão porque Poppy tinha já a sua determinadamente estendida. — Nunca te tinha visto. É a primeira vez que vens aqui ao clube?

O choque de reconhecimento de Poppy alguns momentos antes tinha sido tão vívido que ela não tinha sido capaz de evitar perguntar-se se ele também o iria sentir. Era óbvio que não. Tentando não se sentir dececionada, Poppy concentrou-se antes na mão dele que era até bastante difícil de apertar, com tantos anéis enormes no caminho.

— Primeira vez. — Poppy acenou com a cabeça em concordância, esperando não parecer um daqueles cães que se põem na janela traseira do carro. A mão de Alex Fitzpatrick era quente, um tanto quadrada e parecia bastante competente. O aperto de mão foi firme e perfeitamente normal. Não houve efeitos especiais, nada de raios nem de relâmpagos que o despertassem para a consciência de quem ela era realmente.

— Effie, antes que me esqueça — disse Rita. Começou a vasculhar a mala, uma enorme mala de pele cor-de-rosa com elefantes dourados aplicados na base. — Sexta-feira, dia quatro, vê se tiras a noite de folga. — Encontrou um maço de convites, folheou-os e entregou a Effie o seu. — São as nossas bodas de prata, vamos dar uma festinha — explicou Rita para que Poppy percebesse. Olhando orgulhosamente para Alex, continuou: — Vinte e cinco anos. Dá para acreditar? E somos tão felizes como no início. Não trocava este homem maravilhoso por nada no mundo...

...

— Ela adora-o — disse Poppy com tristeza.

Era meia-noite, tinham apanhado um táxi para casa e encontrado Caspar à entrada da porta. Caspar tinha ido jantar com a herdeira de um coureiro australiano chamada Darlene; como ela tinha comprado cinco dos seus quadros na noite anterior, ele tinha-se sentido na obrigação de aceitar o convite. Pelo menos, o do jantar.

— Darlene, a Dingo? — Constatando que tinha saído sem a chave, Caspar esperou que Claudia destrancasse a porta. — Eu sei que ela me adora. Só não quero dormir com alguém que parece capaz de uivar...

— A Darlene, não — disse Claudia. — Uma mulher que conhecemos esta noite. O nome dela é Rita. — Parou para dar ênfase. — É mulher do Alex Fitzpatrick.

— Oh, céus! — disse Caspar quando Poppy acabou de resumir os acontecimentos da noite. — Percebo porque não desembuchaste. Como se pode estragar vinte e cinco anos de um casamento feliz num minuto?

— Já imaginaste? — Poppy suspirou. — O mais estúpido é que eles são tão... unidos, que eu acho que não era capaz de contar só a ele. Não me parecem do tipo de esconder segredos um do outro. Não seria justo.

— Se ele é teu pai, já escondeu demasiado tempo o que aprontou com a tua mãe.

— Eu sei, eu sei. Mas isso foi há mais de vinte anos. — Poppy apercebeu-se de que estava instintivamente a defender Alex Fitzpatrick. — Talvez ele e a Rita estivessem a passar um momento menos bom. A verdade é que agora estão felizes.

— E como são eles? — perguntou Caspar quando a porta da sala de estar se abriu e Claudia entrou com uma bandeja de café.

Poppy olhou para Claudia.

— Vá. Diz tu como eles são.

— Oh... simpáticos.

Claudia fez o possível para soar verdadeira. Pessoalmente, teria fugido a sete pés se Alex e Rita Fitzpatrick fossem seus parentes. Mas diabos a levassem se ia dar a Poppy a hipótese de lhe chamar snob.

— Só isso? — Caspar estava à espera de mais. — Apenas... simpáticos?

— Bem, encantadores — disse Claudia com alguma dificuldade. — E amistosos... sim, amistosos. Hum...

— Completamente pirosos — acrescentou Poppy, para ajudar. — Não faz mal, podes dizer. A transbordar com o tipo de joias que se compra nas barracas das feiras. Espalhafatosos. Liberace encontra *EastEnders*, esse tipo de coisa. E sabem beber. Ele não se parece comigo, mas não há dúvida de que é ele. Quando se ri... não, mesmo *antes* de se rir, faz-me lembrar eu. — Engoliu em seco e virou a cara quando os olhos se encheram de lágrimas

inesperadas. — É uma sensação tão estranha. Ele é meu pai. Encontrei-o mesmo finalmente.

— A questão é, — disse Caspar, — irá ele encontrar-te?

— Malditos fornecedores — resmungou Rita na segunda-feira seguinte. — Tivemos uma discussão. Eu disse-lhes na semana passada que queria um daqueles bolos ocos com uma rapariga a saltar lá de dentro e eles disseram que não tinha problema, foram todos «sim, madame, não, madame». Mas esta tarde liga-me uma antipática a dizer-me que afinal não vão poder fazer isso. — Acendeu um cigarro e soltou um suspiro. — Por isso disse-lhes que enfiassem os *vol-au-vent* num sítio, que eu ia arranjar outra empresa para fazer o serviço. Céus, o Alex ficou furioso comigo! Disse que é bem feito se acabar por ter de ser eu a fazer a maldita comida.

— É um bocado em cima da hora. — O cérebro de Poppy estava a mil. O bailarico de Alex e Rita ia ser em casa deles no East End de Londres. Poppy conseguia visualizar nitidamente a casa, uma modesta moradia de dois andares, atafalhada de *souvenirs* dos anos sessenta a condizer com a roupa de Rita. Nada exótico, isso era certo. Rita não saía para trabalhar e Alex tocava no Cavendish porque adoravam, não pelo dinheiro que ganhava. Era uma piada conhecida no clube que o pessoal do bar ganhava mais do que a banda.

Poppy não ligava a isso, mas estava cheia de curiosidade para ver a casa do pai. *Pode ser a minha oportunidade*, pensou. Desde que a Cozinha da Kenda não empinasse o seu fino nariz à ideia de fazer pãezinhos de leite e acepipes para cinquenta no não-muito-glamoroso Bethnal Green.

— Eu trabalho para uma empresa de catering. — Poppy revistou os bolsos do casaco e, por algum milagre, encontrou um dos elegantes cartões-de-visita azuis-escuros e dourados. Estavam sempre a ser incitados a entregá-los a potenciais clientes. Bem, era o que ela estava a fazer naquele momento. — Eu sei que parece um bocado snob, mas são gente muito simpática, a sério. E há sempre a hipótese de poderem encaixá-la. Quer que lhes dê uma apitadela a perguntar?

Kenda atendeu pessoalmente o telefone. Tinha uma voz aflautada e requintada que parecia flauta de Pã. Poppy perguntou se podiam aceitar uma encomenda para a sexta-feira seguinte, erguendo a própria voz para se fazer ouvir acima da música do clube.

— Tens de falar mais alto — chilreou Kenda. — Céus, que barulheira! Mas, sim, podemos encaixar ainda na sexta-feira... houve um cancelamento. Quais são os requisitos do cliente?

— Ela consegue. — Poppy virou-se com alívio para Rita. — Quer saber que tipo de comida vai necessitar.

— Deixe-me dar-lhe uma palavrinha. — Rita pegou no telefone e começou a falar aos berros. Poppy imaginou Kenda encolhendo-se elegantemente do outro lado da linha. — Está bem, querida? Estamos à procura do melhor. Quarenta libras por cabeça? Sim, parece-me bem. E número de convidados... oh, por via das dúvidas, conte com duzentos e cinquenta.

Caspar chegou ao clube às onze horas para dar a Poppy uma boleia até casa. Encontrou-a ainda em estado de choque.

— Duzentos e cinquenta vezes quarenta — disse Poppy estupefacta antes de Rita regressar da casa de banho nos seus sapatos de salto alto a imitar pele de leopardo. — Acho que estou a fazer mal as contas. São...?

— Dez mil.

— Dez mil — ecoou Poppy. — C'os diabos!

— Porquê? — Ele parecia divertido. — Andaste a apostar em cavalos? Foi dinheiro que perdeste ou ganhaste? Cuidado como respondes... posso ser obrigado a pedir-te em casamento.

— Chiu, não posso dizer ainda. — Poppy deu-lhe uma cotovelada nas costelas. Rita estava a aproximar-se. — Aqui está ela. E o Alex está ali... no palco, colete púrpura...

— Francamente, Poppy, — disse Caspar a caminho de casa, — vocês não têm remédio! Tu e a Claudia. Não conseguiram perceber que aqueles diamantes eram verdadeiros?

— Não digas nada ao Jake. — Poppy fez uma careta. Jake tinha passado horas infundáveis a ensinar-lhe pacientemente a diferença entre boas imitações e os verdadeiros McCoy. Quão estúpido da sua parte assumir que tão vastos nacos de ouro e pedras tão extraordinariamente brilhantes tinham de ser imitações.

Caspar sorriu. — Sabes o que isso quer dizer, não sabes? Todas as evidências apontam para tal.

No que dizia respeito a Claudia, era o maior pecado de todos. O seu lábio curvava com desdém sempre que proferia as tão temidas palavras.

— Ugh! — disse Poppy, tapando a boca horrorizada. — *Novos-ricos*.

## Capítulo 15

Caspar indagou-se pachorrentamente se alguma vez teria ocorrido a Claudia que ela própria podia ser produto do novo-riquismo. Afinal, Hugo Slade-Welch tinha batalhado durante anos como ator antes de chegar ao estrelato. Graças a aulas intensivas de voz e a uma notória boa aparência, ele tinha vingado no meio com papéis ao estilo de David Niven, mas não fazia segredo do facto de, durante os primeiros anos de dificuldade, ter trabalhado como mineiro, cobrador de dívidas e ajudante de pedreiro. Antes de Claudia nascer, corria o boato de que até Angie tinha sido pressionada por um breve período a trabalhar como empregada de mesa num café para fazer face às despesas.

A diferença, supunha Caspar, era que Hugo e Angie pareciam ambos ter nascido em famílias privilegiadas. Tinham bom gosto, sabiam sempre que garfo usar e usavam roupa mais requintada.

Bem, a maior parte do tempo.

Angie estava deitada sobre a cama, o corpo dourado banhado pelo sol. Estava numa posição semi-reclinada com um braço acima da cabeça e o outro pousado sobre a pilha de almofadas ao lado. Um pé pendia ociosamente para fora da cama. Para corpo de meia-idade, o dela estava em muito boa forma. E Angie sabia.

— Que está a pensar? — ronronou ela.

— Odeio essa pergunta.

Caspar não estava a exagerar; era mesmo uma das perguntas que mais detestava no mundo. Era o que as namoradas pareciam sempre começar a dizer quando pressentiam que estavam de saída. Era um mau sinal e Kate andava a fazê-la nas últimas duas semanas. Ela tinha começado a queixar-se nostalgicamente que a cabeça dele parecia estar sempre noutra sítio e depois fazia uma expressão de terror com receio de estar certa. O problema era que quanto mais ela fazia a pergunta, mais Caspar tinha a certeza de que ela teria de ir.

Angie, que não encaixava na categoria da namorada-prestes-a-ser-descartada, sorriu simplesmente.

— Nesse caso, — disse ela, impassível, — porque não lhe digo antes eu o que estou a pensar?

— Diga lá. — Caspar tentou fazer um ar de quem não sabia o que vinha aí.

— Acho que já esperámos tempo suficiente. — Consciente do facto de que ele estava a dar os últimos retoques na parte de cima, Angie não mexeu um músculo. Só sorriu. — Acho que chegou a altura de nos conhecermos melhor. Acho que está na hora de me fazer companhia nesta cama.

Para ser sincero, ela tinha excedido as suas expectativas. Caspar esperara que ela se fizesse a si mais cedo, mas ali estavam eles, cinco sessões passadas e apenas uma por fazer. Ele estava impressionado.

— Olhe, obrigado, mas não posso.

Era duvidoso qual dos dois estava com um ar mais surpreendido. Caspar teve até o encanto de corar. A palavra começada por N estava longe de ser uma das preferidas no seu vocabulário.

Como se se tivesse apercebido de que ele estava a sentir-se um bocado atrapalhado, Angie disse: — Quer dizer que não está interessado em mim? Está a dizer-me que *não*?

— Hum. — Caspar franziu o sobrolho e fingiu estar concentrado na tela. Céus, não admirava que nunca tivesse tentado antes. Dizer *não* era horrível. Era embaraçoso.

Tinha sido também a última vez que ele tinha dado ouvidos a Poppy. Era isto que acontecia quando se dava ouvidos a uma miúda cujo filme preferido era o *Música no Coração*.

— Porque não? — Angie parecia irritada. — Que mal tem? O problema sou eu? Ou é você? — Semicerrou os olhos e disse num tom mordaz: — Que quer dizer exatamente com «não posso»?

Caspar cerrou os dentes. Ser-se difamado no que respeitava às suas capacidades era mais uma novidade para si.

— Não sou impotente, se é aí que quer chegar.

Angie estava agora verdadeiramente ofendida. Rejeição já era algo suficientemente mau por si só. Estar nua e ser rejeitada era o fim da picada.

— Então sou eu — disse ela terminantemente, embora ainda não estivesse a ver como seria isso possível. Não com um corpo tão perfeito.

— Claro que não é. — Caspar olhou para o relógio de pulso salpicado de tinta. — É outra pessoa.

— Não é aquela sua namorada pegajosa, a que parece sempre que acabou de ver um fantasma.

— Não é a Kate. — Diabos o levassem se ia dizer-lhe que era Poppy.

— Então quem é?

Ainda bem que o tempo se tinha esgotado. Caspar afastou-se do cavalete e começou a limpar os pincéis ainda com mais minuciosidade que de costume.

— Quem? — insistiu Angie, descendo furiosamente da cama para se vestir. — *Quem?*

Era engraçado o quão rápido se podia perder o interesse em pessoas. No espaço de poucos minutos, qualquer resquício de desejo que pudesse ainda sentir por ela tinha-se simplesmente evaporado.

— Que coincidência — disse Caspar, desejando que ela se despachasse e saísse. — Também odeio essa pergunta.

Havia meses que Poppy não falava com ninguém de Bristol. Finalmente, testando as águas, enviou por correio um cartão de parabéns para Dina com o novo número de telefone escrito por dentro. Se não obtivesse qualquer resposta, saberia que continuava a ser *persona non grata* e tão popular como a peste bubónica.

Assim que recebeu o cartão, Dina ligou.

— Nem sequer me avisaste que te ias embora! — guinchou Dina. — Pensei que éramos amigas e tu desapareceste sem dizer uma palavra! Poppy, como foste capaz? Achaste sinceramente que eu não ia ficar do teu lado?

Numa palavra, sim. Poppy olhou pela janela para uma jovem que atravessava a rua empurrando um carrinho de bebé. Ela e Dina sempre se tinham dado bastante bem, mas isso em grande parte por causa da ligação aos McBride. Não que fossem as melhores amigas desde os tempos de escola nem nada assim tão dramático.

— Desculpa — disse Poppy. — Acho que não me passou pela cabeça que alguém ficaria do meu lado.

— Muito obrigada! — Dina levantou a voz para ser ouvida acima do choro de um bebé. — Mostra o quanto tu sabes. E se eu não tivesse estado enfiada naquele maldito hospital com as pernas empoleiradas em estribos, teria saído daqui disparada como um tiro.

Como Margaret McBride era uma sogra intimidadora, aquela conversa soava a bravata a Poppy.

— Terias era *levado* um tiro, essa é que é a verdade. — Ela não guardava ressentimentos. Se estivesse no lugar de Dina, teria optado pela saída fácil e entrado também em trabalho de parto. — Então, põe-me a par dos mexericos. Como estão todos? Como está esse teu bebé chorão?

— Oh, *ele* está bem. Eu é que ando a arrancar os cabelos!

Poppy teve pena. — Ele dá muito trabalho?

— Não. Só acho que vou ter de matar a Margaret. A Margaret-sabe-tudo-McBride. — Dina soltou um suspiro que parecia ter estado sustido du-

rante semanas. — Poppy, estou a falar a sério. Não fazes ideia da sorte que tens. Livraste-te mesmo a tempo. Ela é uma sogra vinda dos infernos, e se me disser mais alguma vez como eu *devo* fazer arrotar, alimentar, mudar a fralda, lavar e beijar o meu próprio filho... — a voz de Dina transformou-se num queixume frenético — ...juro que cozo aquela megera intrometida numa panela de óleo de bebé a ferver!

Ufa! Sentada no banco da janela, Poppy abraçou as pernas e decidiu que tinha realmente tido sorte em escapar.

— Seja como for, — continuou Dina, aparentemente recomposta, — de resto estão todos bem. O Rob tem uma relação estável com uma enfermeira. Ela chama-se Alison. Tem tornozelos gordos, mas é simpática. O Ben está bem, mas está sempre a trabalhar por isso eu mal o vejo. A Susie e a Jen estão como sempre. Na verdade, já estou um bocadinho farta delas. E é tudo, não há muito mais a dizer-te.

Pobre Dina. Afinal não estava a ter uma vida muito emocionante. Poppy indagou-se descontraidamente como seria Alison, fora os tornozelos, e se ela e Rob iriam casar-se. Indagou-se também se ele arriscaria uma segunda vez e esperava bem que sim.

— Oh, a minha mãe disse que no outro dia viu o teu pai em Debenhams de braço dado com a Beryl Bridges. Andavam a ver edredões, — relatou Dina com regozijo, — e ficaram muito envergonhados quando a minha mãe os cumprimentou.

Beryl tinha enviuvado dois anos antes. Fazia muito trabalho voluntário e era uma entusiástica frequentadora de igrejas. Talvez o pai tornasse também a casar-se, pensou Poppy. Agora tinha a casa só para ele.

Só que ele não era pai dela.

Poppy pensou se haveria de dizer a Dina que tinha localizado o verdadeiro, mas decidiu não contar. Dina era uma linguaruda. Além do mais, não lhe parecia muito justo quando o próprio Alex Fitzpatrick não tinha conhecimento disso.

— Sabes do que preciso? — perguntou Dina com um tom temerário. — Preciso de sair daqui. Preciso de uma folga, mesmo que seja apenas por alguns dias.

Poppy percebeu onde ela queria chegar. A subtileza nunca tinha sido o ponto forte de Dina.

— E que tal aquela tua prima que vive em Blackpool? — sugeriu ela. — Tu, o Ben e o bebé podiam passar lá um fim de semana prolongado.

— Oh, muito obrigadinha, — resmungou Dina, — já agora porque não convido a Margaret e o resto dos imbecis dos McBride? Poppy, é deles que preciso de me afastar. O Ben incluído! Esta coisa da família feliz está a sufocar-me. Tenho de sair de Bristol... — Pronto; era aqui mesmo que ela

queria chegar. — Por favor, Poppy, estou desesperada! E somos amigas, não somos? Sê uma querida. Diz que posso ir ter contigo e ficar aí.

— Dina, eu dizia, se pudesse. Mas não posso — disse Poppy. — Não estou em minha casa. Não posso propriamente pedir ao Caspar para alojar uma amiga e um bebé...

— Sem bebé, — respondeu Dina como um foguete, — só eu. A Margaret vai ficar no sétimo céu por ter o Daniel só para ela durante uns dias — acrescentou ela mordazmente. — Maldita bruxa.

Ela estava mesmo determinada a fugir.

— A questão é que o meu quarto é minúsculo — mentiu Poppy.

— E o que sou eu, alguma baleia? Só estou a pedir um pedacinho de chão. Durmo debaixo da cama se for preciso. — Dina estava a tentar convencê-la. — Até mesmo na banheira.

— Bem... Primeiro vou ter de perguntar ao Caspar.

— Perguntar o quê ao Caspar? — disse Caspar, abrindo a porta da sala com o joelho. Tinha os braços cheios de telas ainda em branco. — Se for «Vou ter de perguntar ao Caspar se ele quer uma chávena de chá e uma sandes de Marmite», a resposta é sim.

— Quem está aí? — Dina estava extremamente interessada do outro lado da linha. — O teu senhorio? Pergunta-lhe agora. Vá!

Poppy estava dividida. Embora sentisse pena de Dina, não queria mesmo ser a responsável pelo que a amiga viesse a fazer. O lado selvagem de Dina, recentemente moderado pelo casamento e pela maternidade, estava nitidamente a tentar vir de novo à superfície. Poppy temia pensar o que a máfia McBride diria se soubessem quem iria alojar Dina.

— Perguntar-me o quê? — repetiu Caspar, largando as telas vazias no sofá.

Indecisão, indecisão...

— Já sei o que me esqueci de te dizer! — gritou Dina jogando o seu ás triunfante. — Adivinha quem encontrei no clube na outra semana. Aquele teu amigo, o do cabelo escuro encaracolado.

A saliva transformou-se em serradura na boca de Poppy. Olhou para os dedos dos pés descalços, que estavam apoiados na moldura da janela de guilhotina. Quem lhe dera Caspar não estar ali a escutar descaradamente a conversa. Ela não podia acreditar que Dina tivesse esperado até àquele momento para lhe contar.

— Que amigo?

— Tu sabes, o médico apetitoso que não conseguia tirar as mãos de cima de ti — balbuciou roucamente Dina ao telefone. — Bem, pelo menos do teu pé. Vá lá, tu lembras-te! Umhas danças, uns linguados e no dia seguinte cancelaste o casamento. *Esse* amigo com o cabelo escuro encaracolado...

— Eu *não* estive nos linguados com ele! — desabafou Poppy sem pensar. Caspar ergueu os olhos espantado.

Dina parecia satisfeita. — Então sempre sabes de quem estou a falar.

— Tu... hum, falaste com ele?

— Espera um segundo, que estranho, não me consigo lembrar! — Dina estava a sorrir afetadamente. Poppy tinha a certeza.

— Claro que te lembras.

— Não, evaporou-se. — Em seguida, acrescentou alegremente: — Deu-me uma branca, uma branca completa...

Chantagem, que lata! Poppy suspirou e virou-se para Caspar.

— Não há problema se uma amiga minha vier para cá durante dois ou três dias?

— Alguns dias — corrigiu Dina. — São alguns. — Riu baixinho. — Vou precisar de tempo para recuperar do *jet lag*.

— Claro. — Caspar ainda estava espantado com a conversa dos linguados. — Claro que não tem problema.

— Então, como é ela? — perguntou ele quando Poppy já tinha desligado o telefone. — Faz o meu estilo?

Poppy desejava que Dina tivesse dito algo um pouco mais informativo do que um alegre «Digo-te quando estiver contigo». Ela queria saber já o que Tom tinha dito.

— Então, — insistiu Caspar, — ela faz o meu estilo?

Homens. Poppy olhou-o de forma reprovadora. — Ela tem marido e um bebé. — No seu íntimo pensou que, com a atual disposição, Dina faria o estilo de qualquer um.

— Falando de bebés, digo-te o que é realmente espantoso — disse Caspar. — A Angie Slade-Welch. Aquela mulher pôs mesmo a Claudia neste mundo... e eu juro que não tem qualquer estria.

— Bem, tu lá sabes.

*Francamente*, pensou Poppy, *como é possível que toda a gente seja muito mais descarada que eu? Estarei anormalmente reprimida?*

— Faz parte do meu ofício saber.

— E ela é tão boa na cama como esperavas? — As palavras escaparam-lhe. Não fora sua intenção perguntar. Por amor de Deus, ela nem sequer queria saber!

— Não faço ideia. — Caspar fez um ar inocente. Depois sorriu. — A nossa relação é puramente profissional.

— E se tu acreditas nisso, — disse Poppy, — acreditas em qualquer coisa.

## Capítulo 16

Poppy tinha-se preparado de antemão, mas ainda assim ficou chocada quando viu pela primeira vez a casa de Alex e Rita. Nas ruelas húmidas e frias de Bethnal Green sobressaía como um cão-lobo com uma coleira cravejada de diamantes.

Era Southfork com lantejoulas, constatou Poppy. A casa era enorme. Havia um lustre do tamanho de um balão de ar quente na casa de banho do rés-do-chão.

Ela não conseguia deixar de interrogar-se de onde viria o dinheiro para tudo aquilo. Seria o pai um membro do infame submundo de East End? Seria um barão da droga? Um rei do porno? *Oh, socorro*, pensou Poppy nervosamente, *espero que não seja nada demasiado sórdido!*

— Rápido — disse Kenda, no seu elemento quando passava azafamada. — Nada de sonhar acordada, Poppy. Regressa à Terra, por favor. Para de desejar que os teus amigos ricos te adotem e continua a dobrar esses guardanapos. Janet, endireita o avental. E Claire, enche-me esses baldes de gelo. Eu disse para parares de sonhar acordada, Poppy...

— Desculpa. — Poppy baixou a cabeça e meteu mãos à obra, mas tinha tanta coisa a passar-lhe pela cabeça que era complicado concentrar-se nos guardanapos. Não bastasse tudo o resto, Kenda tinha acabado de tocar num ponto sensível.

Poppy começou a desejar não ter ido. Ver com os próprios olhos quão rico era Alex Fitzpatrick só tornava as coisas mais complicadas do que já eram.

Até àquele dia, a razão que a impedira de lhe dizer quem era tinha sido Rita.

Agora, Poppy sabia que não podia mesmo dizer nada. Se dissesse, iria parecer uma caça-fortunas desesperada por tirar proveito do facto de o pai, que nunca tinha conhecido, ter de alguma forma acabado por conseguir fazer fortuna. Alex iria pensar que ela tinha aparecido apenas para exigir a sua parte legítima.

Se é que era legítimo. Mas... como é que ele tinha feito tanto dinheiro?

Atrás de si, Janet e Claire estavam a discutir sanduíches British Rail. Poppy esperava que o pai não fosse um dos Assaltantes do Comboio-correio.

— Há uma piscina lá fora que nem vão acreditar — disse uma das outras empregadas que acabava de descarregar a segunda carrinha. — É suficientemente grande para um iate.

Poppy esperava que o pai não tivesse nada a ver com Robert Maxwell. Esperava que não fosse a reencarnação de Robert Maxwell.

— Muito bem, pessoal, vamos começar a levar a comida para a sala de jantar — instruiu Kenda. — Com suavidade e eficiência, por favor, antes que os convidados comecem a chegar. E eu sei que não preciso de vos lembrar isto, — acrescentou com um brilho duro nos olhos, — mas espero que todas se comportem de modo profissional.

Poppy ruborizou por causa de Alex. O que Kenda queria dizer era nada de risinhos por trás das costas quer por causa da decoração, dos convidados ou dos próprios Alex e Rita. Podiam não viver na Belgravia, mas estavam a pagar muito bem pelos serviços da Cozinha da Kenda naquela noite. Kenda, que andava a lutar contra a recessão como toda a gente, precisava de mais como eles na sua lista de clientes. Não ia arriscar ofender os Fitzpatrick nem qualquer um dos seus pouco ilustres convidados.

— Ela está a escravizar-vos?

Poppy sorriu quando Rita sussurrou as palavras de forma pouco subtil ao seu ouvido. — Como é ela, então? Essa Kenda de voz snob? Um bocadinho mandona, não é?

— Bem, exigente, — disse Poppy, — mas justa. — Esforçando-se para ser leal, acrescentou: — Estas coisas precisam de muita organização. Alguém tem de estar no controlo.

— No controlo. — Rita revirou os olhos. — Sim, estou mesmo a vê-la com um espartilho de pele e uns sapatos de salto alto a dizer «Fazes o que eu mandar, meu maroto» e a bater no marido com um chicote enorme.

E era suposto toda a gente se comportar e não rir nas costas dos Fitzpatrick, pensou Poppy. Pobre Kenda, se soubesse que estava a ser ridicularizada por Rita, ficaria horrorizada.

Na festa daquela noite, Rita usava um vestido *lamé* violeta com um decote profundo e umas sandálias de salto alto douradas. Alguns disparos extra na cama de solário tinham acentuado o seu bronzeado e a ida ao cabeleireiro no dia anterior tinha resultado numas madeixas rosa-bebé por cima dos fios louros. A maquilhagem dos olhos, uma sinfonia de rosa e malva, combinava com o verniz. Ao pescoço trazia um colar novo cravejado de safiras.

— Gosta? — Rita viu Poppy olhar fixamente para o colar e passou orgulhosamente os dedos por cima das pedras salientes. — Vinte e cinco safi-

ras, uma para cada ano de casamento. Foi o próprio Alex que o desenhou e arranjou um amigo joalheiro para o fazer.

Talvez Alex fosse um contrabandista de diamantes. Essa hipótese até agradava a Poppy, tinha um quê de romântica. Ela sabia que devia estar a circular com bandejas de comida, mas a curiosidade estava a ameaçar vencer. Ela tinha passado as últimas duas horas a escutar conversas o mais freneticamente que conseguia, mas tinha sido inútil. Os convidados, uma ampla mistura de *cockneys* práticos e membros do grupo de jazz de Cavendish, não lhe diziam o que queria saber.

Poppy fazia apenas uma vaga ideia no que tocava a avaliação de propriedades, mas só a casa devia ter custado um milhão. Depois havia também o Rolls Royce encarnado com matrícula personalizada no caminho de entrada... céus, era preciso contrabandear muitos diamantes para manter um nível de vida assim.

Não havia nada a fazer, ela tinha de perguntar.

— Rita... espero que esta não seja uma pergunta incrivelmente grosseira...

— Hum? — A atenção de Rita estava noutra sítio. No outro extremo da sala, Alex e a sua banda tinham-se lançado numa versão jazz acelerada de «Knees Up Mother Brown». Subitamente, todos dançavam. Rita estava nitidamente mortinha por fazer o mesmo.

— É que esta casa... — Tendo começado, Poppy sentiu-se compelida a terminar. — Hum... não consegui evitar indagar-me de onde o dinheiro... quero dizer, deve ter custado uma fortuna...

No seu Bechstein, Alex cantava o refrão a plenos pulmões. Todos o acompanhavam. Olhando para ele com adoração, Rita disse: — Perdão? O quê?

— Você e o Alex — gritou Poppy acima do barulho da música. — Como é que FICARAM TÃO RICOS?

— Sra. Fitzpatrick, lamento imenso — murmurou Kenda, agarrando com tanta força no cotovelo de Poppy que ela começou a sentir o osso cubital a sair do sítio. A sorrir fixamente para Rita, Kenda virou Poppy e empurrou-a em direção à cozinha.

— Que diabos pensas que estás a fazer? — disparou ela, como uma bala, ao ouvido de Poppy, chocada como se Poppy tivesse perguntado como tinham apanhado sífilis. — Que disse eu há bocado acerca do comportamento profissional? Estou a avisar-te, Poppy, estás a passar das marcas. Mais disparates e vais para a rua.

Poppy fez o que lhe mandaram. Regressou para a cozinha, armou-se com duas novas bandejas de ostras com bacon e passou os vinte minutos seguintes a distribuí-las zelosamente.

Depois viu outro dos músicos assumir o comando do piano. Depois de beijar a mão de Rita, Alex conduziu-a até ao centro de sala. Animado pelos convidados mais efusivos, fez um pequeno discurso a agradecer a todos a presença naquela noite e a Rita, em particular, por ter casado com ele. Depois dançaram os dois ao som de «If You Were The Only Girl In The World». Todos assobiaram e aplaudiram antes de invadirem também a pista de dança.

— Que fizeste tu? — segredou Janet ao passar por Poppy, que ia na direção contrária. — A Kenda está furiosa. Perguntou-me se andavas metida nas drogas.

— Francamente. — Poppy suspirou. — Pela maneira como ela está, até parece que andei a cuspir na sopa.

— Não serias a primeira — disse Janet.

Poppy continuou a servir. Fisicamente, estava a fazer o seu trabalho, mas mentalmente estava a analisar cada pormenor da casa. Bem, pelo menos o mais que conseguia; ia receber uns olhares muito esquisitos se começasse a vasculhar os armários debaixo das escadas.

Ainda assim, estava a conseguir ver o suficiente para ficar com uma ideia. Aparentemente, tinha sido contratada uma equipa de designers de interior de topo que tinha organizado, entre outras coisas, os cortinados elegantemente plissados, a iluminação indireta, os frisos e a cozinha de mármore italiano. Rita e Alex tinham dito «que encantador», para não ferirem os sentimentos frágeis da equipa de design. Depois, assim que estes haviam saído, tinham deitado mãos à obra para deixarem o seu cunho pessoal.

Havia tapetes com padrões garridos espalhados pelo chão, provavelmente para animar a carpete de bom gosto cinzenta-acastanhada. Até abajures mais coloridos, cheios de pregas e franjinhas, tinham sido empoleirados em bases em forma de Óscar. Ornamentos apinhavam cada superfície disponível. Havia Capo di Monte suficiente para suprir uma fábrica. Havia enormes fotografias de Alex e Rita em molduras douradas por todas as paredes.

Uma das portas em frente do hall revestido a madeira conduzia a uma biblioteca sem livros mas cheia de vídeos em capas a imitar couro. Havia também um plasma de TV de um tamanho descomunal. O sofá de pele preto em frente estava cheio de peluches. Um quadro a óleo de um spaniel de olhos aquosos ornamentava a parede acima da lareira. Outro, de Elvis, adornava a parede em frente.

Céus, Claudia zombaria se visse aquilo. Poppy olhou para o tapete de pelo desgrenhado, suficientemente alto para precisar de aparo. Não era ao seu gosto, mas ela sentia-se estranhamente confortável na assoalhada. Alex

e Rita tinham-na mobilado para agradar a ninguém a não ser aos próprios. E, na realidade, era assim que as casas deveriam ser mobiladas.

A porta abriu-se atrás dela e Poppy deu um salto, culposamente ciente de que não tinha nada de estar ali.

— Aha, — ronronou uma voz masculina, — apanhei-te.

Um controlo remoto perdido tinha ficado enterrado nas profundezas do pelo desgrenhado aos pés de Poppy. Ao saltar, ela ligou inadvertidamente o gravador de vídeo. Um casal nu a brincar na cama surgiu no gigante ecrã de televisão. Poppy ficou escarlate, largou a bandeja de canapés em cima da mesinha de centro com relevos dourados e agarrou no controlo remoto. Um milhão de botões depois, conseguiu encontrar o *Off*.

— Não precisas de ficar tão chocada. — O intruso masculino estava a sorrir de orelha a orelha. — Não há nada de mal com um bocadinho de sexo entre adultos. Eu sou totalmente a favor.

Poppy lembrou-se de o ter servido mais cedo quando andara a distribuir o salmão fumado. Ela calculava que ele andasse pela casa dos trinta, tinha o cabelo penteado para trás com gel, uma compleição arruivada e um confiante sorriso de menino. Usava um fato cinzento de bom corte, o casaco forrado a seda azul. Um telemóvel espreitava-lhe do bolso. Era bem constituído, mas não particularmente alto e falava rapidamente, como um negociante do mercado de ações, com um ligeiro sotaque londrino.

— Eh, eh, calma — disse ele quando Poppy agarrou na bandeja e tentou passar descontraidamente por ele. Estendeu um braço para a deter. — Podíamos continuar a assistir juntos. Vá lá, senta-te e descansa um pouco os pés. Dá-me esse controlo remoto... eh, *relaxa*, eu disse...

Poppy desistiu da descontração. A descontração não ia funcionar. Aquele sujeito era do tipo consegue-o-que-quer e o braço dele estava a apertar-lhe a cintura como uma jiboia. Agora lembrava-se que ele era o que tinha estado a beber champanhe de um copo de um quarto de litro. Estava mais bêbedo do que aparentava. A sorrir triunfantemente, derrubou a bandeja de Poppy, catapultando duas dúzias de ostras com bacon em todas as direções. Ela sentiu a respiração quente dele no rosto quando ele a puxou. Tinha pedaços de cuspo nos cantos da boca. A tão curta distância, o cheiro do gel de cabelo era insuportável. — Largue-me — disse Poppy. Sentindo-se palerma, acrescentou: — Por favor.

— Calma, não precisas de entrar em pânico! Não vai entrar mais ninguém. Sabes, eu já tinha reparado em ti. Gosto de ruivas. Querida, querida, para de lutar! Eu gosto de ti e tu gostas de mim. Que tal um beijinho para animar?

— Não. — Poppy hesitou. Que gostaria Kenda que ela dissesse? — Não... muito obrigada.

Ele ficou mais insistente. O aperto em volta da cintura aumentou mais um bocado. — Só um beijinho. Não sejas desmancha-prazeres. É para isto que servem as festas, para nos divertirmos...

A descontração estava nesta altura completamente fora de questão. Poppy foi encurralada, firmemente encostada contra um aparador lacado a preto e dourado onde se encontrava uma garrafa de cristal com whisky e seis copos a condizer. Pelo tato, localizou o gargalo da garrafa atrás dela e levantou-a. Céus, era ainda mais pesada do que pensara.

— Por favor, deixe-me ir.

— Estás a gozar? — Ele riu-se, a boca aproximando-se da dela, a mão esquerda cada vez mais perto do seio direito. — Quando finalmente estamos a começar a conhecer-nos? Querida, não sabes como divertir-te...?

Parecia um enorme desperdício de whisky. Estava destinado a transformar-se numa mistura de maltes. Porém, era melhor isso do que uma pancada na cabeça com cristal no valor de várias centenas de libras. Pelo menos era menos prejudicial para o cérebro.

Poppy despejou o conteúdo da garrafa por cima do cabelo cheio de gel. Glu, glu, glu... em poucos segundos ele estava encharcado da cabeça aos pés.

— Desculpe — disse Poppy quando ele soltou um berro de raiva. Em seguida a porta da biblioteca abriu-se e Alex apareceu. Olhou fixamente para Poppy que tinha a garrafa vazia ainda na mão. Olhou para o convidado ensoado em whisky. Depois examinou a sola do sapato esquerdo e descobriu uma das ostras com bacon agarrada ao salto.

Alex olhou com pesar para a poça de whisky que se entranhava no tapete em volta dos pés do homem.

— Peço desculpa. — Desta vez Poppy estava a ser sincera.

— Não é preciso. Posso adivinhar o que aconteceu. O Derek estava a fazer das dele, não estava?

— Ela estava a pedi-las — disse Derek, irritado. — Estou a dizer-te que ela estava a pedi-las.

— Tu dizes sempre isso. *Achas* sempre isso. — Alex parecia resignado. Virou-se para Poppy. — Ele é um devasso. E também previsível. Assim que ouvi a barulheira, pensei que ele devia estar a aprontar outra vez. Estás bem, querida?

Poppy anuiu com a cabeça. Momentos depois deixou de se sentir bem. Como um polícia de trânsito que aparece no momento em que se acabou de estacionar num local proibido, Kenda apareceu à porta.

— Ok, — disse ela, compreendendo a cena muito mais rapidamente do que Alex e chegando às suas próprias conclusões, — basta, Poppy. Envergonhaste a Cozinha da Kenda. Eu avisei-te. Dei-te todas as oportu-

nidades. — Fez uma pausa. O desempenho era tanto para Alex como para Poppy. Clientes que gastavam, gastavam e gastavam como os Fitzpatrick não mereciam menos que o melhor. — O teu comportamento esta noite foi péssimo — concluiu ela rigidamente. — Estás despedida.

*Merda*, pensou Poppy.

— Não olhem para mim — disse Derek, embora ninguém estivesse a fazê-lo. — A culpa não é minha. Foi ela que pediu. Olhem para o estado do meu maldito fato!

— Por favor, — disse Alex com sensatez, voltando-se para Kenda, — não há necessidade de despedir ninguém. O Derek está muito embriagado. Entusiasmou-se, foi isso. A Polly teve de se defender. Não podia deixar que ele a babasse toda sem dar um bocadinho de luta, pois não?

— Poppy — disse Poppy, sentindo-se magoada por ele nem sequer se ter lembrado do seu nome. — Não é Polly. É Poppy.

— Desculpa, querida. — Alex piscou o olho e depois dirigiu a sua atenção para Kenda. — Vá lá, dê uma oportunidade à miúda. Não quer mesmo mandá-la para a rua.

— Lamento, mas não tenho escolha — respondeu Kenda com um ar determinado. Olhou para Poppy. — E antes de saíres, podes limpar esta confusão horrorosa.

Havia ostras com bacon por todo o lado. Bocados de ostra e tiras de bacon cobriam o tapete peludo. Uma ostra tinha aterrado em cima do quadro emoldurado de Elvis.

Estava realmente uma confusão horrorosa. Poppy rezou para que o tapete não estivesse arruinado. Pegou na bandeja de prata, dobrou-se e começou a apanhar as ostras do tapete.

— Para. — Alex baixou-se e agarrou-a pelo cotovelo. Puxou-a para cima e deu-lhe um aperto tranquilizador. — Não precisas de fazer isso. Se queres saber a minha opinião, esta mulher foi muito rude contigo. Passou das marcas.

— Eu... eu... — gaguejou Poppy.

— E, de qualquer forma, se ela já te despediu, eu acho que devias deixá-la apanhar as suas malditas ostras. Porque haverias tu de o fazer, se ela já te pôs na rua? — perguntou Alex. — Diz à vaca velha para se ir lixar.

Poppy não tinha chorado quando cancelara o casamento. Não tinha chorado quando descobrira que o pai não era seu pai. Nem sequer chorara na noite em que Caspar tinha assaltado o frigorífico e comido o seu último Magnum.

— Pronto. Veja o que você fez. — Alex apontou um dedo acusador a Kenda. A sua pulseira de identificação brilhou à luz. — E nem sequer quis ouvir a versão dela.

Poppy não estava a chorar por ter perdido o emprego. Estava a chorar porque o pai tinha o braço à sua volta. Estava a confortá-la, a defendê-la, como um verdadeiro pai deveria fazer. Era uma sensação que Poppy nunca tinha experimentado e nunca se apercebera, até àquele momento, o quanto lhe tinha feito falta.

Como não estava constipada, Poppy não tinha nenhum lenço à mão. Alex retirou um vermelho e branco às bolinhas do colete e enfiou-lho na mão.

Ainda a pingar whisky, Derek resmungou algo acerca de uma troca de roupa e desapareceu.

— Bons ventos o levem! — disse Alex. — Imbecil. A mulher vai dar-lhe o que merece quando vir o estado dele.

— Vou chamar outra das meninas — anunciou friamente Kenda. — Para limpar isto.

— Deixa estar. — Poppy fungou ruidosamente e secou os olhos com o lenço às bolinhas. — Eu faço isso.

— Vai devolver o emprego a esta miúda? — perguntou Alex.

— Não, não vou.

— Muito bem, — disse Alex, virando Poppy para a porta, — então tu vens comigo. Estás a precisar é de uma bebida.